

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADO À EDUCAÇÃO

RENATA MAGALHÃES VAZ ASSIS

**POESIA MODERNA E CONTEMPORÂNEA E FORMAÇÃO DO
LEITOR: a produção poética de Heleno Godoy em sala de aula.**

GOIÂNIA
2018

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES
NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: ☒ **Dissertação** ☐ **Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

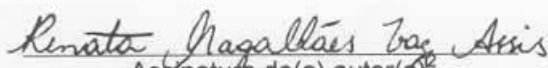
Nome completo do autor: Renata Magalhães Vaz Assis

Título do trabalho: POESIA MODERNA E CONTEMPORÂNEA E FORMAÇÃO DO LEITOR: a produção poética de Heleno Godoy em sala de aula.

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento ☒ **SIM** ☐ **NÃO¹**

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.


Assinatura do(a) autor(a)²

Ciente e de acordo:


Assinatura do(a) orientador(a)²

Data: 09 / 10 / 2018.

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

² A assinatura deve ser escaneada.

RENATA MAGALHÃES VAZ ASSIS

**POESIA MODERNA E CONTEMPORÂNEA E FORMAÇÃO DO
LEITOR: a produção poética de Heleno de Godoy em sala de aula.**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás para a obtenção do título de Mestre em Ensino na Educação Básica.

Área de Concentração: Ensino na Educação Básica

Linha de pesquisa: Práticas Escolares e Aplicação do Conhecimento.

Orientadora: Dr^a Célia Sebastiana Silva

GOIÂNIA
2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Assis, Renata Magalhães Vaz
POESIA MODERNA E CONTEMPORÂNEA E FORMAÇÃO DO
LEITOR: [manuscrito] : a produção poética de Heleno de Godoy em
sala de aula. / Renata Magalhães Vaz Assis. - 2018.
CXXXII, 132 f.

Orientador: Profa. Dra. Dra Célia Sebastiana Silva.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Centro
de Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE), Programa de Pós-Graduação
em Ensino na Educação Básica (Profissional), Goiânia, 2018.
Bibliografia. Anexos.
Inclui siglas, fotografias, gráfico.

1. Ensino.. 2. Leitura.. 3. Poesia Moderna e Contemporânea.. 4.
Heleno Godoy.. I. Silva, Dra Célia Sebastiana, orient. II. Título.



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA
MESTRADO - PPGEED
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO



ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Aos vinte e oito dias do mês de setembro de 2018, às 14:00 horas, nas dependências do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás, foi realizada a defesa de dissertação de mestrado intitulada **POESIA MODERNA E CONTEMPORÂNEA E FORMAÇÃO DO LEITOR: A PRODUÇÃO POÉTICA DE HELENO GODOY EM SALA DE AULA** da mestranda **Renata Magalhães Vaz Assis**, como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre em Ensino na Educação Básica.

Ao término da defesa a banca examinadora (Port. nº 060/PPGEED/2018 de 13 de setembro de 2018), considerou a dissertação apresentada

(X) Aprovada

() Não aprovada

Observações:

Proclamado o resultado, o (a) presidente encerrou os trabalhos e assinou a presente ata com os outros membros da banca examinadora.

Goiânia, 28 de setembro de 2018.

Profa. Dra. Célia Sebastiana Silva (PPGEED/CEPAE/UFG) – Presidente

Profa. Dra. Vivianne Fleury de Faria (PPGEED/CEPAE/UFG) – Membro interno

Profa. Dra. Solange Fiuza Cardoso Yokozawa (FL/UFG) – Membro externo

DEDICO

A Deus: ‘Princípio, Meio e Fim’. Nada do que aqui se encontra seria possível sem a permissão Dele. Meus caminhos, minhas escolhas e meu futuro são e vêm de Deus. Obrigada, Senhor!

Aos meus pais, João e Guilhermina, por sempre acreditarem em mim, pelo incentivo constante e tanto amor devotados.

À minha avó, Geny (In memorian), pelo amor, pela presença (durante seus 90 anos e 05 meses de vida), o carinho, as preocupações incondicionais, as noites não dormidas ao meu lado, por enxugar minhas muitas lágrimas, me acalantar em seu colo, como uma menina; as orações constantes e, hoje, sua presença e proteção, junto ao Pai, com a certeza de que muito legado me deixou e que ainda olha e zela por mim. Obrigada, minha avó! Obrigada, Deus, por tantos anos ao lado da ‘minha menina’!

Ao meu marido, Douglas, pela compreensão, incentivo, companhia e pela disposição em sempre se fazer presente e vivo na minha vida e em quaisquer caminhos que eu escolha seguir.

Ao meu filho, João Gabriel, pela compreensão das minhas ausências; pelo incentivo, ao seu modo – mesmo que, no seu pequeno mundo, ele ainda não compreenda a proporção desse estudo –, e pelo amor mais puro e sincero dedicado a mim, o qual me move e me faz nunca desistir, mesmo quando eu insisto em querer parar.

À minha irmã, Maysa, por ser meu referencial, minha parceira e meu orgulho, na sua melhor e mais linda forma.

À toda minha família. Família é base, é vida, é tudo!

Aos meus ex-professores e colegas de profissão, Célia, Regina e Leosmar, por sempre acreditarem em mim.

À minha orientadora, Célia, pessoa a qual respeito e admiro enquanto pessoa, profissional e ser humano. Sou grata pelo muito que já me ofertou e por muito que me oferta. Obrigada pelas oportunidades que me propiciou ao longo da minha formação acadêmica.

AGRADECIMENTOS

A Deus: meu suporte, meu Guia e meu Amparo. Agradecida por nunca Se esquecer de mim, pelas oportunidades ofertadas ao longo da minha trajetória, algumas inimaginadas; pelos milagres cotidianos, pelo resultado desse trabalho e pelas vivências mistas (pessoais, acadêmicas...) durante esses meses de estudo.

À minha avó, que se foi no decorrer desse percurso, mas que ainda vive em mim. De alguma forma, em algum lugar, ela presenciará minhas escolhas e meus resultados ao longo da vida. Grata pela convívio, pelo amor e pelo ombro que me ofertou ao longo de meus trinta anos.

À Célia, por todo carinho, atenção, disponibilidade, paciência e conhecimento a mim destinados. Sou grata e orgulhosa por tê-la como minha orientadora, por ver tanta força e tanto conhecimento nela e por sentir o amor com que ela vive e coloca no seu ‘fazer’ diariamente poético, com uma sensibilidade linda e presentificada em sua profissão.

Ao Centro de Pesquisa Aplicada à Educação e à Universidade Federal de Goiás, lugares que muito bem me acolheram e disponibilizaram espaço para eu trilhar e realizar novas descobertas.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás, que me deu suporte financeiro ao longo de vinte e quatro meses do mestrado.

À Secretaria Estadual de Educação, Cultura e Esporte do Estado de Goiás por me possibilitar dois anos e meio de dedicação exclusiva ao mestrado.

Aos professores do CEPAE, por nos ensinarem, através de suas práticas, a repensar a docência e por contribuírem teoricamente para o aporte conteudístico dessa e de tantas outras pesquisas realizadas na instituição, assim como um aporte teórico pessoal a ser aplicado em quaisquer relações estabelecidas na vida.

Aos colegas, os de sala e as de estrada, por serem sempre, mesmo com as adversidades (as do caminho e as de pensamentos), apoio e acalento nas angústias, nas dúvidas e nas ansiedades.

RESUMO

O presente trabalho parte da problemática de ‘Como a leitura da poesia moderna e contemporânea pode contribuir para formar o leitor literário?’ e objetiva discutir a formação de leitores literários na escola, a partir da leitura de poesia. A escolha do *corpus* de análise para a pesquisa surgiu do interesse de valorizar a produção poética do goiano Heleno Godoy, poeta considerado uma das figuras fundamentais para a poesia produzida em Goiás, em especial, nas obras mais recentes. Dessa forma, foram trabalhados poemas selecionados dos livros *A casa* (2001) e *Lugar comum e outros poemas* (2005), dentre outros poemas. Para a metodologia, foi dado o trato qualitativo, com uma pesquisa-ação realizada em uma escola pública, de periferia, da cidade de Inhumas -GO. Tal metodologia se caracterizou por uma intervenção, em sala de aula, com a leitura de poemas dos livros já mencionados, de Heleno Godoy, seguidos de debates, questionário semiestruturado e outras atividades pedagógicas. Como produto educacional da pesquisa, obteve-se a produção de um documentário realizado com o poeta goiano com o apontamento de possibilidades para a leitura da poesia na escola.

Palavras-chave: Ensino. Leitura. Poesia Moderna e Contemporânea. Heleno Godoy.

ABSTRACT

The present work is based on the problematic 'How can reading modern and contemporary poetry contribute to the formation of the literary reader?' and aims to discuss the formation of literary readers in the school, from reading poetry. The choice of the corpus of analysis for the research arose from the interest of valuing the poetic production of the native of Goiás Heleno Godoy, a poet considered one of the fundamental figures for the poetry produced in Goiás, especially in the most recent works. Thus, poems were selected from the books *A casa* (2001) and *Lugar comum e outros poemas* (2005), among other poems. For the methodology, the qualitative treatment was given, with an action research carried out in a public school, in the outskirts of the city of Inhumas-GO. This methodology was characterized by an intervention in the classroom with the reading of poems from the books already mentioned, by Heleno Godoy, followed by debates, semistructured questionnaire and other pedagogical activities. As an educational product of the research, it was obtained the production of a documentary made with the natural poet of Goiás with the pointers of possibilities for the reading of the poetry in the school.

Keywords: Teaching. Reading. Modern and Contemporary Poetry. Heleno Godoy.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1	
FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO	
1.1 A literatura e seu caráter emancipatório.....	15
1.2 A poesia na escola: seu alcance e sua função.....	20
1.3 A contribuição da leitura de poesia moderna e contemporânea para a formação do leitor literário.....	27
CAPÍTULO 2	
HELENO GODOY NO CONTEXTO DA POESIA MODERNA E CONTEMPORÂNEA	
2.1 Heleno Godoy: considerações sobre o autor e sua obra.....	40
2.2 <i>A casa e Lugar comum e outros poemas</i> : apontamentos sobre o <i>corpus</i> da pesquisa.....	44
CAPÍTULO 3	
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE DE DADOS	
3.1 Sob os trilhos do fazer, reinventar e sentir poético: as metodologias de percurso e a análise de dados.....	56
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	78
REFERÊNCIAS.....	81
ANEXOS.....	87

INTRODUÇÃO

A poesia é um gênero que se encontra marginalmente nas escolas, mas que deveria ocupar lugar contrário ao que desempenha, visto sua natureza original presente nas relações sociais e sua função humanizadora, tal como aludido por Candido (2004). Assim, Paz (1973, p. 143), ao analisar o gênero, considera:

A poesia (...) está feita de palavras, uma lufada de ar que não ocupa lugar no espaço. Ao contrário do quadro, o poema não mostra imagens, nem figuras: é um conjuro verbal que provoca no leitor, ou no ouvinte, um fornecedor de imagens mentais. A poesia se ouve com os ouvidos mas se vê com o entendimento. Suas imagens são criaturas anfíbias: são ideias e são formas, são sons e são silêncio.

O mesmo estudioso, em outra publicação, *Signos em rotação*, conceitua novamente a poesia, encorpando ao conceito inicial: “a poesia, se é alguma coisa, é revelação da essencial “heterogeneidade do ser”” (PAZ, 1996, p. 31). E, ainda, T. S. Eliot (In: ELIOT, 1989, p. 42-43) agrega às considerações a “concepção da poesia como um conjunto vívido de toda a poesia já escrita até hoje”.

Essas três conceituações de poesia, portanto, dão uma noção aguda do gênero poético e configuram as percepções acerca dele, de modo que se nota, a partir da primeira definição, a articulação e elaboração das palavras no texto poético de maneira que elas ganham sobrevida no outro. As palavras se articulam de forma que ultrapassem a matéria física do homem, percorram a interioridade abstrata e alcancem o estado de espírito pleno do ser, assim como Hegel (2004) relata ao discorrer sobre a poesia.

A segunda definição envolve a “heterogeneidade do ser”, constituída pelas várias vozes presentes no poema, resultante, segundo Perrone-Moisés (2005), do inter-relacionamento de discursos. Dessarte, o interdiscurso caracteriza a atividade poética, já que, a partir do século XIX, ele passou a aparecer implicitamente nas obras literárias, por meio da reelaboração ilimitada da forma e do sentido.

A poesia, pois, está em tudo quanto há vida; inerente às relações humanas, desde as mais primárias, assim como dito por Eliot (1989). O poema, então, permite o exercício da imaginação e funciona como “um modelo do que poderia ser a sociedade humana” (PAZ, 1973, p. 147), lida com as semelhanças e relaciona realidades contrárias.

Dessa forma, a literatura, segundo Candido (2004), deve ser concebida em seu sentido amplo. Ela assegura o equilíbrio social, a possibilidade de denúncia, do combate, das manifestações, das negações e da luta em si. Como a literatura está ligada ao constructo da

estrutura e do significado, ainda de acordo com Candido (2004), ela passa, por sua vez, a promover e viabilizar o conhecimento. Ela tira as palavras do nada e as organiza em um todo articulado, comunicando e humanizando. Com o auxílio dela, o poeta transforma o informal ou aquilo que aparentemente não se pode expressar em estrutura e atemporal, e dá forma aos sentimentos e à visão de mundo, o que é trabalhado por Heleno Godoy, um escritor atento aos problemas sociais e às condições do homem moderno e contemporâneo.

Para adentrar às considerações sobre o poeta, vale mencionar a questão levantada por Luiz Costa Lima, no início de seu estudo crítico *A arte secreta*, contida em *Inventário*, obra mais recente de Heleno Godoy e que reúne a produção literária do escritor, resultante de seus quarenta e três anos de ofício, em que diz: “quem sabe quem é Heleno Godoy?” (Lima, In: GODOY, 2015, p. 501). Esse questionamento justifica-se por Heleno Godoy ser pouco conhecido no meio literário nacional, “distante da república das letras” (consequência de sua escolha em publicar nas editoras locais, na cidade de Goiânia; onde reside), informações essas obtidas, ainda, por meio de Lima (In: GODOY, 2015).

O poeta é nascido no estado de Goiás. Detentor de uma produção literária, e poética, vasta e respeitável, e com um domínio preciso das técnicas de composição e o uso de recursos, segundo Borsato (In: GODOY, 2015), tais como: a metalinguagem, a repetição, o uso de metáforas, o materialismo, o trato com a objetividade e a subjetividade, a interlocução e o interesse pela tradição passada.

Todos esses recursos aparecem trabalhados ao longo dos doze livros de Godoy, sendo oito deles de poesias. Dentre essas obras, vale ressaltar *A casa e Lugar comum e outros poemas*, obras que são *corpus* de análise dessa pesquisa, assim como a leitura da poesia moderna e contemporânea.

Ainda sobre Godoy, Borsato (In: GODOY, 2015, p. 497) assim discorre:

Godoy não se limita aos temas, mas aos modos de composição poética, conjugando apuro compositivo e abordagens criativas de questões polêmicas. (...). Heleno Godoy não foge à labuta crítica e criadora. Cabe ao leitor a participação no processo, o movimento de apreensão atenciosa do intercâmbio contínuo entre os poemas.

Logo, Godoy é um escritor contemporâneo que ainda vive um paradigma moderno. Moderno por, segundo Célia Sebastiana Silva (In: GODOY, 2015), estabelecer diálogo com a cultura ocidental, seguindo a tradição de James Joyce, T. S. Eliot e Ezra Pound. E contemporâneo por se mostrar um escritor além de seu tempo, com uma consciência imprescindível de sua escrita e enquanto poeta, rompendo com a tradição, e libertando-se da

linearidade cronológica, com um eu-lírico que cede lugar de destaque para a palavra e que se abstém dos arrebatamentos sentimentais. Um contemporâneo marcado, especificamente, por nascer no seio da vanguarda concreta e a partir de *Fábula fingida*, sem abandonar essa mesma vanguarda, encontrar um caminho próprio.

Assim, continuamente à Godoy e suas obras, há a contribuição para a formação do leitor literário, resultante das leituras e apreensões dos textos (poéticos) do escritor e demais autores (modernos (ou não) e contemporâneos). Dessarte, muito se tem estudado sobre a formação leitora infantil, mas pouquíssimas pesquisas que abrangem a formação do jovem leitor são realizadas, apesar de, gradativamente, estarem adentrando os cenários acadêmicos e ganhando a atenção de críticos e pesquisadores ao longo do Brasil e do mundo. Os olhares desses estudiosos, em específico, estão mais atentos e celebram a perspicácia de homens conscientes e sagazes de suas funções sociais.

Logo, a dissertação é organizada em três capítulos, mais anexos. O primeiro capítulo se subdivide em três partes e aborda a leitura e o seu caráter emancipatório, fazendo um percurso do direito e das funções da literatura na esteira de Antonio Candido e Umberto Eco, com reflexões acerca da literatura na escola, sustentada, sobretudo, por Regina Zilberman e Tzevan Todorov.

Adiante, são feitas considerações acerca da poesia e discutido o alcance e a função do texto poético no cenário escolar, ressaltando-se o poder humanizador da poesia e a maneira como ocorre a recepção desse gênero por parte dos discentes, além de apontamentos sobre a forma como se conduz a poesia na sala de aula.

A última análise desse capítulo faz um panorama entre modernidade e contemporaneidade, percorrendo a poesia moderna e contemporânea até se chegar a Heleno Godoy, situando-o nessa conjuntura, e finalizando com considerações relativas à formação leitora resultante da assimilação do moderno e contemporâneo.

O segundo capítulo destina-se à apresentação de Heleno Godoy, perpassando sua vida e obra, além de delimitar sua ligação ao Grupo de Escritores Novos (GEN) e à Práxis, com considerações sobre os livros *A casa e Lugar comum e outros poemas*, livros do poeta Heleno Godoy e *corpus* de análise desta investigação. Para tal, críticas contidas no livro *Inventário*, do poeta em estudo, e análises de Gilberto Mendonça Teles sobre a atuação dos integrantes do GEN, aparecem ao longo desse segmento.

O terceiro e derradeiro capítulo faz a descrição da pesquisa (uma pesquisa-ação, de trato qualitativo, e que propõe a discussão da formação leitora do jovem leitor, na escola, a partir da leitura de poesia), conceituando-a e delimitando o seu *locus*, assim como os

participantes dessa investigação. Os procedimentos metodológicos são minuciosamente relatados e é feita a análise de dados, com base no material aplicado em sala de aula e recolhido.

Finalmente, nos anexos encontra-se a sequência didática, com a descrição das aulas aplicadas neste estudo; o questionário semiestruturado, respondido individualmente por cada participante da pesquisa; a estruturação das perguntas e palavras/frases-chaves que nortearam o documentário feito com o poeta Heleno Godoy; o documentário realizado com o escritor (produto educacional dessa pesquisa) e as imagens dos livros *A casa e Lugar comum e outros poemas*.

Para tanto, a pesquisa, analisada e descrita neste trabalho, tem como problema a discussão de ‘como a leitura da poesia moderna e contemporânea pode contribuir para a formação do leitor literário’. Dentro desse escopo, os objetivos elencados centram-se, especificamente, na leitura de poemas dos livros *A casa e Lugar comum e outros poemas*, de Heleno Godoy; no incentivo à leitura e à reafirmação da importância da prática literária na escola; ao trabalho com o texto poético, de forma a dar a conhecer o lado humanizador e o caráter atemporal desse gênero, além do intuito de se provar que a prática da leitura permite uma ressignificação do texto poético e do processo de criação da poesia, por meio de inferência e interpretação do leitor.

Já o *locus* da pesquisa compreende uma escola pública (Escola Estadual Presidente Castelo Branco), de periferia, localizada na cidade de Inhumas - GO, turno matutino, do Ensino Fundamental II. Essa investigação envolve, inicialmente, participantes do 7º ano, (turma A), do turno matutino, com idade entre onze e dezesseis anos. *A posteriori*, os participantes passam a se designar como discentes do 8º ano, (turma C), do turno matutino, com idade entre doze e dezesseis anos. A duplicidade dos participantes se deu motivada pela aplicação e reaplicação da pesquisa no *locus*, justificada pela não obtenção de resultados satisfatórios na primeira intervenção.

Logo, com vistas a alcançar os objetivos estabelecidos, a reaplicação da pesquisa foi necessária e conseguiu, ao final, cumprir o intento da pesquisa. Para além, resolve-se, portanto, analisar as duas investigações e expor os resultados obtidos em cada uma delas, finalizando-se com uma reaplicação caracterizada por modificações metodológicas essenciais e por um desfecho, enfim, satisfatório.

CAPÍTULO 1

FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO

1.1 A leitura e seu caráter emancipatório

[...] Ser poeta é saber abandonar a palavra. Deixá-la falar sozinha, o que ela só pode fazer escrevendo.

Jacques Derrida

Falar de tradição e modernidade é também falar do acesso à literatura, visto que o passado e o novo estabelecem uma relação intrínseca e que conduz à reestruturação dos conceitos estéticos, com a produção de obras ricamente elaboradas; e dos processos e entraves que permeiam esse caminho até se chegar à formação do leitor, em especial, do leitor de poesia e ao caráter emancipatório da leitura.

Candido (2004) teoriza que negar a fruição da arte e da literatura é um erro que fere os direitos humanos, já que assegurar os direitos humanos do cidadão é garantir a sobrevivência física e a integridade espiritual. O crítico aponta que direitos humanos é tudo aquilo que é indispensável a nós e também ao próximo. Assim como moradia, alimentação, vestuário, saúde, instrução, amparo à justiça pública e liberdade individual são bens incompressíveis, o acesso à arte e à literatura também são bens que não podem ser negados. Candido ainda argumenta que a literatura não pode se estabelecer dentro da diferença de classes. Ela deve ser equitativa e acessível a todos. A literatura humaniza porque liberta e leva o cidadão a se educar e não apenas a se instruir, com uma instrução marcada por regras prontas e mecânicas.

Destarte, a literatura deve ser um meio de educação e instrução, livre da instrumentalização e deve exercer um papel formador da personalidade do indivíduo, provocando uma catarse, um sentir o outro em si. Nesse sentido, a literatura assume a função de promover a boa disposição para com o próximo e gerar a capacidade de penetrar nos problemas da vida – não facilita ou suaviza os problemas, mas trata-os em sua complexidade.

Para além disso, a literatura, para Eco (2003), cria identidade da língua e da comunidade e mantém em exercício a língua individual e a língua como patrimônio coletivo. Eco destaca, dentre as funções da literatura, que a leitura literária obriga a um exercício de fidelidade e de respeito na liberdade da interpretação. Logo, ela deve colocar as pessoas no âmbito da ambiguidade da linguagem e da vida, ou seja, o leitor parte de uma materialidade que tem coerções e limites, com leituras feitas a partir do conhecimento de mundo, porém,

sem ultrapassar os limites básicos da obra, respeitando as intenções do autor, as intenções do texto e somando as suas próprias intenções.

Assim sendo, Piglia (2006) aponta que, antes de escrever, o autor pensa para quem escreve e como será a recepção dessa literatura por parte do leitor. A partir de então, surgem as figurações do leitor na literatura. O autor então examina ‘quem será o seu leitor’, ‘para quê ele lê’, ‘em que condições ele lê’ e ‘qual a história de vida desse leitor’.

Pode-se dizer, então, que a obra literária alcança o seu intento de formar o leitor, tipificado como aquele que se identifica com o texto, mas o olha com inquietude, sai do anonimato, torna-se visível, e passa a ser, então, parte do texto, quando consegue alcançar com excelência todos esses apontamentos e estabelecer uma relação proximal entre o leitor e o texto. A leitura, afinal, vai além do que se nota no papel. Ela é vista, *a priori*, sob o olhar do escritor e se estende ao leitor. Quanto mais o leitor se aproxima da obra, maior significado ela alcança e, assim, consegue provocar uma postura inquietante, estranha e familiar.

Dessa maneira, com base no processo de leitura supracitado, que abarca autor, leitor, a escritura e a interpretação, já referenciadas por Piglia, Perroti (1999, p. 230-231) pontua, em um viés crítico, que as

teorias contemporâneas não tratam mais a leitura como simples reconstituição de um sentido que estaria dado, oculto, estabelecido, definitivamente nas tramas do texto, mas sim como produção, construção, contrapartida de outro ato de produção de significação: a escritura. (...) A leitura, atualmente, não é mais compreendida como atividade passiva, reflexo no leitor de imagens definidas pelo autor. É ato criativo e criador.

Intrínseca a esse ato criativo e criador está a literatura, que possui um caráter libertador e humanizador discutido por Todorov (2009). O autor percorre o cenário da escola, da teoria literária e da produção contemporânea, e faz uma apreciação sobre a orientação atual do ensino de literatura nos programas escolares da França, cujo contexto da realidade do cenário escolar não é diferente no Brasil, e sobre a orientação que deveria existir. Todorov volta-se para a uma análise crítica da literatura, especialmente a francesa, e propõe para si e, seguidamente, para seus leitores, uma nova abordagem da literatura de modo que se observe mais seus sentidos e menos suas estruturas formais.

Na primeira conjuntura, o da diretriz atual do ensino de literatura, aborda-se uma orientação voltada toda no sentido do “estudo da disciplina” e enseja-se, na segunda perspectiva, o apontamento de uma orientação voltada para o “estudo do objeto”. Contrapondo essas duas orientações e com o olhar atento à escola e ao ensino de literatura, Todorov salienta sobre a imprescindibilidade de se ‘conhecer a literatura’ e da necessidade de

se repensar o ‘ensino da literatura’. Ainda, referencia o conhecimento da literatura como uma das vias régias que conduzem à realização pessoal e pontua que o caminho assumido pelo ensino literário atual dificilmente conduzirá ao amor pela literatura.

Ainda sobre o cenário escolar, Zilberman (1985) faz uma análise sobre a democratização da escola e a trajetória histórica social da leitura, especialmente no que se refere ao direito e acesso ao espaço escolar. A autora relata que antes da revolução cultural, datada no século XVIII, a escola era privilégio de uma minoria. Apenas com o advento da burguesia expandiram-se as oportunidades de acesso ao saber, com a amplificação do sistema escolar e a ampliação do público leitor, e foi justamente o caráter emancipatório da leitura, pregado e divulgado pelos iluministas, que permitiu o acesso ao ideário liberal defendido pela burguesia. Em tempo, Todorov (2009) e Zilberman dialogam ao defenderem a necessidade da delimitação do sentido do objeto na literatura e ao correlacionarem leitura e literatura como unidade que aproxima os contatos concretos do ser humano a seu aspecto físico, histórico e social no intuito de substituí-los, referindo-se ao poder de humanização da leitura e da literatura.

Ora, a escola, então, deveria ser um elo entre a criança ou jovem e a cultura, por meio da leitura. Por outro lado, a leitura esbarra na cultura massificada, de caráter pragmático e objetivo, com o impedimento do escapismo e da fantasia. Dessarte, a literatura erudita assume uma posição longínqua do alcance da população, já que a literatura massificada ganha paulatinamente espaço considerável, com um acesso bastante facilitado.

Outro aspecto relevante é a formação escolar voltada para a meritocracia, o que é resultado da democratização da escola, em parte, ineficiente, no sentido de políticas como esta, em que há um modelo de premiações baseado nos méritos pessoais de cada indivíduo, o que acaba por favorecer as desigualdades. Além disso, aliado à meritocracia, tem-se um sistema educativo sustentado em uma hierarquização rígida, em que as partes do livro viram o currículo, e apoiada no livro didático (material que embora seja o meio de acesso ao texto literário, acaba por mutilá-lo). Logo, o livro didático sinaliza, usualmente, o “único” caminho para se alcançar excelentes resultados e posições satisfatórias nos *rankings* sustentados pela meritocracia.

Há, ainda, a pouca disposição das pessoas na busca pela literatura, visto que a leitura demanda tempo e empenho, dois aspectos importantes e os quais o homem, raramente, está disposto a abdicar; a parca frequência às bibliotecas e livrarias, resultado de condições financeiras ou mesmo de culturas arraigadas na sociedade, com a valorização de apologias a temas polêmicos e distanciamento do mundo das letras; o elevado índice dos meios de

comunicação em massa, que apesar de propiciarem acesso facilitado e rápido, nem sempre são utilizados de maneira satisfatória pelos usuários e que promovam a leitura de textos e obras de qualidade; e o excessivo custo dos livros literários, já que as editoras produzem direcionadas às camadas mais abastadas da sociedade por serem elas as maiores consumidoras de livros e das artes em geral, o que justifica-se pelas condições financeiras favoráveis dessas camadas. O desinteresse cultural, portanto, produz uma debilidade que interfere na cultura e na qualidade das obras.

Nesse contexto, se vislumbra o papel da escola, a qual passa da condição de transformar o indivíduo ‘habilitado a ler’ em ‘um leitor’, para a condição única de alfabetizadora, via de regra, pelo livro didático e longe de uma sensibilização da literatura. Distante, portanto, do subjetivismo, o qual Jouve (2013) reporta como imprescindível para a concepção de um olhar afetivo direcionado às obras, no sentido de que o leitor saia de si e volte para si, numa reapropriação parcial do texto pelo leitor, sendo que a leitura de um texto é a leitura do sujeito por ele mesmo.

Tanto o plano afetivo quanto o intelectual são, portanto, afetados pela subjetividade. Certas operações de leitura precisam da subjetividade para se dar bem e oferecer condições para o leitor realizar seus processos de representações mentais. Assim, as condições da sala de aula e os movimentos geridos dentro desse ambiente influenciarão diretamente nas construções das imagens mentais dos futuros leitores, instigados por suas memórias pessoais e suas dimensões afetivas.

Porém, o desequilíbrio surge dentro da própria classe, com indivíduos dotados de capital cultural variável (BOURDIEU, 2007) e com a restrição das classes sociais menos favorecidas quase que exclusivamente ao livro didático, os quais são até úteis, mas não formam leitores, posto que o livro é tido como sinônimo de escola, informações e lições. Ademais, outro aspecto considerável é o medo que permeia alguns educadores sobre o efeito que os textos literários podem suscitar na formação do homem. É válido reforçar que esse receio à literatura não é uma atitude de caráter generalizado. Há uma parcela de educadores que demonstram ânimo e desvelo à literatura. Ao mesmo tempo que a fração dos docentes difundem a importância e a necessidade do acesso à literatura, eles demonstram dificuldade e deficiência de formação, reflexos do modo com se dá a instrução acadêmica em boa parte dos cursos de Letras; com pouco domínio da literatura, comprometendo negativamente o poder pessoal, social e ideológico desse contato, que é tão bem justificado por Candido (2004, p. 176, grifo do autor) adiante:

Há "conflito entre a ideia convencional de uma literatura que *eleva e edifica* (segundo os padrões oficiais) e a sua poderosa força indiscriminada de iniciação na vida, com uma variada complexidade nem sempre desejada pelos educadores. Ela não *corrompe* nem *edifica*, portanto; mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver".

Candido ainda discorre reforçando o papel humanizador da literatura e as faces assumidas por ela. O crítico pontua acerca da literatura:

(1) ela é uma construção de objetos autônomos como estrutura e significado; (2) ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos; (3) ela é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente. (CANDIDO, 2004, p. 176)

Em geral, pensa-se que a literatura atua sobre o homem sob o terceiro aspecto, porque transmite conhecimento que, conseqüentemente, resulta em aprendizagem, como se fosse uma forma de instrução. Contudo, o crítico ressalta que o efeito das obras literárias é em virtude da posição sincrônica dos três aspectos e complementa que, embora se pense menos no primeiro aspecto, que diz respeito à *maneira* como a mensagem é construída, é ele – o primeiro aspecto – o mais relevante, senão o aspecto crucial, já que é o que decide se uma comunicação é literária ou não.

A obra literária, então, é um objeto construído. E essa construção é detentora de um grande poder de humanização, como ‘construção’ mesmo. Nesse intento, o poeta, quando elabora uma estrutura, usa das palavras como se fossem tijolos de uma construção (comparação feita por Candido) a fim de propor um modelo de coerência. Ora, a produção literária quando impressiona, impressiona porque assim foi organizada por quem a produziu. Logo, “o conteúdo só atua por causa da forma, e a forma traz em si, virtualmente, uma capacidade de humanizar devido à coerência mental que pressupõe e que sugere” (CANDIDO, 2004, p. 178).

O teórico ainda completa que “a produção literária tira as palavras do nada e as dispõe como todo articulado” (CANDIDO, 2004, p. 177). Isto é, a organização das palavras conecta ao nosso espírito e o leva a se organizar e, posteriormente, organizar o mundo. A mensagem é, pois, indissociável do código, visto que o código é quem assegura a intencionalidade do texto. Todavia, “as palavras organizadas são mais do que a presença de um código” (CANDIDO, 2004, p. 178). Elas são uma organização articuladas com o desígnio de comunicar e que, portanto, tocam o homem porque obedecem a certa ordem.

A poesia, pois, desempenha com primazia as funções aludidas dantes sobre a produção literária e a organização das palavras. As ideias supracitadas vão, então, ao encontro do gênero poético, que tão bem articula as palavras, comunica, conecta as palavras ao espírito e o eleva, humaniza e, além, também forma crítica e criativamente.

Assim sendo, em linha contínua a este estudo, o capítulo seguinte abordará a poesia na escola, percorrendo noções básicas acerca da poesia e do recurso rítmico tanto em relação à poesia quanto à prosa, estabelecendo uma analogia entre ambos, até se chegar ao seio escolar, em que se mencionará a poesia na sala de aula, o papel do professor nesse processo de sensibilização e humanização por meio da poesia e da literatura, chegando-se, por fim, às funções assumidas pela poesia na sala de aula, e referenciando-se, no *corpus* dessa seção, a um fragmento de “A educação do ser poético”, de Drummond (1974), um dos fortes influenciadores da escrita godoyana.

1.2 A poesia na escola: seu alcance e sua função

O poema (...)
 desnuda o homem já despido, assegura ao homem vestido uma chama de reverência, o silêncio de espelho crédulo, o vazio de uma multidão seguindo firme e compassadamente. O poema sabe ser inexorável como a duplicação de estrada reta: segue inalterado, sem fim, ser vivo.

Helena Godoy - *Trímeros*

A poesia envolve atividades, conteúdos, estados (interior e exterior), o histórico, o espiritual e o material. Entretanto, não é a representação, mas o modo de se dizer e se organizar a linguagem que torna um conteúdo poético. O conteúdo passa de mera forma arquitetônica, escultória, para se deixar “comunicar no discurso em palavras e na bela combinação linguística delas” (HEGEL, 2004, p.17).

Dessa maneira, a poesia está ligada à forma e, ainda, de acordo Hegel (2004), é a arte universal que pode expressar em toda forma todo conteúdo. Ela não deve ficar presa unicamente ao representar poético, mas sim confiar suas configurações à expressão linguística, isto é, deve configurar seu interior de modo que ele assuma uma comunicação linguística, mas também tratar esse elemento linguístico de forma poética, a fim de diferenciar

a poesia da prosa, tanto em relação à estruturação quanto no que diz respeito à escolha dos sons das palavras.

Nessa linha, Paz reporta à temática sobre prosa e poesia e as relações sonoras estabelecidas por cada um desses gêneros. Ele fala brevemente sobre a poesia e referencia o canto, no fragmento abaixo, fazendo considerações importantes acerca da relevância desse canto para a fruição e recepção da poesia. Paz (1982, p. 282), em *O arco e a lira*, pondera:

Em suma, a luta entre prosa e poesia, consagração e análise, canto e crítica, latente desde o nascimento da sociedade moderna, resolve-se pelo triunfo da poesia.

(...)

A poesia é revelação da condição humana e consagração de uma experiência histórica completa. (...). Mortas as antigas deidades e a própria realidade objetiva negada pela consciência, o poema não tem mais nada que contar, exceto seu próprio ser. O poeta canta o canto. Mas o canto é comunicação. Ao monólogo não pode se seguir outra coisa que o silêncio, ou uma aventura entre todas desesperada e extrema: a poesia não mais se encarnará na palavra e sim na vida. A palavra poética não consagrará a história, mas será história, vida.

Veja-se a força do último período: “A palavra poética não consagrará a história, mas será a história, vida”. Dessarte, Paz, ao associar poesia e canto, remonta ao domínio dos ritmos fundamentais do ser como resultado do trabalho com a poesia, o que garante uma liberdade do dizer. O crítico ainda pontua a luta do prosador contra a sedução do ritmo, visto que, ao se deixar seduzir, o prosador acaba por estabelecer envolvimento maior com o texto literário e, nesse contato, se depara com seu lado mais sensível e mais receptível ao texto.

Essa proximidade gera certo desconforto ao prosador, já que o canto e os poderes rítmicos da linguagem configuram comunicação. Uma comunicação não apenas no plano das palavras, mas também no plano do diálogo pessoal e individual, do ser com ele mesmo, e com a promoção, conseqüentemente, da sensibilização e da humanização, distanciando o prosador da objetividade e do pragmatismo e achegando-o ao subjetivismo que é demarcado por esse encontro intenso do prosador com suas mazelas interiores, além do contato marcadamente profundo com os conflitos e problemas sociais, refletindo aqui o trato coletivo.

A palavra poética passa, pois, por um processo de transição que percorre a representação imagética e a linguagem para, assim, fazer história e, mais ainda, ser história, ser vida. A poesia então se configura revelação da condição humana e consagração de uma experiência histórica completa por meio “do desenvolvimento da criatividade, da expressão e da compreensão da linguagem como representação da experiência humana” (AVERBUCK, 1988, p. 66).

Dessa forma, mesmo com a resistência à prosa, a poesia triunfa. Visto que a prosa imagine e poetize; descreva lugares, fatos e almas; ela, então, afina com a poesia e com a história, com o mito e com a psicologia, com a imagem e com a geografia numa mistura de ritmo e exame de consciência, crítica e imagem, assim como relata Paz (1982).

A cada novo prosador, segundo Paz (1996), surge nova linguagem, daí seu caráter inovador e moderno. Dessa forma, prosa e poesia se aproximam. Outro ponto de destaque é a linguagem falada e a forte ligação entre ritmo e imagem, os quais se mostram indissociáveis. O prosista se fundamenta, portanto, na razão e procura com clareza e precisão criar conceitos, mas foge da corrente rítmica, a qual trabalha com imagens, e não conceitos.

Na prosa há uso dos recursos da escrita, com uma obra linear e aberta e a descrição ao raciocínio. De acordo com Valéry (apud PAZ, 1996), a prosa pode ser comparada com a marcha e a poesia com a dança. Já a poesia apresenta um caráter circular, em que todos os acontecimentos se imbricam. Algo fechado, que se repete e se recria por meio do ritmo e reflete a essência do poema. Logo, o ritmo assegura à poesia a musicalidade, não a musicalidade cantada, típica das peças líricas da Antiguidade, acompanhadas de instrumentos musicais, mas aquela que surge por meio dos recursos usados nas poesias, como a rimas, aliterações, ironia, humor. A musicalidade, então, assegura à poesia sua firmação na boca do leitor e sua respeitabilidade.

Portanto, tanto na prosa quanto na poesia há a presença do ritmo, pois ele é condição primordial para a linguagem. No entanto, segundo Paz (1996), o ritmo é essencial à poesia, mas dispensável à prosa. Em toda prosa há um leve ritmo, mas que não é demonstrado explicitamente. Enquanto na poesia, o ritmo garante sua concretização. O ritmo, pois, está anteposto à fala e toda expressão verbal é ritmo. Na prosa, os vocábulos surgem do ritmo e no poema, o ritmo se expressa espontaneamente.

Paz (1982, p. 270) ainda complementa que

a magia se funda num duplo princípio: o universo é um todo em movimento, presidido pelo ritmo; e o homem está em relação viva com esse todo. Tudo muda porque tudo se comunica. A metamorfose é a expressão dessa vasta comunidade vital de que o homem é um dos dois termos. Podemos mudar, sermos pedras ou astros, se conhecermos a palavra justa que abre as portas da analogia. O homem mágico está em comunicação constante com o universo, faz parte de uma totalidade na qual se reconhece e sobre a qual pode operar.

Destarte, a poesia pode desenvolver a personalidade, a sensibilidade, o gosto da beleza e o gosto pelo ritmo, o que assegura o domínio e conduz à consciência lúdica e libertadora. A poesia assume, então, seu papel humanizador, capaz de alterar o mundo com uma carga

máxima de significado e reflexão. Sobre esse papel humanizador da literatura, especificamente sobre a humanização, Candido (2004, p.180, grifo do autor) diz:

Entendo por *humanização* (já que tenho falado tanto nela) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso de beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade e o semelhante.

Todavia, o acesso à literatura, especialmente à leitura de poesia, esbarra nas divisões de classe existentes, as quais excluem boa parcela da população de um contato mais próximo com o gênero poesia. Porém, é preciso que se pense na literatura, na poesia, como um direito humano indispensável e equitativo. Candido (2004) ainda relata que “quem acredita nos direitos humanos procura transformar a possibilidade teórica em realidade, empenhando-se em fazer coincidir uma com a outra”. Tal afirmação se intensifica no sentido de que a literatura é um direito universal, aquela que gera e permite o equilíbrio social, e também aquela que permite a fabulação, um sonhar acordado das civilizações, com um fruir dos produtos literários sem barreiras.

É preciso, ainda, que a poesia e a literatura como um todo chegue e se instaure permanente nos currículos escolares como o instrumento poderoso de instrução e educação (CANDIDO, 2004). No tocante ao trabalho com a poesia em sala de aula, Averbuck (1988) diz que a poesia chega à escola marginalmente e que o contato dos educandos com ela é tão raro que aqueles que conseguem manter lembranças desse convívio são tidos como exemplos. A incursão no mundo da poesia é feita sozinha pelo discente, apesar do professor, e as descobertas, por conseguinte, também se dão no plano da solidão. A escola, na verdade, deveria ser lugar propício e promovente das “possibilidades de inovação e criação” e “território da inventividade”.

A estudiosa, em tempo, refere-se ao caráter gratuito da poesia, “não lucrativo”, agregado de atividades lúdicas e prazerosas, características excluídas em uma sociedade que se volta para o ganho, para o utilitarismo e a objetividade. Logo, ela correlaciona a escola e a sociedade e alerta para as semelhanças quanto aos problemas enfrentados por ambas, visto que estão intimamente ligadas, no que se refere à ‘asfixia’ da capacidade criadora dos jovens, uma vez que a sociedade contribui para essa atitude sufocante por meio de sua “organização e seu sistema estanque de relações”.

E é justamente nesse contexto social em que se encontra a escola que há a necessidade de se inserir a poesia por meio de um ensino voltado para o ato criativo e que resulte na sensibilidade. Averbuck (1988, p.67) inteira que

não se trata, portanto, de que a escola assuma a responsabilidade de “fazer poetas”, mas de desenvolver no aluno (leitor) sua habilidade para sentir a poesia, apreciar o texto literário, sensibilizar-se para a comunicação, através do poético e usufruir da poesia como uma forma de comunicação com o mundo.

Complementar a esse papel assumido pela escola, o professor deve propiciar um clima de interação na mediação do texto poético e assegurar condições favoráveis para que o leitor possa ir ao encontro da poesia e explorar todas as possibilidades inventivas, desde o domínio das representações visuais até o domínio das “representações plásticas”, tais como o ritmo, as rimas, o som e a organização linguística. Sobretudo, é importante que a sala de aula seja lugar oportuno à sensibilização da poesia e que se tenha a consciência de que “a poesia requer silêncio e espaço interior” (AVERBUCK, 1988, p.70).

Se se quer que a poesia alcance sentido na escola, é preciso que o professor esteja aberto a assumir certos riscos e a, também, se colocar em um caminho de redescobertas e do inusitado, que perpassa o espaço individual e o espaço coletivo, já que o poema é, por sua vez, um discurso mais hermético com uma natureza de caráter lúdico, que através da linguagem se reinventa constantemente, e que incita o jogo com as palavras e o exercício da liberdade poética. Sobre o pleno desenvolvimento da poesia na escola, Averbuck (1988, p.83) salienta que ele “só se realizará, contudo, no limite da alteração das regras escolares, da reformulação integral da forma de conceber (...) o homem e seu papel no mundo”.

Em suas reflexões, a estudiosa pontua sobre a imprescindibilidade de se repensar sobre “ensinar poesia”, já que o caminho seria de fato o de se ‘ler’, ‘aproximar’, ‘sensibilizar’ e não o de se ‘ensinar poesia’. Ela pondera:

Ler a poesia é ler, e tudo o que é dito da leitura em geral vale, evidentemente, para a leitura da poesia. A diferença essencial é que o texto poético não é um texto como os outros, e as diferenças existentes entre os textos poéticos e os outros textos não são diferenças normais, mas diferenças de natureza. A poesia é um discurso que mostra, de alguma maneira, o trabalho da linguagem sobre si mesma. (AVERBUCK, 1988, p. 70)

Trata-se, dessa forma, de uma aproximação ao texto poético. Poesia deve ser o centro, à medida que é lida, é ensinada. Nessa perspectiva, é vital que se tenha também uma proposta metodológica bem definida e clara para que de fato a literatura possa ser lida e vivenciada,

especialmente a poesia. O primeiro passo, de acordo com Langlade (2013), deve centrar-se no norteammento do trabalho em sala de aula, ligando o plano pessoal (noções afetivas e morais) dos alunos ao texto; a segunda etapa deve buscar o confronto entre as impressões que o texto provoca no leitor e os dados textuais, e, por fim, a terceira etapa deve levar os discentes a uma autorreflexão sobre seus posicionamentos pessoais dentro e acerca do texto, com questionamentos que os levem a pensar ‘de onde surgiram esses apontamentos’.

A leitura do texto poético, no entanto, esbarra na pouca afinidade e, por vezes, moderado interesse dos mediadores desse processo: os docentes. Isso se justifica pela quase sempre baixa familiaridade com o gênero, pouco acesso às obras poéticas durante as suas formações acadêmicas, incentivo mínimo das instituições de ensino ao trabalho com a poesia, dificuldade dos docentes em ler, analisar e interpretar os textos poéticos; e o contato restrito com a arte, em todas as esferas.

Em artigo publicado sobre a formação do leitor e a poesia na sala de aula, intitulado “Formação do leitor e poesia na sala de aula”, Célia Sebastiana Silva discute sobre as figurações do professor e a condução do trabalho com o texto poético, até que se alcance a fruição estética. A pesquisadora conceitua o ‘fruir estético’ e o entende “no sentido da apropriação que o leitor faz do texto e da permissão para que esse texto lhe atinja a subjetividade” (SILVA, p. 3, s/d). A caracterização do termo vai ao encontro da poesia, no sentido de que a boa disposição do leitor para com o texto poético permite uma experiência que reaviva a palavra poética e a coloca no plano da vida, extrapolando o limite escolar.

Sobre o papel e a atuação docente, Silva acrescenta que a leitura e a escrita se configuram como desafio para os professores, visto que tais práticas não são incorporadas socialmente e tornam-se ainda mais desafiadoras quando da prática de leitura do texto literário, em específico, o texto poético. Ela, ainda, inteira que apesar de o gênero poético estar na origem de todas as coisas, desde atividades cotidianas das comunidades primitivas, a poesia distancia-se do leitor (aluno) e acaba por ocupar um lugar marginalizado no cenário escolar por apresentar um caráter mais inacabado e mais circular que o da prosa.

Entretanto, vale lembrar que a poesia, por ser ‘arte’, é necessária à vivência humana. Ela humaniza, ela educa, ela forma. Já disse Drummond (1974, s/p) em “A educação do ser poético”:

(...)

Será a poesia um estado de infância relacionada com a necessidade de jogo, a ausência de conhecimento livresco, a despreocupação com os mandamentos práticos de viver – estado de pureza da mente, em suma?

Acho que é um pouco de tudo isso, se ela encontra expressão cândida na meninice, pode expandir-se pelo tempo afora, conciliada com a experiência, o senso crítico, a consciência estética dos que compõem ou absorvem poesia.

Mas, se o adulto, na maioria dos casos, perde essa comunhão com a poesia, não estará na escola, mais do que em qualquer outra instituição social, o elemento corrosivo do instinto poético da infância, que vai fenecendo, à proporção que o estudo Sistemático se desenvolve, até desaparecer no homem feito e preparado supostamente para a vida?

Receio que sim.

A escola enche o menino de matemática, de geografia, de linguagem, sem, via de regra, fazê-lo através da poesia da matemática, da geografia, da linguagem. A escola não repara em seu ser poético, não o atende em sua capacidade de viver poeticamente o conhecimento e o mundo.

Eis aí o papel e a função da poesia na escola: libertação do ser, sensibilizar para a comunicação, elevação do pensamento e a humanização, oportunizando, por via do texto poético, que o ser reflita não somente sobre o ‘estar’ no mundo, mas sobre o ‘ser’ presente nesse mesmo mundo. Não obstante, deve se vislumbrar o papel que a escola vem assumindo nesse meio e que é tão bem exemplificado por Drummond. A escola tem ocupado uma função utilitarista e aplicacionista, isto é, as atividades aplicadas no seio escolar visam, de maneira primordial, o cumprimento dos parâmetros curriculares preestabelecidos. A escola, nessa esfera, passa a ganhar “utilidade” e se esquece de formar, como disse o próprio Drummond, “amadores de poesia” ou leitores de poesias.

O poeta usa da ironia e da ambiguidade, então, para elevar a palavra “amadores” tanto ao ‘sentir’, quanto ao ‘fazer’, um ‘fazer’ caracterizado por uma produção mecânica e utilitarista. Porém, ele deixa claro que a poesia deve conter sempre um “fundo mágico, lúdico, intuitivo e criativo” para que não se perca a “sensibilidade poética” e, assim, não se perca o papel e a função reais da poesia, já que “amar a poesia é forma de praticá-la, recriando-a”.

Drummond, com um fragmento subsecutivo de “A educação do ser poético”, apela à escola, fazendo-a um clamor. Ele inteira:

O que eu pediria à escola, se não me faltassem luzes pedagógicas, era considerar a poesia como primeira visão direta das coisas e, depois, como veículo de informação prática e teórica, preservando em cada aluno o fundo mágico, lúdico, intuitivo e criativo, que se identifica basicamente com a sensibilidade poética. (DRUMMOND, 1974, s/p)

Essa sensibilidade imanente à poesia e a solicitação fervorosa de Drummond à escola, quando da preservação dos elementos que conduzem à sensibilidade poética e o trabalho imprescindível com a poesia na sala de aula, dá passagem às considerações subsequentes acerca da poesia moderna e contemporânea, especialmente no que diz respeito à produção de Godoy.

Logo, na seção ulterior, percorre-se o Romantismo até se chegar ao movimento modernista e traça-se um panorama entre modernidade e contemporaneidade, caracterizando-os e assinalando suas discrepâncias (ou não) e situando Godoy nesse cenário, poeta que apresenta em suas obras, especialmente em *Lugar comum e outros poemas* e em *A casa*, marcas da influência moderna, contudo, sem abandonar sua autenticidade na escrita e na linguagem. A última análise, portanto, se dará relativa à formação leitora resultante da apreensão do moderno e do contemporâneo.

1.3 A contribuição da leitura de poesia moderna e contemporânea para a formação do leitor literário

(...)
como um projeto de instabilidade,
amanheço sempre do contra –
viro-me na cama contra a luz,
cubro-me outra vez até a cabeça

moldo o dia pelo pé, onde estabeleço
as diferenças – vou pelo caminho
do meio, se quero conhecer distâncias

Heleno Godoy – *Sob a pele*

As primeiras manifestações do Romantismo se deram na Europa em meio às Revoluções Francesa e Industrial, com uma burguesia ascendente, e tendo como alicerces os ideários propostos por essas revoluções. As classes formadoras da organização social dessa época compunham-se pela nobreza, a grande e a pequena burguesia, o velho campesinato e o operariado crescente. O homem, pois, mergulhado na insatisfação com as novas estruturas sociais, movido pelas emoções e o inconformismo, tem seu foco voltado para as mobilizações e nas tentativas de escape às normas então vigentes.

Carpeaux (1978) traça um percurso sócio-histórico do Romantismo e relata que o movimento surgiu na Alemanha, adentrando rapidamente a Inglaterra, e se instaurando na França a partir de 1820. Adiante, o movimento alcança todas as literaturas européias e americanas, e acaba na Revolução de 1848, também conhecida como Primavera dos povos e tipificada por revoluções ao centro e ao oriente da Europa, eclodidas em função de crises econômicas, regimes governamentais autocráticos, falta de representação política das classes médias e pelo nacionalismo despertado nas minorias da Europa Central e Oriental, seguido do abalo das monarquias do continente europeu.

Na Alemanha, berço do Romantismo, segundo Rosenfeld (1969), surge o primeiro “movimento” amplo da Europa em 1770. A princípio, esse movimento não se sabia ‘romântico’, e nem mesmo que, mais tarde, seria identificado como ‘pré-romântico’. No entanto, o movimento ganhou notoriedade no exterior por meio das obras goetheanas, tais como um fragmento que mais tarde seria o *Fausto*; *Os padecimentos do jovem Werther* e o drama medieval *Goetz von Berlichingen*, além da peça *Os bandoleiros*, de Schiller.

Mais tarde, Goethe e Schiller tomaram rumos bem distintos ao então assumido e passaram a fazer uso de uma disciplina severa e inspirada na arte grega. Tornaram-se, para a conceituação alemã, clássicos, porém, embebecidos pelas experiências juvenis pré-românticas. Contudo, para o exterior, eram conhecidos pelas obras mencionadas dantes e representavam o Romantismo Alemão e, em parte, o Romantismo Universal.

René Wellek, entretanto, segundo citações do próprio Rosenfeld (1969), acredita serem Goethe e Schiller simplesmente românticos, apesar de terem gosto e estilo clássicos. Esses românticos alemães participaram do movimento conhecido como *Sturm und Drang* (Tempestade e Ímpeto), que repercutiu no mundo de modo vigoroso e influenciou significativamente o Romantismo Alemão que, por sua vez, lançou ânimos ao Romantismo Universal.

Apesar de *Sturm und Drang* até hoje não ser considerado um movimento romântico na Alemanha, há certo espírito comum entre esse movimento e o Romantismo Alemão que, sincronicamente, mantêm tendências anticlássicas, opondo-se aos cânones, ao equilíbrio, à objetividade, ordem, harmonia, ponderação, disciplina e à visão apolínea. Nessa linha, os românticos ingleses reconhecem especificamente ‘romântico’ muito mais as obras do *Sturm und Drang*, como *Fausto* e *Goetz*, do que as obras propriamente referentes ao Romantismo Alemão. E, nessa mesma perspectiva, encontra-se também o Romantismo Francês.

O movimento alemão é considerado, por conseguinte, o mais fiel à idealização do Romantismo, tanto pela influência sobre os demais países europeus, quanto por suas características metafísicas e transcendentais. Rosenfeld (1969, p. 148) diz que o Romantismo Alemão se assemelha mais “aos desenvolvimentos posteriores da literatura européia, ligados a Baudelaire” (conhecido internacionalmente como o fundador da poesia moderna), “ao simbolismo e à *décadence* literária do *fin de siècle*”.

Nesse sentido, pode-se observar a modernidade muito próxima às características românticas. Segundo Guinsburg (1978), a partir do Romantismo, nenhum valor mais se sustenta, tudo é marcado pela rapidez e pelo abalo das bases. Esse fenômeno, típico da atualidade, surge inicialmente no período romântico.

Oposto ao Classicismo, que se caracteriza pela forma linear e sóbria que os elementos se impõem, o Romantismo propõe uma liberação subjetiva que vai da obra à superfície. A obra é tida como um meio e não um fim. Nela, o escritor expõe sua interioridade e não meramente a exterioridade do objeto em si. Destarte, a estética do feio, ainda sob o olhar de Guinsburg (1978), aflora no período romântico e desenvolve uma ideia centrada no desajuste e na estranheza de uma obra que se volta ao questionamento e à essência (metafísica).

Não obstante, o Romantismo, que inaugura a tradição da ruptura, a qual é levada ao paroxismo pela modernidade, rompe com os ideais clássicos e cria novos conceitos, como a subjetividade; a rapidez dos fenômenos, que é visto sob um olhar historiográfico e sob a perspectiva do momentâneo; o caráter aberto da obra e a sua valorização como forma de expressão do ‘eu’; a irracionalidade, já que trabalha com a indisciplina no âmbito das manifestações; ideia de libertação e, finalmente, os românticos veem o tempo com negativismo, já que, para eles, nada de produtivo encontram nele.

À vista disso, Paz (1984, p.15, grifo do autor) diz que “o *moderno* é uma tradição. Uma tradição feita de interrupções, em que cada ruptura é um começo; (...) por conseguinte, qualquer interrupção na transmissão equivale a quebrar a tradição. (...) A tradição da ruptura implica não somente a negação da tradição, como também da ruptura...”.

Portanto, para Paz, ser moderno é entregar-se ao *novo*, mas sem se esquecer do passado. Trabalhar com o incerto, viver no transitório, adaptar-se, porém, sem se desligar por completo do passado. Para Baudelaire (1996, p. 24), a modernidade consiste em “extrair o eterno do transitório”. Ele, ainda, ressalta a beleza que há e que se pode extrair dessa transitoriedade. O eterno, então, é o *belo*. E o moderno é o *passageiro*.

Já Eliot (In: ELIOT, 1989, p. 39) considera que “nenhum poeta, nenhum artista, tem sua significação completa sozinho”. Para o crítico literário, o poeta só alcança sua glória pessoal e literária por meio da apropriação de suas características por parte de seus predecessores. A tradição, segundo Eliot, não pode ser herdada, ela deve ser conquistada. Envolve, primeiramente, o senso histórico, que se centra na percepção de que o passado ainda se faz presente e da existência desse mesmo passado. Não que tenha que haver necessariamente uma aceitação da obra passada e de seu teor, isto posto, é justamente nesse sentido que aparece a crítica estética, a qual dá total liberdade ao poeta para inová-la.

O passado acaba por reger e, ao mesmo tempo, ser alterado pelo presente. Sobre essa afirmação, Bakhtin (1997), em “Os gêneros do discurso”, mesmo que em outro contexto, faz considerações pontuais que consubstanciam essa dialogização entre passado e presente

(metaforicamente na citação: o ‘discurso do outro’ e o ‘enunciado’), marcados por um ato recriador recorrente. Bakhtin (1997, p. 320) diz que

A visão de mundo, a tendência, o ponto de vista, a opinião têm sempre sua expressão verbal. É isso que constitui o discurso do outro (de uma forma pessoal ou impessoal), e esse discurso do outro não pode deixar de repercutir no enunciado. O enunciado está voltado não só para o seu objeto, mas também para o discurso do outro acerca desse objeto. A mais leve alusão ao enunciado do outro confere à fala um aspecto dialógico que nenhum tema constituído puramente pelo objeto poderia conferir-lhe. A relação com a palavra do outro difere radicalmente por princípio da relação com o objeto, mas sempre acompanha essa última. Repetimos, o enunciado é um elo na cadeia da comunicação verbal e não pode ser separado dos elos anteriores que o determinam, por fora e por dentro, e provocam nele reações-respostas imediatas e uma ressonância dialógica.

Dessa forma, mesmo que involuntariamente, o poeta é regido pelas normas do passado (o discurso do outro), não condenado ou repudiado por sua (re)criação e (re)leitura (o enunciado), mas sofre uma comparação mútua, porém, que não coloca em juízo o questionamento do valor de sua obra e de seu precursor, pois a essência da obra nunca se altera, o que modifica são os meios usados. Mesmo com tamanha diversificação nas produções, a sociedade nunca abandonou Shakespeare e Homero.

Depreende-se, por conseguinte, a forte ligação entre a tradição e o moderno, e por consequência, considerando-se os movimentos na realidade brasileira, o Modernismo. Esse último, um movimento que teve início com a Semana de 22, realizada no Teatro Municipal de São Paulo. O ano de 1922 era oportuno porque representava o marco da modernização, já que o país comemorava no mesmo ano os cem anos de independência. Com a industrialização e a rentabilidade da cultura cafeeira, a propaganda de que a modernização se firmava estava cada vez mais próxima.

Segundo Bosi (2006), o primeiro sinal do Modernismo se deu em 1912, quando Oswald de Andrade, em uma de suas viagens à Europa, entrou em contato com as vanguardas européias. No Brasil, ainda de acordo com Bosi (2006), o Modernismo foi se espalhando dos núcleos urbanos principais, como São Paulo e Rio de Janeiro, para as províncias.

O Modernismo foi, então, assumindo, paulatinamente, lugar no cenário brasileiro. O movimento se caracteriza pelo ‘novo’ como critério de valor, pela ruptura e pela busca do genuinamente brasileiro. Um movimento matizado pelas diversas manifestações sabidas ao longo do Brasil, constituído pela consciência das contradições brasileiras e pela confluência dos Modernismos Brasileiro e Europeu. Para Paz (1993), a modernidade rompe com o tempo, colocando fim ao tempo linear. Doravante, cada época tem o seu tempo. Entretanto, o tempo da poesia é, por vezes, atemporal e se configura como o tempo da “outra-voz”, aquela que

“não é a voz do além túmulo”, mas “é a do homem que está dormindo no fundo de cada homem. Tem mil anos e tem nossa idade e ainda não nasce. É nosso avô, nosso irmão e nosso bisneto” (PAZ. 1993, p. 144-145).

Assim, a poesia é, ainda de acordo com Paz (1993), o antídoto da técnica e do mercado e, acrescenta-se que, se o homem um dia se esquecesse da poesia, retornaria ao estado de caos e se esqueceria de olhar a si mesmo. A poesia exercita a imaginação, permite reconhecer as diferenças e identificar as semelhanças contidas no mundo. O teórico mexicano ainda acrescenta que o gênero poético tem sido uma das manifestações de maior vigor da crítica emergida com a modernidade.

Em *Os Filhos do barro*, Paz (1984) faz considerações a respeito dessa crítica e complementa que por possuir ressonâncias intelectuais amplas, vale acoplá-la à palavra ‘paixão’. O termo ‘Paixão crítica’ é, então, conceituado por Octavio Paz e vai ao encontro da poesia e ao movimento que o gênero poético imprime. O poeta diz: “Enamorada de si mesma e sempre em guerra consigo mesma, não afirma nada de permanente nem se baseia em nenhum princípio: a negação de todos os princípios, a mudança perpétua é seu princípio” (1984, p. 21). Não obstante, ainda segundo Paz (1984), a mudança perpétua da poesia a configura, paradoxalmente, em um cenário de permanência entre os tempos. Passado e futuro se fundem. A poesia, portanto, é o agora, o presente, independente do tempo ou da época.

Nesse contexto, se vislumbra a poesia contemporânea, que se esvazia na sua relação com a tradição, uma ‘tradição da ruptura’ que é intitulada por Octavio Paz (1984) como modernidade. Uma ruptura, portanto, que anuncia o fim do Modernismo, ou suas transformações, e que só ocorre devido a ausência de movimentos da poesia contemporânea. Logo, dentro desse caráter da efemeridade, o termo ‘contemporâneo’ se situa em um mundo que apela para o consumo de notícias e de mercadorias à guisa de informações rasas e rápidas. Dessarte, o contemporâneo vem acompanhado da literatura de massa que satisfaz momentaneamente, cheio das urgências pessoais e distante das reais necessidades do homem, com a apresentação de uma literatura nem sempre de qualidade.

Essa literatura massificada, assim como as urgências do mundo contemporâneo, é resultado dos avanços tecnológicos, os quais alteraram significativamente o formato tradicional de leitura e os meios como ela é feita e como os textos são divulgados, apesar de ser a tecnologia uma grande aliada, inclusive, na formação leitora, pois democratizou o acesso ao livro. Antes, o material impresso era a principal forma da promoção do texto literário e do não-literário. Hoje, com a transição do meio impresso para o digital e o grande alcance proporcionado pela internet, além de formas inovadoras de leituras, além das leituras *online*

realizadas em aparelhos como *tablets* e *celulares*; o caráter tradicional de leitura modificou-se.

Surge, portanto, a urgência da produção, material e escrita, que move um mercado que sempre se preocupou mais com os lucros do que com a qualidade das publicações e que, hoje, é mais eficiente e apresenta um maior alcance ao leitor. É essa, então, uma luta diária atravancada pelos bons e grandes escritores frente a uma massa elevada de novos e, por vezes, despreparados autores.

Nesse contexto de transitoriedade e intensa produção literária aparece a poesia, que assume um posicionamento antimoderno e a que Paz, em *A outra voz*, faz um sólido diagnóstico situando-a na atemporalidade e, de forma sutil, correlacionando poesia e crítica. O estudioso (1993, p. 142-143, grifos do autor) assim analisa:

Um poema pode ser moderno por seus temas, sua linguagem e sua forma, mas por sua natureza profunda é uma voz antimoderna. O poema expressa realidades alheias à modernidade, mundos e estratos psíquicos que não só são mais antigos como impermeáveis às mudanças da história. Desde a era paleolítica, a poesia conviveu com todas as sociedades humanas; não existe uma sociedade que não tenha conhecido esta ou aquela forma de poesia. Muito bem, embora presa a um solo e a uma história, a poesia sempre se abriu, em cada uma de suas manifestações, a um mais além trans-histórico. Não me refiro a um mais além religioso: falo da percepção do *outro lado* da realidade.

Em um mundo regido pela lógica do mercado, (...), a poesia é uma atividade de rendimento nulo. (...). Apesar disso, contra vento e maré, a poesia circula e é lida. Rebelde ao mercado, quase sem preço; não importa: vai de boca em boca, como o ar e a água. Sua valia e utilidade não são mensuráveis. [...]. O poema contém poesia sob a condição de não guardá-la; está feito para espargi-la e derramá-la, como a jarra que verte o vinho e a água.

Dessarte, a poesia contemporânea é um reflexo vivo de todos esses elementos históricos, sociais e políticos vivenciados e impelidos pela *contemporaneidade*. Um gênero inserido em um cenário formado por uma carga elevada de informações, com um leitor solto no emaranhado de teias formadas pela conectividade eletrônica, às vezes, perdido no aglomerado de novidades, com uma fragilidade emocional grande e uma carência significativa que, não raramente, é suprida pelo aparelho celular ou pelas redes sociais, as quais apresentam hoje um leque amplo de possibilidades e interações, com relacionamentos superficiais e momentâneos. Um ‘leitor esponja’. Aquele que, geralmente, absorve quase tudo quanto lhe é oferecido e que nem sempre consegue separar a literatura de excelência da literatura feita à revelia.

Agamben (2009), lembrando Roland Barthes, inteira que o contemporâneo é o intempestivo. Aquilo que, ao coincidir com sua época, se dissocia dela, se mostra inatual e

que possui a capacidade de se perceber e de se apreender ao seu tempo. A contemporaneidade exige, portanto, a distância. As palavras que regem o contemporâneo são *dissociação* e *anacronismo*, isto é, só é contemporâneo aquele que não coincide com nenhuma época, que se mantém mais ao longe, e, assim, consegue voltar o olhar sobre essa época e vê-la não sob o signo das *luzes*, mas sob o *obscuro*. Giorgio Agamben, nesse escopo, disserta sobre a contemporaneidade, conceituando-a e situando as (não) luzes desse ‘percurso’ em uma análise que diz:

contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro. Todos os tempos são, para quem deles experimenta contemporaneidade, obscuros. Contemporâneo é, justamente, aquele que sabe ver essa obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente. (AGAMBEN, 2009, p. 62-63)

As trevas do presente não são a passividade, mas a capacidade de se segregar das luzes do presente para conhecer o escuro, que é indissociável a essas mesmas luzes. Ser contemporâneo, então, significa não se deixar cegar pelas luzes do século, mas perceber o escuro da época como algo que se volta diretamente e que demanda investigações e questionamentos constantes.

Para o filósofo italiano, ser contemporâneo é raro, já que, para assim ser identificado, é preciso ato de coragem. Coragem para entrever no escuro do tempo um feixe de luz que emana do próprio escuro e, simultaneamente, distancia-se. O tempo é, pois, marcado pela urgência: a intempestividade, o anacronismo. Portanto, o tempo é visto “na forma de um “muito cedo” que é, também, um “muito tarde”, de um “já”, que é, também, um “ainda não”. E, do mesmo modo, reconhecer nas trevas do presente a luz que, sem nunca poder nos alcançar, está perenemente em viagem até nós” (AGAMBEN, 2009, p. 66).

O contemporâneo, portanto, apresenta-se como uma fratura, uma descontinuidade que está sempre em um limiar entre o “ainda não” e o “não mais”. O ‘agora’, então, é o momento que o ser/o poeta concebe determinada arte ou atividade, com uma atualidade que se coloca do lado de fora. Assim, o presente é sinalizado como o arcaico (que significa, de acordo com Agamben, próximo da origem), e só é contemporâneo quem consegue perceber esse arcaico e revitalizar e realocar o que, talvez, estivesse já decretado como morto.

Ora, o contemporâneo é um devir constante e que se volta a um presente em que jamais se esteve. Agamben (2009, p. 70) assume um posicionamento analítico sobre essa apreciação e complementa que

o mundo antigo no seu fim se volta, para se reencontrar, aos primórdios; a vanguarda, que se extraviou no tempo, segue o primitivo e o arcaico. É nesse sentido que se pode dizer que a via de acesso ao presente tem necessariamente a forma de uma arqueologia que não regride, no entanto, a um passado remoto, mas a tudo aquilo que no presente não podemos em nenhum caso viver e, restando não vivido, é incessantemente relançado para a origem, sem jamais poder alcançá-la. Já que o presente é outra coisa senão a parte de não-vivido em todo vivido, e aquilo que impede o acesso ao presente é precisamente a massa daquilo que, por alguma razão (o seu caráter traumático, a sua extrema proximidade), neste não conseguimos viver. A atenção dirigida a esse não-vivido é a vida do contemporâneo.

Dessa forma, moderno e contemporâneo apresentam afinidades e dissonâncias a serem consideradas. Quanto ao aspecto da similitude, os dois mantêm relação com o passado, porém sob ópticas distintas. Para o primeiro, o passado é negado, mas não esquecido. Ele é visto como uma época precisa na perspectiva temporal e constituído por uma pluralidade de passados, de modo que o passado começa a ser visto não como único, mas heterogêneo.

Na contemporaneidade, não existem épocas, existe o momento presente e a capacidade de ver e se distanciar a esse momento. A coragem e a crítica estética são constantes. Entretanto, o contemporâneo não se isenta de reavivar, caso ache pertinente e louvável, algo que já foi previamente dado como findo (passado), figurando, assim, um encontro entre os tempos (pluralidade de tempos) e as gerações e provocando, como disse Agamben (2009), uma interpolação do presente e introduzindo no tempo uma essencial desomogeneidade.

Quanto à lírica, há discrepâncias consideráveis. Na lírica moderna, a expressão nacional de cultura; o vínculo à tradição, defendido por Eliot como uma herança adquirida; o teor metafísico e a resistência da poesia aos discursos recorrentes na sociedade da época, com uma lírica que abala e que se engaja socialmente, e uma poesia que se volta à sensibilidade do poeta, com um ‘eu’ notadamente presente e com aguda intelectualidade daquilo que é expresso, o que representa a exigência de um leitor aquém ao mediano, mas detentor de uma cultura ampla e, por vezes, erudita, demarcam alguns dos traços da poesia moderna. Já a lírica contemporânea tem suas bases firmadas na consciência do poeta e na ruptura da tradição. As obras, portanto, não são mais fruto da inspiração, mas resultado da atitude consciente do escritor. Logo, a lírica contemporânea emerge com a crise da modernidade.

Como resultado, pois, dos reflexos da modernidade e da contemporaneidade e das produções de teor lírico desses, respectivamente, movimento e percurso, tem-se uma formação leitora gerida por um mal-estar social, que interfere substancialmente no leitor, com leituras superficiais e voláteis e uma urgência em se consumir rapidamente as obras a que se tem acesso. Muitas dessas leituras carregadas, segundo Perrone-Moisés (2005), por uma

multiplicidade de significados e uma intercomunicação dos discursos, os quais aparecem como algo sistêmico, anti-mimético e contrário à contestação simples (paródia ridicularizante).

Para a escritora, há uma “reelaboração ilimitada da forma e do sentido em termos de apropriação livre, sem que se vise o estabelecimento de um sentido final (coincidente ou contraditório com o sentido do discurso incorporado)” (PERRONE-MOISÉS, 2005, p. 63). Logo, o leitor, com a oferta diversificada de obras (sejam elas de excelência ou não), detém a autonomia de eleger as leituras a serem feitas. Aqueles leitores mais audazes e com uma auto-reflexão e auto-crítica mais tenazes farão leituras que demandarão maiores conhecimentos e uma cultura mais ampla sobre temáticas distintas. Esses leitores, por conseguinte, se apropriaram da positividade emanada do mal-estar social. Já o leitor menos consciente de seu papel social e entregue ao mal-estar do mundo, fará leituras mais rasas e buscará refúgio nas obras que acaltem o ego. Por vezes, de mais fáceis apreensões e que demandem menos esforços intelectuais.

Ligado, portanto, a todos esses processos, (o da modernidade, contemporaneidade, a poesia e formação leitora), está Heleno Godoy, que em sua poesia estabelece uma intensa relação com a cultura ocidental, mantendo-se próximo a T. S. Eliot, Ezra Pound e James Joyce, assim como afirma Célia Sebastiana Silva (In: GODOY, 2015). Destarte, Godoy é um contemporâneo leitor dessa tradição moderna. Ele nasceu no seio da vanguarda Práxis, dessa tradição da ruptura, portanto, no seio da modernidade, e encontrou seu próprio caminho. Apesar de uma relação com a tradição lírica ocidental, nota-se, na poesia godoyana, uma proximidade a figuras importantes como Drummond, Mallarmé e Horácio, com forte eminência lírica, mas que não é feito à maneira deslumbrada, preservando-se a poesia de Godoy dos arroubos sentimentais característicos de boa parte dos contemporâneos.

Dentro desse escopo, Procópio (2011, p.15) faz uma análise da poesia godoyana e pontua analogamente a lírica do escritor goiano às de grandes literatos internacionais. Leiam-se:

Boa parte da poesia de Heleno Godoy é marcada pelo apagamento da subjetividade da epiderme do texto e pela ênfase na objetividade. Trata-se de uma poesia que é, antes, fruto de uma inteligência que poetiza, que da emoção. Nesse sentido, a lírica godoyana se filia a uma tradição que remonta, em nível internacional, a Mallarmé, Valéry e Jorge Guillén, e, em nível nacional, a João Cabral de Melo Neto. São poetas que, partindo da separação entre eu lírico e autor empírico, entre cantar e viver, levaram-na ao paroxismo, criando uma poesia que não se quer lida, considerando as vivências de seu autor; uma poesia que rechaça o derramamento sentimental e na qual o eu participa como inteligência que poetiza, como operador da língua, conforme diz Hugo Friedrich (1991) sobre o caso Mallarmé. Também,

trata-se de uma linhagem de poetas que recusa deliberadamente a inspiração e faz a apologia da razão, do cerebralismo em poesia.

A estrutura dos poemas do escritor é, portanto, intencionalmente elaborada, com anáforas, paralelismo e exploração rítmica. Essa última lembra muito as cantigas trovadorescas. Nesse sentido, o grande poeta deixa de ser visto para deixar a palavra em evidência, característica essa que marca o teor contemporâneo do escritor e de suas produções literárias. Em seu livro *Sob a pele*, Godoy exprime suas emoções, sem deixar que elas se sobreponham à obra, e deixa claro, mesmo que (não) intencionalmente, seu ar moderno e contemporâneo. Vejam-se:

36.

que eu seja, então, a possibilidade,
o que pode ser provável e sempre
provisório, o que se arrasta com
o tempo e cria musgo e hera
e também sobrevive de escalar
pedras e muros

o que profetiza sobre o passado
e desconhece de propósito
o que vem pela frente,
aquilo que se compra
com dificuldade,
sendo supérfluo e frágil,
sem influência que o apregoe,
mas que se apegue ao instante
e faz sobreviver expectativas

(...)

37.

que eu seja o problema,
não a solução – que sobre
mim passem, como na terra
pisam os animais, propostas
e reveses, tinta nova, de novo
brilho e surpresas: quantos
anos a mais me garantiriam,
se me emprestasse como objeto
de investigação, *hamster* branco
em laboratório imaculado,
frasco de amostra em geladeira,
célula sem núcleo para futura
inspeção?

pois que me leiam como
a este pergaminho achado
dentro de uma caverna
antiga, como a esta poeira
que se levanta aos poucos,
e lentamente contamina tudo

(GODOY, 2015, p. 133-134, grifos do autor)

Godoy, então, apresenta uma escritura dotada do exercício metalinguístico, com poemas conscientemente organizados, com uma linguagem que se desdobra no outro; um ‘eu’ presente (“que **eu seja...**”), mas que se abstém do sentimentalismo e ganha continuidade no outrem por meio da transição do poema da 1ª pessoa do singular para a 3ª pessoa do plural (“que **me leiam...**”) e a atribuição da concretude à medida que se conduz a leitura do poema, representado no texto por palavras como: musgo, hera, pedras, muros, objeto de investigação, *hamster* branco, frascos de amostras, célula, pergaminho; e períodos ou expressões que também garantem esse aspecto de concretude: “que sobre mim passem,/como na terra pisam os animais.”.

O poeta, ainda, faz uma crítica ao capitalismo, à aceleração típica dessa fase e ao consumismo, quando diz: “que eu seja (...)/aquilo que se compra/com dificuldade”, e, assim, deixa claro seu posicionamento alheio ao consumismo emergente na era moderna. Outro aspecto presente e considerável nos poemas de *Sob a pele* são as elipses, as quais tratam da presença de vozes justapostas e da supressão de um termo que pode ser facilmente subentendido pelo contexto linguístico ou pela situação e, por fim, as repetições, evidenciadas em: “que eu seja...” e “o que...”.

Semanticamente, o poeta leva o leitor ao encontro da modernidade e da contemporaneidade. Godoy é bem preciso quando expõe: “que eu seja, então, a possibilidade,/o que pode ser provável e sempre/provisório...”, “o que profetiza sobre o passado/e desconhece de propósito/o que vem pela frente...”. No primeiro verso supracitado, o escritor refere-se à modernidade, ao ‘novo’ (possibilidade, provável, provisório) e se relaciona ao paradigma moderno que vive. Contudo, deixa expresso o caráter de movimentação entre os tempos que almeja, representado, também, pela ‘possibilidade’, o ‘provável’ e o ‘provisório’. Já no segundo verso, Godoy apresenta características da contemporaneidade, a que faz jus por ser um contemporâneo, e anseia por um papel e um lugar no ‘agora’, no presente. De modo que ele (Godoy) represente e seja a fusão entre os tempos, desde, metaforicamente, o “pergaminho achado/dentro de uma caverna/antiga” até “a (...) poeira/que se levanta aos poucos,/e lentamente contamina tudo”, no desejo de aproximar-se ao movimento circular e hermético da poesia e contrapor-se à linearidade do tempo, assim como expresso de maneira cerebralina nos versos seguintes:

41.
quem sabe ando em círculos

- é minha forma de pegar
o que o descuido (ou o propósito)
deixou para trás

se de propósito, não contarei
as vezes desta viagem circular,
deste pisar de novo as mesmas
léguas, mesmas trilhas, mesma
pedra escura naquele lugar
de sempre

se por descuido, quem me garante
em quantas novas voltas,
finalmente, encontrarei
o que perdi?

se o descuido providencia
conforto, uma conspiração
de estados de espírito propensos
a peregrinações, são tantas
as formas de se retomar caminhos,
promover ou desencorajar
encontros, sabotar expectativas
e prometer outro recomeço

42.
pois se ando em linha reta,
não recomeço, não me *predisponho*,
apenas disponho do espaço
à minha frente

é essa a diferença que existe
quanto ao círculo em que
me inscrevo ou esta reta
em que sou lançado sempre
em frente: de um lado,
as coisas que poderiam ser
retomadas ou reencontradas

do outro, aquelas condenadas
ao esquecimento e à lamentação

de um outro, ainda, aquelas
coisas que se crêem novas
ou seminovas, recém-criadas
e ofegantes, por estarem tão
cedo no mundo

(GODOY, 2015, p. 136-137, grifos do autor)

Assim, com vistas às considerações feitas, Eliot, em “A tradição e o talento individual”, faz apontamentos significativos sobre os esforços e desdobramentos que permeiam os poetas e à aconselhável condução das emoções na elaboração dos poemas, o que vai ao encontro do posicionamento de Godoy, frente às suas produções e à consciência do escritor quanto ao labor poético. Eliot (In: ELIOT, 1989, p.46-47) discorre que:

Não é em suas emoções pessoais, as emoções induzidas por episódios particulares em sua vida, que o poeta se torna, de algum modo, notável ou interessante. Suas emoções particulares podem ser simples, ou rudes, ou rasas. Em sua poesia, a emoção será algo de muito complexo, mas não com a complexidade das emoções de pessoas que revelam em vida emoções muito complexas e inusuais. Na verdade, há um erro de excentricidade em poesia que deve ser creditado à busca de novas emoções humanas a serem expressas; e nessa busca da novidade em lugares errados aflora o perverso. O objetivo do poeta não é descobrir novas emoções, mas utilizar as corriqueiras e, trabalhando-as no elevado nível poético, exprimir sentimentos que não se encontram em absoluto nas emoções como tais.

(...). Na verdade, o mau poeta é habitualmente inconsciente onde deveria ser consciente, e consciente onde deveria ser inconsciente. Ambos os erros tendem a torná-lo “pessoal”. A poesia não é uma liberação da emoção, mas uma fuga da emoção; não é a expressão da personalidade, mas uma fuga da personalidade. Naturalmente, porém, apenas aqueles que têm personalidade e emoções sabem o que significa querer escapar dessas coisas.

Essa análise de Eliot reflete com precisão a arte godoyana, na qual o poeta cede lugar às palavras, com um trabalho meticuloso com a emoção, de modo que Godoy volta-se às suas memórias e faz uso de suas emoções pessoais, mas mantendo um distanciamento articulado e em coerente proporção para que sua personalidade também se dê por percebida, com a atitude consciente quanto ao *fazer* poético.

Dessa forma, depois de se situar Godoy no cenário da modernidade e da contemporaneidade, passa-se, no capítulo seguinte, a um estudo pormenorizado da vida do escritor, com foco, no subcapítulo 2.2, nas produções *A casa* e *Lugar comum e outros poemas*. Num primeiro momento, se percorrerá informações sobre o escritor goiano, relembrando sua atuação no Grupo de Escritores Novos (GEN) e a influência Práxis. Seguidamente, os livros supracitados serão analisados e apresentados alguns dos poemas contidos nas obras.

CAPÍTULO 2

HELENO GODOY NO CONTEXTO DA POESIA MODERNA E CONTEMPORÂNEA

2.1 Heleno Godoy: considerações sobre o autor e sua obra

(...)
 minha diferença, crio-a eu
 a cada momento e contra
 mim mesmo, se a mim
 mesmo tantas vezes
 contradigo

só não ando na contramão,
 pois não comando o tráfego,
 mas posso andar de ré
 e atrapalhar as andanças
 de quem, por andar em linha
 reta, desconhece tangentes
 e divergências

Heleno Godoy – *Sob a pele*

Heleno Godoy possui vasta publicação literária que vai de romances, narrativas, poesias, contos, ensaios, estudos, a traduções. Seu nome de batismo é Heleno Godói de Sousa, nome atribuído por seu pai em homenagem ao jogador de futebol Heleno de Freitas, sendo Heleno Godoy seu nome artístico. Escritor talentoso e polígrafo, nasceu no estado de Goiás, na cidade de Goiatuba, e é considerado “o artista literário mais constante, inteiro e sólido dentro da literatura feita em Goiás em todos os tempos”, segundo Carlos Augusto Silva, em artigo publicado pelo crítico no Jornal Opção.

Sua constância se dá por meio de uma linguagem assimétrica, que se materializa na noção e (re)conhecimento ‘do que escreve’, ‘por que escreve’ e ‘daqueles aos quais ele – o poeta/escritor – quer atingir’; e, também, por compreender a dimensão da arte, a qual não deve satisfação a nada, a não ser a si mesma; que o escritor possui, antes de tudo, apenas obrigação com a obra em si; que nada pode impedi-lo de produzir, do contrário, seria ato de censura, e, também, por ter em si a convicção de que a poesia, especificamente, e os textos como um todo reagem, por meio do leitor, e o levam a um motim: pessoal, ideológico, social e literário.

Godoy é professor titular de Literatura Inglesa, aposentado na Universidade Federal de Goiás (UFG), é formado em Letras, mestre em *Modern Letters* pela *University of Tulsa* e doutor em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês pela USP. Passou por momentos de transformações na academia universitária, por volta dos anos 70, no Brasil e conhece não

somente a literatura, mas também a teoria, assim como descrevem Albertina Vicentini e Célia Sebastiana Silva (In: GODOY, 2015).

Luiz Costa Lima fala do anonimato de Heleno Godoy, mesmo com seu número significativo de publicações, e acrescenta: “‘o poeta federal’ do primeiro Drummond, é desconhecido porque ousa viver distante da república das letras, em Goiânia e, acrescentando-se, por não compensar essa falta com versos folclórico-pitorescos” (Lima, In: GODOY, 2015, p. 501). Assim, o poeta permanece desconhecido por um público leitor fora de Goiás e pela crítica literária brasileira. Yokozawa (In: GODOY, 2015, p. 504) diz que o não reconhecimento de Godoy se dá pelo fato de ele ter publicado seus livros quase todos em editoras locais e em Goiânia mesmo permanecer. Ainda, de acordo com a pesquisadora, seu maior destaque fora dos limites goianos foi por meio de Luiz Costa Lima, que publicou uma crítica a *Lugar comum e outros poemas* no “Caderno Mais”, da Folha de São Paulo (23 de abr. 2006).

Bernardo Élis (In: GODOY, 1993) acrescenta que o escritor, como poucos outros de sua geração, instaurou em Goiás, e até mesmo no Brasil, uma literatura inovadora, que rompe com o tradicionalismo. Com obras em que há mais transpiração que lampejo, poesia racional e analítica, com versos econômicos, breves, uma dicção particular e com um trabalho que busca valorizar ao máximo a arte em si.

Heleno Godoy, por meio da expansão do real e do concreto, trabalha com as palavras de modo que possibilite a ressignificação semântica e, assim, atribua novos sentidos ao texto. Essa ressignificação ocorre por via de um processo intimamente ligado ao imaginário e propício à sensibilização e à comunicação através do poético, de maneira que a poesia seja uma forma de comunicação com o mundo. A arte poética, pois, surge do encontro do elemento objetivo com o subjetivo, da fusão do intelecto com a sensibilidade. Dessa forma, Godoy coloca em sua obra traços de sua própria existência e busca o trato com o cotidiano, mas sem esquecer a forma do poema, sem afastar o poema da vida e fazendo com que a poesia dê sentido aos eventos rotineiros, conforme relata David Oscar (In: GODOY, 2015, p.499).

Nessa linha, Godoy, ao longo de seus livros, transita entre temas sociais, políticos, econômicos a perdas, família e lar. O poeta ainda, no decorrer de suas publicações, volta-se para o universo dos objetos, dos fatos sociais, das paisagens, com algumas obras dedicadas a conhecidos ou pessoas queridas e admiradas. Ele caminha, com facilidade e leveza, entre o objetivo e o subjetivo, com até mesmo confissões, transitoriedade no espaço e dentro do próprio “eu”, sendo que nada é mais importante que a própria palavra e seus desdobramentos.

Nesse sentido, segundo Procópio (In: GODOY, 2015, p. 601), a Poesia Práxis – ‘vanguarda com que Godoy travou contato quando ainda fazia parte do GEN’ (Grupo de Escritores Novos) – muito influenciou a escrita de Heleno Godoy, a ponto de Mário Chamie considerá-lo como um de seus maiores instauradores no Brasil. A Práxis está diretamente ligada ao criticismo às novas vanguardas brasileiras, especialmente ao Concretismo, com críticas incisivas à vanguarda concretista e o academicismo desse movimento, visto as inúmeras publicações que os escritores adeptos à Práxis realizaram com divulgações extensas, complexas e engajadas demonstrando suas insatisfações e com a proposta de uma nova estética poética.

Na Práxis, portanto, a palavra passa de ‘meio’ para ‘matéria-prima’: recurso maior da linguagem e responsável pela arte da e na escrita. Assim, a Poesia Práxis pode ser definida como:

(...) aquela que organiza e monta, esteticamente, uma realidade situada, segundo três condições de ação: o ato de compor; a área de levantamento da composição; e o ato de consumir.

(...) o “ato de compor” implica, acima de tudo a tomada de consciência de um projeto semântico. Dessa forma, o poeta, ao elaborar um poema, não deve prender-se a esquemas formais pré-determinados. (...).

A “área de levantamento” é definida como uma realidade escolhida. Não se tem a escolha de um tema, mas o levantamento e a exposição de um problema. (...).

A última condição do poema práxis é o “ato de consumir”, ou ato da leitura ao nível da consciência dos leitores. Não significa que se deve escrever para o leitor segundo a sua educação e o seu alcance intelectual. (...). Mário Chamie considera, no “ato de consumir”, o papel do autor que, ao deixar o “ato de compor”, torna-se também leitor. (Procópio, In: GODOY, 2015, p.602)

A Práxis realoca, pois, a poesia, de modo que ela deixe de lado unicamente a preocupação estética, tão presente no Concretismo e Neoconcretismo, e passe a discutir o papel social da poesia como divulgadora das questões sociais. Dessa forma, a visão formalista do texto agrega-se à visão crítica da realidade brasileira, com caráter participante ou social, com denúncias das desumanidades da vida moderna, críticas ao capitalismo, à exploração do proletariado, ao crescimento urbano e à industrialização.

Como herança da Práxis, então, Godoy apresenta uma preocupação com a organização de seus livros, feita de forma meticulosa e com uma linguagem precisa. Com a Práxis, Godoy aprendeu que um livro, sobretudo o de poemas, é uma organização total, que deve ser elaborado do início ao fim, e no qual todos os poemas devem ser subordinados, assim como o próprio Godoy relatou a Miguel Jorge (In: GODOY, 2015, p.614).

O poeta, então, usa de diversos recursos no seu fazer literário, tais como: a metalinguagem; o uso da repetição, notório em *Sob a pele*; as metáforas, o (anti)confessionalismo; o interesse pela tradição passada, presente ao longo de quase todos os livros do escritor, com confluências com poemas do alto Modernismo (como T. S. Eliot), influência dos românticos alemães (Godoy faz poesia e poesia da poesia), rigorosidade (como em João Cabral de Melo Neto); e a interlocução, com uma escrita viva, que ganha sentido e proporção através do leitor e no leitor.

Dentro dessa linha de estudo há o GEN que, ainda segundo Miguel Jorge (In: GODOY, 2015, p.610), trabalhava desde a literatura brasileira à literatura estrangeira, com escritores que tinham a mesma intencionalidade: a inovação. Esses escritores iam de:

Kafka a Guimarães Rosa; de Clarice Lispector a Machado de Assis, James Joyce, Faulkner, Hemingway, Proust, Sartre, Camus, além, é claro, de passar por todos os modernistas da Semana de 22, para chegar a Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto, Manuel Bandeira, Vinicius de Moraes, Hilda Hilst, Lygia Fagundes Telles, enfim, buscar os recursos do passado, mas reconhecendo o processo criativo do presente.

O GEN queria, por conseguinte, firmar-se na história cultural de Goiás. Seguidamente, criou-se a Revista do GEN, uma revista artesanal e liderada por Heleno Godoy e Reinaldo Barbalho. Nesse veículo de comunicação, publicavam-se poemas, artigos, contos, crônicas e críticas; além de se aspirar apelo à não estruturação comum dos textos em ‘princípio, meio e fim’ e à negação da convencionalidade das rimas. Outro ponto de destaque é a necessidade da autorreflexão sobre o mundo e as coisas, papel assumido pela Poesia Práxis, e pela urgência na inovação, porém, sem se abster daquilo de bom e louvável que os grandes escritores modernos e estrangeiros ofereceram e oferecem à literatura e aos leitores.

Resistente ao GEN e com uma crítica contundente ao grupo, Gilberto Mendonça Teles (1964), em *A poesia em Goiás*, questiona algumas condutas do grupo de escritores novos e, por assim dizer, a audácia desses escritores, referindo-se a eles como um grupo de poetas iniciantes que acreditavam ser responsáveis pelo atual movimento literário de Goiás. O crítico ainda sustenta sua análise com alusões à palavra ‘movimento’, voltando-se para a etimologia da palavra e seu significado no campo social e literário.

O GEN, no entanto, não se propunha a criar uma academia ou um movimento literário. O intuito do grupo era o de estudo, divulgação do trabalho dos integrantes do GEN e o de movimentação, no sentido de fazer acontecer e dar-se a conhecer na cultura de Goiás. O GEN, portanto, representou uma inovação em diversos aspectos da literatura goiana e fez parte,

diretamente, de um significativo crescimento literário de seus integrantes, a ponto de que os maiores representantes das letras goianas da contemporaneidade fizeram parte do Grupo de Escritores Novos, destacando-se aqui Heleno Godoy.

A literatura de Godoy, por sua vez, volta-se, também, para o tempo. No entanto, sob a perspectiva da ruptura da tradição, já que carrega consigo marcas da influência de outros escritores de relevância e reafirma, então, a transmissão de uma geração a outra, de formas literárias e artísticas, ideias e estilos, costumes e crenças. Assim, instaura uma literatura inovadora, autêntica e audaz, que se constitui, segundo Paz (1984), de um equilíbrio entre tradição e modernidade.

Logo, na seção seguinte se fará uma análise consubstanciada dessa elaboração cuidadosa e intencional de Godoy, perpassando-se, rapidamente, às obras do poeta e apresentando, com maior riqueza de detalhes, *A casa* e *Lugar comum e outros poemas*, sem perder de vista o moderno e o contemporâneo.

2.2 *A casa e Lugar comum e outros poemas: apontamentos sobre o corpus da pesquisa*

Este branco me assusta mais ainda, pois
nunca consegui, debalde as tentativas,
saber o que nele fazia constantemente,
se o preenchia comigo mesmo ou com
coisas que acreditava minhas, se todas me
escapavam, mal as imprimia nele.

Heleno Godoy - *Lugar comum e outros poemas*

Heleno Godoy escreveu ao todo catorze livros em cinquenta anos de publicação literária, sendo dez deles de poesias. Seu primeiro livro de poesia, *Os veículos*, foi escrito em 1968, e é o mais próximo de *Lavra lavra*, de Mário Chamie, conforme relata Yokozawa (In: GODOY, 2015). O segundo livro de poesia foi *Fábula fingida*, obra mais experimental de Heleno, um poema longo e simultaneamente épico e lírico, por sinal mais lírico, e com forte ligação com T. S. Eliot.

No meio, um romance: *As lesmas*; e um livro de narrativas: *Relações*, o qual recebeu o prêmio “Hugo de Carvalho Ramos”, em 1979. Em 1992, surge *A casa*, livro que não se apóia no experimentalismo do Modernismo, como acontece em *Fábula fingida*.

A casa, terceira obra na cronologia de publicação de Heleno, trabalha em torno do objeto ‘casa’, perpassando o adentrar, o habitar, o existir e o coexistir da casa, de forma

denotativa e prioritariamente conotativa, começando pelo lugar como espaço habitável, passando a um espaço múltiplo, humano, complexo e contraditório. No entanto, o trabalho com as coisas não torna a poesia desumana e nem menos lírica. Usa-se o substantivo ‘casa’ e a partir dele faz poesia.

Godoy por sua vez, em *A casa*, elabora uma obra objetiva, porém que não se distancia de toda subjetividade, uma vez que seja essa subjetividade imanente à obra, mas que não aparece na derme dos textos. O livro explora as representações polissêmicas da “casa”, assumidas no plano da concretude, no plano afetivo, existencial e antropológico, com uma poesia mais do pensar que do sentir. O poeta goiano, por meio da consciência do fazer artístico, usa de uma linguagem que evita elucubrações do eu, com uma obra poética que é um desdobramento da inteligência sobre o domínio da técnica, alcançando assim a fruição poética.

Logo, o livro retrata, com maestria, o labor do autor, o domínio da palavra e do fazer poético, sendo a representação da maturidade, do conhecimento e do rigor, das técnicas literárias e da escrita. Ele vai do espaço físico à simbologia, ao relato de narrativas, dramas, sentimentos e experiências cotidianas. Goiandira O. de Camargo (In: GODOY, 2015) ressalta que o escritor colhe, em *A casa*, o que há de prosaico no mundo e transforma, por meio do criar, em poesia.

A organização do livro, com edição datada em 1992, é estruturada desde o início, com capa ilustrada pela filha do poeta, Mariana Carneiro Godoy de Souza (Anexo 5), com um desenho pueril e traços evidentemente de criança, em que se observa a imagem de uma casa simples, com uma chaminé, acrescida da representação visual da fumaça; um jardim, com flores, e a imagem de uma criança. O sujeito central do livro é, por conseguinte, a casa, que vai desde o sentido físico (a estrutura), até o sentido simbólico (imagens, narrativas, acontecimentos diários); saindo do ‘vazio’ para a ‘completude’ por meio da habitação. Depois, a casa se torna ‘espaço’, lugar de convivência; passando a ‘espaço existencial’, ‘antropológico’, de ‘memória’. Há ainda a força do tempo, que, por mais que haja ondas renovadoras nessa mesma casa, a rotina fala mais alto e se impõe. O acúmulo é outro ponto expressivo, já que a casa vai, ano após ano, amontoando e sendo depósito de coisas, sensações, objetos, materialidades. Assim, o tempo passa a ser a própria casa, na qual os habitantes se circunscrevem e aprendem.

Dessa maneira, *A casa* trabalha com as palavras de forma a colocar o ‘habitar’ em consonância com os integrantes desse espaço, levando atividades diárias e rotineiras a

assumirem papéis fundamentais para a completude da casa, como se observa no fragmento abaixo:

(...)
A casa não admite sentimentos
permanentes, rechaçar a emoção
de ser uma ou serem um,
de ser aberta ou estarem lá,
de ser só ou estarem juntos.

Tudo isso varia na casa vária
em sua variedade: tem o dia
da **limpeza** e do **passar a roupa**,
da **construção** e do **furar o poço**,
da **aspereza** e do **aparar arestas**.

Tem o dia da casa em si mesma,
como **uma nova imagem do que acontece lá.**
(GODOY, 2015, p. 344, grifos nossos)

Nessa mesma casa, há, ainda, a ambiguidade natural e o labor com a palavra, que concomitantemente são trabalhadas e incorporam mais sentido ao todo. Assim, Godoy apresenta ‘discurso’ e ‘realidade’ que se fundem e se distanciam ao longo do livro. Nesse momento, a palavra passa a ser, então, ‘devir’: aquela que passa a ser, fazer existir; que se refere ao processo de mudanças efetivas pelas quais todo ser se vê, tal como se nota nos dois últimos versos do poema acima: “Tem o dia da casa em si mesma,/como uma nova imagem do que acontece lá.”. Mudança essa que gera capacidade de criar, transformar e modificar.

Já o título do livro, ao mesmo tempo que demonstra certa impessoalidade e distanciamento do poeta, situa essa dada casa em um lugar específico em relação a todas as outras existentes. O elemento que garante essa interpretação é o artigo definido “a” (*A casa*), o qual confere à casa uma relação de pertence. Assim, a linguagem é que assume e norteia o caminho a seguir quanto à subjetividade lírica, ou não, presente no texto. Por conseguinte, o eu-lírico se mostra ausente, mas faz com que a subjetividade, sua voz e marcas façam presença por meio das estratégias linguísticas e trato com as palavras. A linguagem, então, fala por si só.

Nesse contexto, é válido lembrar Jonathan Culler que fala sobre a literatura, levanta reflexões acerca da definição de ‘literatura’, sua importância, pontua sobre as funções assumidas por ela e a relação do texto literário com a linguagem. Nessa última reflexão, correlacionando-a ao trabalho que Godoy realiza com a linguagem em *A casa*, assim diz o teórico crítico:

Literatura é linguagem que “coloca em primeiro plano” a própria linguagem: torna-a estranha, atrai-a em você – (...) – assim você não pode se esquecer de que está lidando com a linguagem configurada (...). Em particular, a poesia organiza o plano sonoro da linguagem para torná-lo algo com que temos de ajustar contas.

(...)

Literatura é linguagem na qual os diversos elementos e componentes do texto entram em uma relação complexa. (CULLER, 1999, p. 35-36)

Assim faz Godoy, que com precisão técnica e ciência de sua escrita, elabora sua obra, trabalha com as palavras e, por meio da articulação da linguagem, produz arte, produz literatura. Voltando-se, pois, à perspectiva estrutural da obra em análise, Godoy apresenta, seguidamente, as epígrafes e a hipógrafe que abrem e fecham o livro *A casa* e que norteiam a leitura da obra. Ao todo, quatro. Uma delas de Roberto DaMatta, antropólogo e escritor da obra *‘A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil’*, livro no qual Godoy muito se inspirou para produzir o seu *A casa*. Essa hipógrafe de DaMatta (apud GODOY, 2015, p. 365), a qual diz: “Um livro é como uma casa. Tem fachada, jardim, sala de visitas, quartos, dependência de empregada e até mesmo cozinha e porão.”, encontra-se no final do livro, lugar que ocupa propositalmente no intuito de provocar no leitor o desejo de retornar a leitura do livro e reconhecer uma casa comum à sua, porém, nas linhas desse livro, além de criar uma analogia entre a obra e a estrutura ‘casa’, aproximando-os.

Dessa forma, a obra de Heleno é na verdade um livro-casa, como se refere Camargo (In: GODOY, 2015, p.571), mas que ganha notoriedade, a partir do momento que é reconhecida e desvelada, vista com suas particularidades, por meio do adentrar, pois, do contrário, será sempre uma casa comum a tantas outras já existentes. Vejam-se os versos de Godoy (2015, p.356), os quais (re)afirmam essa explanação:

(...)

Quando todas as paredes
estão pintadas, todas as casas
se equivalem, todos os jardins
se parecem, todos os habitantes
se identificam.

E ainda:

É PRECISO LER NA CASA A ESTRUTURA
de paredes e assoalhos, superfícies
nunca lisas como no rigor
de uma gramática.

É preciso ler essa sintaxe justa-
posta, a verticalidade de mesas
e aparos, camas, banheira, na

triangularidade desta referência.

A casa lida não é, sendo estrutura,
ela está onde a levantam, por onde
entram e transitam: a casa só
existe quando conotada.

É preciso que se habite
a casa e seu espaço:
a real, - construída -,
e a outra, a da aparência.
(GODOY, 2015, p.349-350)

No primeiro fragmento, de apenas uma estrofe, fica clara a homogeneidade que permeia todas as casas, independente do lugar em que se encontram. Vistas de fora, todas as casas são iguais: meras estruturas, constituídas de paredes, pura materialidade, apropriação denotativa. Enquanto nos versos do outro poema se vê uma casa construída conotativamente por meio das relações estabelecidas nela, suas singularidades, seu habitar e adentrar, uma ‘sintaxe justaposta’ que extrapola o ‘rigor de uma gramática’ e que vai além da estrutura, já que uma casa ‘está onde a levantam’ e a fazem de fato existir e sentir. Dessa forma, Godoy expressa a ambiguidade existente entre a casa (o referente) e a casa construída com palavras, a casa para ser lida.

Por essa perspectiva, *A casa* é construída passo a passo, assumindo gradativamente papéis à medida que se faz existir. Primeiro, ela é vista como um lugar constituído por paredes, formas e espaços: a habitação. Vejam-se, para fundamentar a análise, os versos do poema acima: “É PRECISO LER NA CASA A ESTRUTURA,/de paredes e assoalhos, superfícies/nunca lisas como no rigor/de uma gramática.”.

Depois, a habitação dá lugar à prisão, ao “engaiolamento” do “poeta-pássaro” (a ‘gaiola’ é a representação mimética dessa prisão), assim como se refere Mindlin (In: GODOY, 2015, p.565); espaço que, ao contrário do senso comum (aconchego, abrigo, segurança, “domus”), tem relação mais doméstica, e acaba por denotar certa subversão, assim como lê no fragmento retirado do livro *A casa*:

COMO GAIOLA, UM QUE A UM PÁSSARO AVULTA
pequena e sem sentido, confinado espaço,/a casa mapeada (...).

Como gaiola, sim, a casa pode estar
ameaçada de um abandono e tempestade,
indormida como sombra particular
deste nome de família, e que desagrada
a um e outro a ideia de ser ela um lar
(GODOY, 2015, p. 347-348)

Por conseguinte, a subversão leva ao desabrigo, à rua. À casa contínua à rua, distante e próxima da casa doméstica: distante pela ausência de muros e próxima pelo desabrigo, insegurança e desamparo que ambas possuem, o que é evidenciado na passagem:

A DISTÂNCIA ENTRE A CASA
e sua aparência, entre a rua
e a porta da frente, o muro
do quintal e a última porta,
é também aparente (...).
(GODOY, 2015, p. 350)

E também em:

A CASA PODE NÃO SER
o espaço da rua,
mas não se evita que seja o espaço
da dúvida.
(GODOY, 2015, p. 351)

Portanto, a casa se reconota. Surge, então, na estrofe: “A casa lida não é, sendo estrutura,/ela está onde a levantam, por onde/entram e transitam: a casa só/existe quando conotada.” (GODOY, 2015, p. 350), a ‘casa-poema’, referência feita ainda por Mindlin. Aqui, a casa reconota. Ela é necessidade, é sinônimo de bem-estar, abrigo da família, dos amigos, dos poetas-irmãos que “falam” em várias vozes no decorrer do livro, tais como T. S. Eliot, João Cabral de Melo Neto e Fernando Pessoa. A casa, então, passa de simples estrutura para lugar de alegria e prazer, com um amor, ainda que tímido, a brotar. Dessa forma, a casa se recompõe a cada dia e é o “espaço do habitável”, da liberdade e da experiência cotidiana. A casa, então, está: “está onde a levantam, por onde/entram e transitam: a casa só/existe quando conotada” (GODOY, 2015, 350).

Por fim, a casa passa a ser. É o desembocar da casa-poema. Onde o habitante passa a estar e a sentir que *deveras* é, para além do significante da palavra ‘casa’. Nesse intuito, *A casa* é um caminhar de vários signos de construção, que sugere foras e dentro, segurança e abrigo, espaços livres e compartimentos recônditos.

Dessarte, os poemas em *A casa* refletem tanta autoria, tanta elaboração, que as imagens saltam deles revelando a força poética, e até mesmo imagética, dessa obra. Logo, o poeta ganha força e se mostra no entrelaçar do empírico, autobiográfico e lírico, conforme pontua Camargo (In: GODOY, 2015).

Nessa análise, ainda de acordo com Camargo, o “livro-casa” é resultado da influência de escritores modernos, mas que muito contribuíram para a contemporaneidade, visto que o

poeta (Godoy) ganha força e origina-se da confluência do empírico, do autobiográfico e da lírica. Elementos que se justificam, respectivamente, por: Godoy estabelecer um compromisso com a linguagem e encontrar seu próprio caminho e escrita, apoiando-se mais no simbólico do que do realista, não se interessando “em refletir o mundo exterior de um trabalho mimético”, como dito por Bernardo Élis (In: GODOY, 2001, s/p); em segundo momento, por apresentar no livro fatos apoiados, possivelmente, em experiências vividas pelo escritor, com relatos de situações significativas (ou não) construídas dentro do espaço da casa, e lírica por mesclar a objetividade e a subjetividade na obra, de forma que se nota certa afetividade no texto. O escritor, então, se materializa na literatura, no fazer poético, que é percebido por meio de sua fala e autoria e do leitor e suas leituras.

Esses escritores modernos, a que o escritor goiano buscou referências, vão de Archibald MacLeish (escritor, poeta e, posteriormente, político norte-americano, nascido em Glencoe, Illinois, conforme dados apontados em ‘poets.org’.), Gertrude Stein (contemporânea de MacLeish, de naturalidade americana e, impressionantemente, sem muito sucesso no campo das publicações. Stein influenciou fortemente grandes escritores modernos, tal como James Joyce, assim como se encontra relatado em ‘Poetry Foundation’.) e João Cabral de Melo Neto (poeta avesso ao confessionalismo e com forte rigor linguístico marcado pela racionalidade).

Portanto, *A casa*, obra dotada de autenticidade, mantém a simetria e a objetividade em sua estruturação e linguagem. Godoy, como bom leitor e poeta que é, sabe, ao seu modo, (re)criar uma linguagem e escrita próprias que resultam na complexidade e na completude da obra *A casa*, uma obra planejada como livro, projeto artístico coeso, ao contrário de *Lugar comum e outros poemas*; organizada em quatro blocos; estruturados, cada um deles, com quinze poemas, totalizando sessenta poemas ao todo, mais as epígrafes.

O outro livro que constitui o *corpus* de análise dessa pesquisa é *Lugar comum e outros poemas*: o sexto livro de poesia de Heleno Godoy, publicado em 2005. Depois dele, o escritor já “deu à luz” a mais duas obras de poesia: *Sob a pele* (2007) e *A ordenação dos dias* (2009), além dos inéditos publicados em *Inventário*. Segundo Yokozawa (In: GODOY, 2015, p. 508), “*Lugar Comum* é o livro mais pessoal de Godoy”. De caráter menos coeso que *A casa* como projeto artístico, aparentemente, com poemas agrupados em conjuntos temáticos, fundados na memória da infância, poemas que retratam o período do mestrado do poeta, autorretratos, com poemas à beira da prosa e com bastante presença do humor.

O humor e mesmo a ironia são constantes em *Lugar comum e outros poemas*. No entanto, ainda segundo Yokozawa (In: GODOY, 2015), um humor que funciona, na verdade,

como um antídoto do confessionalismo e garante o afastamento do ‘eu’ à ‘matéria-lírica’; com uma ironia à tradição literária, o que confere distanciamento crítico; uma ironia à obra em si, por meio do questionamento constante da linguagem de sua própria produção literária, como aconteceu essencialmente com Cabral; por vezes, uma autoironia e, até mesmo, uma ironia voltada para o mundo, como forma de criticar e questionar a (des)ordem capitalista, política e contemporânea, como se vê no poema abaixo:

7 De Setembro

É preciso amar a Pátria,
louvar a Pátria, honrar a Pátria,
defender a Pátria. Se preciso,
até morrer pela Pátria.

É preciso ainda marchar
pela Pátria, cantar pela Pátria
Mas... sem questionar, sem
duvidar, sem nem ao menos
pensar, sem nem ao menos
procurar saber se quando
amamos, louvamos e honramos
e até morremos pela Pátria não
estamos apenas defendendo
os que, temporariamente
ou não, se mantêm lá
e exercem o poder?

Pátria... Pode ser ingenuidade,
mas é preciso, antes e durante,
saber qual e a de quem!
(GODOY, 2015. p.199-200)

Logo, é notório, no poema, o humor e a ironia, além da forte crítica que o poeta faz, nas entrelinhas, aos governantes que estão à frente do comando político do país (pressupõe-se que seja o ‘Brasil’ esse país, visto o título “7 de setembro”, dia em que se comemora a Independência do Brasil). Ainda, Godoy ressalva os bons sentimentos que devem permear a relação de patriotismo, além da importância de se zelar e viver pela pátria (“É preciso amar a Pátria,/louvar a Pátria, honrar a Pátria,/defender a Pátria. Se preciso,/até morrer pela Pátria.”). A gradação dos verbos até chegar à ação extrema: morrer, antecedido pelo “É preciso...”, reforça a ironia sobre a necessidade de subserviência à nacionalidade.

Na segunda estrofe, a repetição da preposição “sem” intensifica a submissão à Pátria, ou à ‘força maior’ que se mantém por detrás dessa Pátria, de forma a garantir que o controle do país e das normas preestabelecidas pela organização governamental sejam efetivadas sem “questionar”, “duvidar” e “pensar”, com ausência total de criticidade por parte da população,

ou daqueles que se submetem às regras impostas. Essa defesa é contraposta pelo questionamento logo ao fim da segunda estrofe: “(...) sem nem ao menos/procurar saber se quando/amamos, louvamos e honramos/e até morremos pela Pátria não/estamos apenas defendendo/os que, temporariamente/ou não, se mantém lá/e exercem o poder?”. Assim, com o ato de interrogar, assume-se uma postura ativa e que mostra o que realmente é preciso: questionar, problematizar e, na medida certa, discernir.

No entanto, na última estrofe (“Pátria... Pode ser ingenuidade,/ mas é preciso, antes e durante,/ saber qual e a de quem!”), o escritor alerta e, de certa forma, sugere que se analise e pense sobre o meio no qual se está inserido para somente depois assumir uma posição diante da Pátria e usar para com ela os sentimentos cabíveis e devidos, o que garante também uma marca contemporânea à escrita godoyana, já que acaba por questionar o cotidiano e impulsiona o leitor a analisar seu meio e suas ações.

Assim, complementar ao trabalho com o humor e a ironia, há a marca da modernidade em *Lugar comum*, onde se nota também a influência bandeiriana, de acordo com apontamentos feitos por Yokozawa (2015). Essa influência se mostra mais evidente nos poemas sobre a memória da infância e da adolescência do poeta. Dessa forma, Manuel Bandeira tem maior e mais intensa presença em *Lugar comum e outros poemas*, já que nessa obra ele se presentifica

por meio de uma linguagem simples, que se avizinha da prosa e é assinalada pelo humor. Assim, pois, revela-se mais uma das múltiplas influências consubstanciadas pelo poeta que estreou sob o signo da Práxis: o modernismo de 22 em sua versão muito pessoal como o realizou Manuel Bandeira. (Yokozawa, In: GODOY, 2015, p.509)

Por conseguinte, *Lugar comum* é o livro do autor que estabelece maior comunicação com o leitor mediano, já que mescla lugares comuns às vivências também comuns aos leitores. Destarte, a escolha do título do livro se justifica por ser vista,

numa primeira acepção, como sinônimo de banal, daquilo que acontece de uma forma ou de outra a toda gente, ou o que pode acontecer a toda gente de uma forma ou de outra. [...]. Mas a expressão *lugar comum* tem ainda outros significados, não menos verdadeiros, que podem ser vistos como o lugar das relações em que coisas comuns, sentimentos ou confissões, podem ser compartilhadas.

O lugar comum como o espaço onde coisas podem ser compartilhadas é por excelência também o lugar da poesia. (Oscar, In: GODOY, 2015, p.498)

Poesia que, segundo Godoy, qualifica-se como boa ou má, já que existem muitas “medidas mal feitas” e “pesos mal calculados”. O que resulta, ainda de acordo com Heleno,

em uma “desastrosa estética/matemática, poética de consumo/rápido, poesia fácil de lamúrias.” (GODOY, 2015. p. 207).

Ainda, seguindo a linha das influências e confluências modernas em *Lugar comum e outros poemas*, há Carlos Drummond de Andrade – escritor e poeta modernista – que, assim como Manuel Bandeira, realizou um trabalho bem consistente com a memória. Godoy, então, ‘brinca’ com a memória, presentificando-a; ou seja, as lembranças encontram-se tanto no passado, quanto vivas no agora, por meio de verbos conjugados no tempo presente e futuro, o que faz com que essas mesmas memórias sejam remexidas, mas sem melancolia e, ao mesmo tempo, demonstrando aproximação e distanciamento do “eu-poético”, como se nota abaixo:

Álbum de Família

Esta menina com uma flor na mão
 não sabe ainda, mas será minha mãe.
 Aquele menino lá, de uniforme, será
 um de meus muitos tantos tios.
 De um lado como do outro, não
faltarão parentes: este meu avô
 aqui, de bigode, ou esta avó magra,
 que irá morar longe, num sanatório.
 Numas outras fotos, estes outros
 avós, que a sorte e a saúde muito
 mais tempo mantiveram por perto.

De uma caixa de sapatos é que saem,
 pois lá guardadas, todas essas fotos
 velhas, algumas com rasgados, outras
 amareladas, outras tantas desfocadas.

Não estão num álbum dispostas,
 ordenadas e exibidas. Não. Aqui,
 nesta caixa, muito mais que num
 álbum organizado, encontro certas
 as biografias que me fascinam,
 as lembranças embaralhadas,
 roupas às vezes em desalinho,
 instantâneos precisos, muito
 mais nítidos que fotos de estúdio
 ou de festas fartas, de aniversários
 ou casamentos, batizados, enterros.

(GODOY, 2015. p. 146-147, grifos nossos)

Nesse poema, o poeta rememora fatos passados, por meio de imagens dispostas em fotografias de um álbum de família, mas posicionando-se à superfície do texto, ou seja, o escritor observa as fotografias dispostas, dando a sensação de se distanciar a elas e aos fatos relatados, mas, contrariamente à essa impressão, ele confere afetividade ao poema, de modo que as palavras ganhem papel de destaque e que essas mesmas memórias tenham

continuidade no leitor, porém, uma continuidade mais consciente, o que reflete o trabalho de um poeta maduro.

O texto é iniciado por uma descrição feita pelo sujeito lírico, que olha as fotografias da família, as quais desempenham o papel de um ‘espelho do passado’, mas que assume um lugar privilegiado, visto seu olhar futuro sobre os fatos do pretérito, com o conhecimento claro e acurado do destino de cada membro ali disposto.

Essa análise se confirma ao analisar as três estrofes que compõem o poema. Na primeira estrofe, assim como nas duas seguintes, o escritor trabalha com o tempo, de maneira que ele transita entre o passado, o presente e o futuro. Godoy introduz o poema com verbos flexionados no futuro do presente (será, faltarão, irá), depois, conjuga o verbo ‘manter’ no pretérito perfeito (mantiveram) e termina por flexionar os verbos seguintes no presente (é, saem, estão, fascinam).

Godoy, então, apresenta, na primeira estrofe, cada uma das personagens: “minha mãe”, “um de meus muitos tantos tios”, “meu avô”, “esta avó magra”, “outros avôs”. À medida que as personagens aparecem no poema, suas caracterizações, tal como o poeta as vê nas fotografias, são feitas (mãe: “Esta menina com uma flor na mão”, um dos tantos tios: “Aquele menino lá, de uniforme”, avô: “de bigode”, avó magra: “... irá morar longe, num sanatório”, outros avôs: “... a sorte e a saúde muito mais tempo mantiveram por perto”).

Na segunda estrofe, o poeta pormenoriza as fotos (“... velhas,/algumas com rasgados, outras/amareladas, outras tantas desfocadas.”) e relata o local no qual se encontram guardadas: “uma caixa de sapatos”. Para fechar, na última estrofe, Godoy descreve a maneira como as fotografias encontram-se nessa caixa de sapatos: “Não estão num álbum dispostas,/ordenadas e exibidas.”. Ao contrário do que se vê usualmente em álbuns de família, as fotografias ali dispostas estavam soltas e embaralhadas, mas, para o poeta, elas encontravam-se melhor organizadas do que se, cronologicamente, ordenadas, já que essa disposição assegurava maior fidelidade às suas memórias.

Sobre os conteúdos memorialísticos trabalhados pelo escritor, Yokozawa (2015), em *Reconfigurações da memória na poesia brasileira contemporânea*, diz que a reflexividade sobre esses conteúdos é constante nos poemas autobiográficos de Godoy. Ela, ainda, complementa que, mais que o trato com a memória, o poeta reflete criticamente sobre essa matéria pessoal “num exercício expandido de autorreferencialidade que é uma das constantes líricas godoyanas” (YOKOZAWA, 2015, p. 52). A estudiosa refere-se à autorreferencialidade e à postura crítica sobre a memória como marcas, também, de textos modernos, e lembra a familiaridade desse trabalho à narrativa monumental de Proust. E termina por assim

considerar: Não se trata apenas de uma literatura de memória, mas de uma literatura sobre a memória, que é crítica da memória e dela mesma, o que termina evidenciando os deslimes entre as formas de memória no lirismo e no “pós-lirismo”.” (YOKOZAWA, 2015, p. 52).

Por essa perspectiva, e a partir de uma análise sólida, agora em *Sobre Lugar comum e outros poemas*, Yokozawa (In: GODOY, 2015, p. 512, grifos da autora) complementa a consideração:

É verdade que toda literatura encontra no lugar comum o seu ponto de partida. Um dos desafios que compete a cada poeta é fazer o lugar comum soar diferente. Heleno Godoy encontra na retomada crítica do lugar comum da vida, da língua e da literatura, a sua chave de originalidade. Chave de originalidade que confere coesão entre os poemas do livro *Lugar comum*, afirma o fazer poético de autor já estabelecido em *fábula fingida*, e o conecta com tradições mais recentes, como a cabralina, mas também com outras mais distantes, como a romântica.

Portanto, vale dizer que em *Lugar comum*, e nas demais obras do poeta, há uma originalidade constante e uma diversidade que compõem uma unidade do todo, mesclando o moderno e o contemporâneo, sem perder de vista o audaz e o autêntico, marcas precisas de Heleno Godoy.

Assim, após estudo e análises sobre o poeta goiano, suas obras, especificamente *A casa* e *Lugar comum e outros poemas*; sua inserção no panorama moderno e contemporâneo e a explanação sobre a formação leitora resultante da modernidade e da contemporaneidade, passa-se, no capítulo seguinte, à descrição da metodologia de percurso dessa pesquisa e à análise de dados do material coletado durante esse processo.

CAPÍTULO 3

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE DE DADOS

3.1 Sob os trilhos do fazer, reinventar e sentir poético: as metodologias de percurso

[...]
 ah! Que um professor se contorça todo
 quando perde a maioria e não mais pode
 impor seu gosto e escolha sobre uns livros
 para um vestibular qualquer
 (..)

é sempre um grito e se diz que, para ganhar,
 só se for no grito e gritam ele e elas
 e os outros

pobres mediocridades inúteis
 pois é assim que o mundo se separa

entre os que se seguram gritando
 de um lado, crenças que vão ganhar
 no grito que dão e, apenas se isolam,
 e aqueles que se estendem do outro,
 como luz que ensaia seu tanto antes,
 para ver se um novo dia virá por trás
 (...)

Heleno Godoy - *Sob a pele*.

A pesquisa proposta neste estudo se pautou na leitura da poesia moderna e contemporânea e teve como *corpus* de análise *A casa e Lugar comum e outros poemas*, livros do escritor Heleno Godoy. Logo, a delimitação do tema de pesquisa parte de um interesse pessoal pela leitura e literatura, com foco na leitura de poemas coletados dos livros *A casa e Lugar comum e outros poemas*, com o intuito de promover aos participantes da pesquisa uma maior proximidade com a poesia e uma formação leitora significativa, no tocante de que o gênero parte de uma linguagem verbal, e, para senti-la, compreendê-la e vivenciá-la, é preciso que o ritmo, as imagens e os sentidos sejam percebidos pelo leitor – o discente.

Já quanto à metodologia de investigação, o estudo aqui caracterizado é uma pesquisa-ação, de cunho qualitativo. Thiollent (1998) relata que a pesquisa-ação possui uma flexibilidade organizacional, de modo que há sempre uma preocupação dos pesquisadores em adaptarem as melhores estratégias de estudo aos participantes envolvidos na pesquisa, já que imprevistos e situações diversas são suscetíveis em trabalhos que envolvem seres humanos. Num primeiro momento, é importante que se faça contato com o *locus* e os participantes com o intento de se realizar uma sondagem do meio e da realidade local, elencar “apoios e

resistências, convergências e divergências, posições otimistas e céticas, etc.” (THIOLLENT, 1998, p. 48). Então, “com o balanço desses aspectos, o estudo de viabilidade permite aos pesquisadores tomarem a decisão e aceitarem o desafio da pesquisa sem criar falsas expectativas” (THIOLLENT, 1998, p. 48).

Segundo o estudioso, a pesquisa-ação obedece a alguns critérios estruturais que vão desde: a sondagem, delimitação do tema da pesquisa, cerceamento do campo de observação, os objetivos a serem alcançados, a delimitação da problemática; a teoria norteadora da pesquisa, a qual Thiollent (1998, p. 55) diz consistir na geração de “ideias, hipóteses ou diretrizes para orientar a pesquisa e as interpretações”; coleta de dados, elaboração do plano de ação/sequência didática, a capacidade de aprendizagem e a divulgação externa do produto da pesquisa. Com esses apontamentos, é interessante trazer a definição, de acordo com Thiollent (1998, p. 14), de pesquisa-ação, a qual diz:

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Após situar e caracterizar teoricamente a pesquisa deste estudo, parte-se para a descrição estrutural do trabalho. A pesquisa, então, compreende como participantes os alunos do sétimo ano A, turno matutino, do Ensino Fundamental II, da Escola Estadual Presidente Castelo Branco – uma escola de periferia, localizada na cidade de Inhumas – GO. O *locus* da pesquisa é fisicamente estruturado em dez salas, mais uma sala da direção e coordenação geral, outra sala das coordenadoras de turno (matutino e vespertino) e gerência da merenda, uma sala de AEE (Atendimento Educacional Especializado), além da sala dos professores e a sala destinada à secretaria. Não há salas de vídeos, em específico, mas sim salas com vídeos: três, com dois ‘datashows’. Não há laboratório de informática, apesar de haver alguns computadores embalados em caixas, conforme relato da professora regente; uma cantina, onde são preparados os lanches distribuídos na escola; uma saleta que funciona como lugar para se guardar materiais e utensílios de limpeza, e dois banheiros.

Institucionalmente, há uma diretora, uma coordenadora geral (responsável pela conduta da disciplina na escola), duas coordenadoras de turnos (responsáveis pelo acompanhamento das atividades docentes e escolares e, conseqüentemente, da aprendizagem discente), um gerente da merenda (encarregado pelo controle dos alimentos necessários para o preparo dos lanches, o balanceamento de uma alimentação mais saudável para o alunado e a

gestão financeira relativa à merenda), quatro merendeiras (duas em cada turno), três professoras de apoio (responsáveis pelo atendimento de alunos com necessidades específicas), catorze docentes efetivos e oito contratados temporariamente; duas secretárias, duas porteiras e duas pessoas responsáveis pelos serviços gerais do local.

Quanto à biblioteca, há uma sala destinada a ela, com a presença de uma bibliotecária. Ressalva-se, para via de conhecimento, que a escola em questão não possui uma biblioteca ampla e propícia para o bom relacionamento entre o leitor e a leitura. Há uma saleta com grande volume de livros (materiais didáticos) e obras literárias, algumas de caráter relevante que vão de cânones a *Best Sellers*, organizados em poucas estantes, com bastantes exemplares acumulados por toda a extensão do espaço. As condições do ambiente não favorecem o trabalho no local, não comportando, por conseguinte, a presença concomitante de um número expressivo do alunado.

Relativo aos participantes, eles totalizam vinte e seis alunos, com idade entre onze e dezesseis anos. Para tanto, os critérios de inclusão da pesquisa foram: estar regularmente matriculado na escola, ser do 7º ano, turma A, ser do turno matutino e ter idade entre onze e dezesseis anos e ser signatário do TALE (Termo de Assentimento Livre e Esclarecido) e os pais do TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido). E os critérios de exclusão se definiram pela evasão, não estar regularmente matriculado na escola, ser do 7º ano, turma B, não ser do turno matutino e ter idade inferior a onze anos ou superior a dezesseis anos. A pesquisa, por sua vez, oferece riscos mínimos. E tem como benefícios a promoção da leitura de poesia de Heleno Godoy.

Houve, então, o primeiro contato com a escola por meio de um encontro com a diretora, no intuito de se esclarecer a pesquisa e deixá-la ciente das etapas que seriam percorridas; da duração, até então prevista, do projeto; e com o intento de estabelecer uma melhor comunicação com a professora regente da turma pesquisada, assim como acordar os dias e horários em que se dariam a aplicação da investigação.

Nesse encontro, foram expostas, também, as ações da pesquisa, que se constituíram pelos seguintes instrumentos: TALE e TCLE, biografia de Heleno Godoy, poemas, questionários e atividades escritas. A intervenção pedagógica, portanto, propôs, inicialmente, esclarecimentos sobre o TALE e TCLE, seguidas de breve situar biográfico do escritor Heleno Godoy, leituras de poemas modernos e contemporâneos e poemas selecionados de *A casa* e *Lugar comum e outros poemas*, questionários semiestruturados aplicados ao início e ao término do trabalho, e produção e compreensão escrita de poemas dos livros supracitados.

Para além disso, vale fazer, aqui, um relato sobre as duas etapas da pesquisa, que serão a seguir descritas. Na primeira, faz-se uma *mea culpa*, com o apontamento dos pontos cegos da intervenção, como: muita preocupação com o resultado a ser obtido, ação deslocada das atividades de Língua Portuguesa, caráter muito acadêmico na abordagem, postura de “resistência” de ambas as partes. Na segunda investigação, esses pontos cegos foram superados, com uma proposta mais próxima às aulas de Língua Portuguesa, de modo que a pesquisa e o conteúdo da docente regente caminhavam lado a lado; a preocupação centrou-se, essencialmente, na aplicação do projeto e na aproximação do *corpus* da pesquisa à realidade dos discentes. À vista disso, os alunos mostraram-se mais receptivos e mais seduzidos pelo trabalho proposto.

Após a apresentação e delimitação da pesquisa, se passará, então, para o diagnóstico do estudo realizado. O primeiro contato, portanto, com os alunos do 7º ano A, do turno matutino, se deu no dia 05/04/2017. O interesse foi alto, principalmente pelo fato de que as aulas da docente regente seriam, por um momento, interrompidas. Totalizaram-se, naquele momento, vinte e seis concessões, com apenas duas recusas. Os alunos ficaram atentos às explicações acerca da pesquisa, tiraram suas possíveis dúvidas sobre o modo como a pesquisa se daria, de ‘como’ e se haveria alguma divulgação do material produzido por eles, e a pesquisadora se mostrou aberta para manter contato e sanar quaisquer dúvidas a respeito do trabalho. Foi feito o repasse quanto ao questionário semiestruturado (Anexo 1.1) que seria respondido pelos participantes no primeiro momento da aula seguinte e, também, ao final do processo.

No segundo encontro, ocorrido dia 19/04/2017, o interesse dos participantes passou a ser mediano. Talvez, devido ao trato burocrático das explicações. Nessa aula, a pesquisadora primeiramente aplicou o questionário semiestruturado, o qual foi lido e explicado pausadamente. Ela recolheu RG/CPF ou certidão de nascimento dos participantes que já haviam assinado o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TALE, mas ainda não tinham levado o número do documento para efetivar completamente a validade do TALE.

Em seguida, houve o repasse do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE para a assinatura dos pais, as explicações necessárias para preenchimento e o esclarecimento da necessidade da autorização dos responsáveis para o bom desenvolvimento do trabalho. A pesquisadora iniciou o trabalho dessa aula com o texto de Mario Quintana, “Não despertemos o leitor”, e fez uma leitura prévia, em voz alta. Os alunos apenas ouviram a leitura do texto, visto o tempo delimitado para o fim da aula.

Abaixo, o texto de Quintana (1983, p. 52) explanado em sala:

Não despertemos o leitor

Os leitores são, por natureza, dorminhocos. Gostam de ler dormindo. Autor que os queira conservar não deve ministrar-lhes o mínimo susto. Apenas as eternas frases feitas.

“A vida é um fardo” – isto, por exemplo, pode-se repetir sempre. E acrescentar impunemente: “disse Bias”. Bias não faz mal a ninguém, como aliás os outros seis sábios da Grécia, pois todos os sete, como há vinte séculos já se queixava Plutarco, eram uns verdadeiros chatos. Isto para ele, Plutarco. Mas, para o grego comum da época, deviam ser a delícia e a tábua de salvação das conversas.

Pois não é mesmo tão bom falar e pensar sem esforço? O lugar comum é a base da sociedade, a sua política, a sua filosofia, a segurança das intuições. Ninguém é levado a sério com ideias originais.

Já não é a primeira vez, por exemplo, que um figurão qualquer declara em entrevista:

“O Brasil não fugirá ao seu destino histórico!”

O êxito da tirada, a julgar pelo destaque que lhe dá a imprensa, é sempre infalível, embora o leitor semidesperto possa desconfiar que isso não quer dizer coisa alguma, pois nada foge mesmo ao seu destino histórico, seja um império que desaba ou uma barata esmagada.

Na terceira reunião, que se deu em 26/04/2017, houve muito desinteresse. O desânimo era claro e explícito sobre: o ato de ler, o gênero ‘poesia’, pensar, falar, ouvir e também quanto à resolução de possíveis atividades. Os participantes não conseguiram e não se empenharam em sentir a “poesia”. As expressões faciais e gestuais forma muito pontuais quanto ao desentusiasmo e à inutilidade, para eles, do que a pesquisa propõe desenvolver.

A pesquisadora leu três vezes o texto “Não despertemos o leitor”. A primeira leitura para conhecimento do texto. A segunda, uma leitura pausada, com explicações, esclarecimentos, situando os leitores dentro de cada plano abordado, dando a conhecer aos alunos um pouco sobre os sete sábios da Grécia, situando cada tipo de leitor e conferindo concretude às ações e atitudes esperadas de cada personalidade de leitor. A última, uma leitura de apropriação, depois de se ter compreendido cada detalhe de “Não despertemos o leitor”. Após, foi feita uma breve leitura sobre a biografia de Mario Quintana, realizada pelos próprios participantes de forma voluntária. O caráter voluntário sempre prevaleceu, para que os mesmos não se sentissem constrangidos durante a aplicação da pesquisa.

Nesse ponto, é válido referenciar o diálogo que “Não despertemos o leitor” e Eco (1989) realizam. O literato apresenta uma análise sobre dois tipos de leitores: o leitor vítima e o leitor crítico. Eco (1989, p. 101) então teoriza que “o primeiro é a vítima designada pelas próprias estratégias enunciativas, o segundo é o leitor crítico, que ri do modo pelo qual foi levado a ser [a] vítima designada”. Dentro desse contexto, “Não despertemos o leitor” comunica com Eco ao apresentar em seu *corpus* o leitor dorminhoco, o leitor semidesperto e o leitor atento.

Analogamente, os leitores dorminhocos e semidespertos de Quintana referem-se ao leitor vítima de Eco por se tratarem de leitores que recebem e concebem a leitura das obras, porém, sem grandes esforços à atitude reflexiva. Lêem de forma mecânica, sem criticar, questionar. No caso do leitor semidesperto, ele pode até “desconfiar”, encontrar no texto alguns elementos que provoquem nele certa indisposição, no entanto, as indagações geradas pelo embate da leitura ficam apenas no plano pessoal e se dão ali mesmo por encerradas, sem produzir no leitor uma atitude reflexiva mais intensa. Já o leitor atento alude ao leitor crítico de Eco, configurando um leitor ativo, perspicaz à semanticidade das palavras, com um olhar analítico à função social da literatura e que se preocupa, essencialmente, com o ‘como’ o texto diz.

Nesse panorama, fez-se imprescindível um trabalho pormenorizado com os leitores de Quintana, tentando levar os participantes da pesquisa a uma postura mais reflexiva sobre esses leitores e sobre os leitores que deveras são. Na sequência, passou-se para o quarto momento, que se deu no dia 03/05/2017. Os TCLEs levados foram recolhidos (apenas três deles foram levados devidamente preenchidos). Nem todos os discentes tiveram o comprometimento de levar assinado o documento para a pesquisadora. Nesse encontro, sete participantes se abstiveram da pesquisa. A recusa ao trabalho aumentou. Aqui, a pesquisa alcançou dificuldade maior na sua execução. Após o recolhimento dos TCLEs, a pesquisadora, novamente, recolheu os pouquíssimos documentos levados para o preenchimento do TALE (o número de participantes cai para dezessete).

Em seguida, uma atividade interpretativa sobre “Não despertemos o leitor” foi aplicada. Antes de sua aplicação, a pesquisadora leu todas as questões, sanou as dúvidas dos participantes e deliberou a resolução do mesmo. O último momento dessa aula foi o de ouvir a música “Sampa”, de Caetano Veloso, com participação de Maria Gadú. Antes, Caetano Veloso foi situado no campo social, da música, cultural e histórico pela pesquisadora. Depois, passou-se para uma explicação da música, por que ela foi feita, por quem foi composta e em que situação da vida de Caetano Veloso essa composição se deu. E por último, qual a relação da música com o fragmento “Não despertemos o leitor”, por meio de um exercício de ‘leitor desperto’ e com o esmiuçamento dos sentidos da música, deixando claro a leitura relacional que há entre o texto e a música: diga-se, a princípio, o “pré-desconhecimento” observado em ambos eu – líricos.

No texto, um desconhecimento prévio do leitor sobre o poema, que é (re)conhecido à medida que o leitor se dispõe a lê-lo, ler além do que se vê. Na música, um desconhecimento gerado pela impressão, nada agradável, da concretude da cidade, motivada pelo contato do eu

com a cidade de São Paulo. Um contato, tanto no poema quanto na música, que, em primeiro momento, engendra um difícil começo. Outro aspecto, em detalhes mínimos, que garante essa leitura relacional, é a referência à cultura grega presente nos dois trabalhos: no poema, os sete sábios da Grécia; em “Sampa”, Narciso. As duas produções, ainda, fazem menção explícita ao cenário brasileiro: em “Não despertemos o leitor” cita-se a palavra “Brasil” e em “Sampa”, Caetano Veloso traz elementos que confirmam o local citado, tais como Ipiranga (bairro nobre localizado no distrito de São Paulo) e Avenida São João (importante via do centro de São Paulo). Além disso, tanto no poema quanto na música há a referência ao novo, situando-se o lugar comum, respectivamente, na fala, com declarações que não demandam grandes esforços ao falante, e, em “Sampa”, um lugar comum desejado, sinônimo de refrigério. Contudo, um local novo e demarcado pela “dura poesia concreta de tuas esquinas”.

Já o passo seguinte foi uma breve explanação sobre a biografia de Manuel Bandeira e uma rápida leitura de “Os Sinos”. No entanto, devido ao tempo, não foi possível realizar uma leitura vocalizada do poema nessa aula.

O contato posterior foi em 10/05/2017 com a continuidade do trabalho com o poema “Os Sinos”. A princípio, o poema seria trabalhado seguindo algumas etapas: a leitura vocalizada feita pela pesquisadora, a leitura de mesmo caráter feita por todos os participantes da pesquisa, em sala; e produção de um vídeo, – bem simples –, feito por alguns alunos e que focalizasse metonimicamente apenas ‘boca’ e ‘olhos’. No entanto, de acordo com percepções feitas pela pesquisadora e análises do envolvimento e desenvolvimento da pesquisa, a última etapa foi alterada e removida da execução do trabalho, porém, ela ainda encontra-se citada na sequência didática.

Os trabalhos seguintes foram com a leitura de “Congresso Internacional do Medo”, de Carlos Drummond de Andrade, e “A educação pela pedra”, de João Cabral de Melo Neto. Depois da leitura de todos os poemas, breve situar biográfico de Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto, assim como suas ligações com Heleno Godoy, se passou para o norteamo da pesquisa de poesia de Drummond e Cabral a ser feita pelos participantes na biblioteca da escola ou por outros meios de informações a que tivessem acesso, para compartilhamento na aula seguinte.

É interessante mencionar aqui que, nesse momento, apesar de ainda haver mais algumas desistências (agora os participantes da pesquisa passaram para a quantia de quinze), o envolvimento e o interesse foram mais significativos por parte daqueles que ainda se mantiveram na pesquisa. Talvez essa mudança se deva a uma estreita alteração no perfil da aplicação da pesquisa, interligando o conteúdo trabalhado em sala pela docente regente e a

pesquisa em andamento (alteração feita a partir do direcionamento da orientadora e, posteriormente, acordada entre a pesquisadora e a professora regente. Após, as novas orientações foram repassadas aos envolvidos no trabalho). Porém, vale lembrar que mesmo havendo alguma mobilização por parte dos discentes, o objetivo da pesquisa ainda não foi alcançado e a resistência à leitura, especialmente à leitura de poemas, foi grande.

Próximo encontro: dia 17/05/2017. Nessa aula, mais um participante desistiu do trabalho e outra saiu da escola (agora eram um total de catorze participantes). Foi uma desistência voluntária, movida pelo desinteresse pessoal dos discentes e sem empecilhos criados pelos pais.

Dando continuidade à pesquisa, houve a retomada da aula anterior, com a realização da leitura dos poemas pesquisados de Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto. Mais uma vez, nem todos os participantes realizaram a pesquisa, o que denota descomprometimento e baixo interesse. Apenas cinco participantes executaram a atividade. Dessa forma, os demais ficaram de levar a atividade concluída no encontro seguinte.

Depois de realizadas as leituras, a pesquisadora situou biograficamente Heleno Godoy e apresentou à turma (fisicamente) o livro *Inventário*, organizado por Solange Fiuza Yokozawa. Explicou a forma como o livro foi organizado, quem o organizou e o que continha nele. O passo seguinte foi a leitura de “Um Espelho, Outra Vez”, do livro *Lugar comum e outros poemas*.

A pesquisadora esclareceu o título do poema, apresentou o livro em específico no qual o poema encontra-se (*Lugar Comum e outros poemas*), leu-o e o interpretou verbalmente. Nesse momento, fez-se uma comparação entre Drummond e Godoy quanto ao trabalho com a memória (diferenciando e aproximando o trato com a memória) e a sutileza do saudosismo presente no autorretrato “Um Espelho, Outra Vez”. Após, a pesquisadora, utilizando da estrutura do poema trabalhado e deixando clara a assimetria presente nele (o termo *assimetria* foi explicado), propôs a produção de um poema com o objetivo de que os participantes exercitassem a atividade de produção textual (gênero poético), consequentemente, relembressem a estrutura do poema e, de modo fundamental, refletissem em suas escritas as apreensões feitas do poema em questão, de Godoy, lembrando o caráter memorialista do poeta. Em tempo, a pesquisadora explicou como se daria o próximo encontro e adiantou o que seria trabalhado.

Sétimo dia (24/05/2017). O próximo momento foi verificar se os participantes que não haviam apresentado a atividade de pesquisa na aula anterior tinham levado a então proposta de trabalho concluída. Apenas dois participantes, em relação aos demais, realizaram a entrega.

Aqui, os envolvidos no trabalho demonstraram muita agitação, com conversas mais acentuadas que nos demais encontros. Nenhuma desistência foi relatada nesse dia.

Mais uma vez se realizaram considerações a respeito do livro *Lugar comum e outros poemas*. Fez-se uma abordagem de como o livro foi organizado, seu tom de memória, suas temáticas e a presença da voz poética de Godoy na produção. Seguidamente, os participantes foram organizados em grupos de dois integrantes para leitura silenciosa de poemas. Foram distribuídos, então, poemas selecionados do livro *Lugar comum e outros poemas* com o intuito de que os educandos tivessem maior proximidade com a obra do poeta, além da oportunidade de ‘sentirem’ a poesia godoyana e, também, para se trabalhar a prática da leitura e da sociabilização, já que ao final das leituras em grupo pelo menos um dos componentes leria em voz alta o poema recebido. Uma estratégia utilizada pela pesquisadora para que todos os participantes pudessem ter conhecimento dos poemas abordados (“Deus”, “Amigos”, “Carnaval”, “Bicicleta”, “Primeira Professora”, “A diretora do grupo”, “Tulsa, Oklahoma 1” e “Pedido de um Poema”).

Depois, apresentou-se o poema “Álbum de família”. As metodologias desse encontro se iniciaram com a leitura e compreensão do texto, a ligação do poema com o dia a dia dos participantes, o trato com fatos comuns à vida tanto do poeta quanto dos leitores e ao trabalho com a memória impressa no texto, acrescido de um debate entre pesquisadora e participantes quanto ao poema em si, sua estruturação (a estrutura de um poema) e a presença (ou não) de muitos dos episódios citados ao longo daquela obra poética em suas vidas. À vista disso, a pesquisadora levou uma atividade organizada em forma de questionário crítico e interpretativo. Cada questão foi lida e explicada, para que só depois se passasse à realização do exercício.

A etapa seguinte ocorreu no dia 31/05/2017, referindo-se ao último momento da aplicação da sequência didática. Os participantes já tinham ciência de que este se trataria do derradeiro encontro. Estavam, novamente, bem agitados, com posturas semelhantes ao do contato anterior.

O intuito, nesse momento, era o de dar início ao trabalho com o livro *A casa*, passando por sua leitura e às várias abordagens a respeito ‘da casa’, as escolhas feitas por Heleno Godoy ao longo do livro, a diferença de organização do todo em relação à *Lugar comum e outros poemas* e a continuidade que a ‘casa’ ganha no plano exterior: a rua, o mundo, as pessoas (...).

A pesquisadora selecionou um dos poemas do livro, realizou a leitura com os alunos e a interpretação verbal, levando-se em consideração a semântica, a estruturação e a elaboração

do texto quanto ao jogo com as palavras. Ainda, poemas foram escolhidos pela pesquisadora e distribuídos aos participantes, os quais foram organizados em formato circular, já que a proposta era a de uma roda de leitura. Por fim, o questionário semiestruturado, já aplicado no início da pesquisa, foi novamente preenchido pelos participantes.

Com essas práticas, esperava-se que a sensibilização do leitor, o gosto pela leitura e novos conhecimentos acerca da literatura, em especial a poesia de Heleno Godoy, fossem efetivadas e alcançassem o ponto alto dos objetivos do projeto. Agora, com todas as atividades realizadas e em mãos, e dotada de matéria suficiente, a pesquisadora passou para a análise dos dados coletados.

A primeira observação relaciona-se à recepção dos participantes quanto à pesquisa. Em linhas gerais, o interesse pela leitura, a disposição para com a ‘poesia’, o incentivo vindo de casa, as condições estruturais da escola e dos envolvidos no processo educacional, e a forma como a literatura e a leitura foram trabalhadas não propiciaram um ambiente favorável à ação de ler; a despertar o gosto e o prazer pelo novo e pelo leque de oportunidades que a leitura propicia.

Relativo a essa abordagem, as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM, 2006, p. 70-71, grifo do autor) contextualizam sobre a prática escolar e pontuam, no fragmento abaixo, ainda que longo, sobre a *metaleitura*, além de abordar sucintamente a relação entre escola, leitura e leitor:

[...] necessário motivá-los à leitura desses livros com atividades que tenham para os jovens uma finalidade imediata e não necessariamente escolar (por exemplo, que o aluno se *reconheça* como leitor, ou que veja nisso prazer, que encontre espaço para compartilhar suas impressões de leitura com os colegas e com os professores) e que tornem *necessárias* as práticas de leitura. (...). Ele lerá então porque se sentirá motivado a fazer algo que deseja e, ao mesmo tempo, começará a construir um saber sobre o próprio gênero, a levantar hipóteses de leitura, a perceber a repetição e as limitações do que lê, os valores, as diferenças estratégicas narrativas. (...).
Ora, trata-se, de início, de conquistar esse leitor vítima, que se deixará então capturar pela leitura.

É válido dizer que se entende como simulacros adaptações de obras, resumos em publicações voltadas para vestibulandos e filmes baseados em obras literárias, conforme relatado pelas OCEM (2006). Observando-se, portanto, as ponderações descritas acima e contrapondo-as à escola, à leitura e ao leitor do *locus* da pesquisa nota-se uma semelhança quanto ao modo que a escola e a docente regente trabalhavam a literatura em sala de aula e os reflexos desse processo na formação leitora.

Dessarte, alguns participantes abandonaram a pesquisa voluntariamente, outros devido a não permissão de seus responsáveis, mesmo com a pesquisadora prontificando-se a esclarecer as possíveis dúvidas a respeito do processo e assegurando a seriedade do trabalho. Os demais se ausentaram por motivo de mudança escolar.

Outro ponto importante e que merece ser considerado é o (des)compromisso na realização das atividades, na obtenção de informações obtidas a partir de análises feitas dentro do *locus* da pesquisa e também por meio do material escrito coletado, além das entregas vagarosas dos números dos documentos para o devido preenchimento do TALE e dos TCLEs.

A pesquisadora, na tentativa de aproximar da efetivação dos objetivos elencados como norte da pesquisa, percebendo os reflexos de suas propostas, decidiu então alterar a cronologia e parte da metodologia do trabalho. Mesmo com as alterações, a postura dos participantes não sofreu modificações, as evasões ao projeto continuaram (em menor número, mas continuaram) e o interesse continuou em mesma escala.

As leituras que se deram sobre “*Não despertemos o leitor*”, “*Os Sinos*”, “*Congresso Internacional do Medo*”, “*A educação pela pedra*”, “*Um Espelho, Outra Vez*”; “*Álbum de Família*”, “*A CASA PODE NÃO SER...*” e os poemas selecionados dos livros *Lugar comum e outros poemas* e *A casa* não obtiveram boa receptividade dos participantes, assim como a música “*Sampa*”, de Caetano Veloso, com participação de Maria Gadú, configurando um trabalho mais laborioso tanto aos participantes quanto para a pesquisadora. A música era desconhecida para eles e não conseguiu cumprir seu intento na proposta de trabalho. A ligação entre “*Não despertemos o leitor*” e a música foi feita e compreendida pelos envolvidos no processo da pesquisa, mas a sensibilização e a beleza presente nas duas formas de arte não foram percebidas.

O exercício inicial e o questionário semiestruturado, portanto, demonstraram o quanto esse desinteresse é forte. Assim como a distância dos participantes de informações básicas, como: conhecimento sobre alguns escritores goianos e sobre Heleno Godoy (questões de número sete, oito e novo); incentivo ao trabalho com a literatura pela escola (dado obtido mediante informações dos participantes e coletados no questionário por meio da questão três), a (não) percepção do que é poesia e uma autoanálise quanto à proximidade entre os participantes e a literatura (questões de número um, dois e quatro).

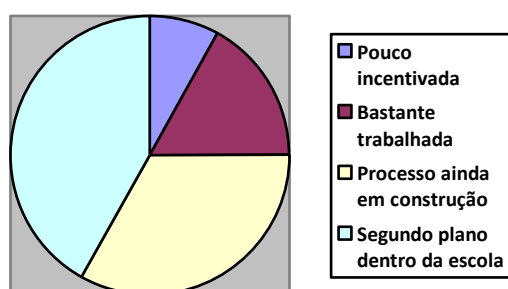
Dessa forma, na primeira questão do questionário semiestruturado: “Como vê sua proximidade com a literatura?”, tanto na aplicação quanto na reaplicação, nota-se um baixo interesse pela leitura e literatura, como se observa nos relatos a seguir: “Muito pouca, não gosto de ler e nem de escrever.” (L. de S. S.), “Não sou muito próxima a leitura. Não leio

muito.” (K. T. D.), “Pouca quase não gosto de ler.” (S. S. dos R.). A questão dois, (“Qual clássico despertou em você o gosto e o prazer pela literatura? Ou ainda não teve esse encontro mais intenso com a “arte”?”), por conseguinte, estava correlacionada à outrora citada. Assim, a maior parte dos alunos disse não ter um contato mais intenso com a “arte”.

Na sequência, as análises da terceira questão representam uma diversidade de opiniões quanto ao trabalho com a literatura na escola, conforme representado nos gráficos abaixo:

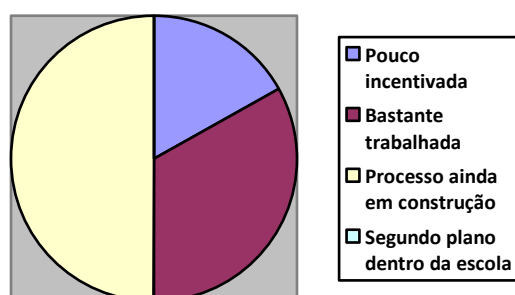
REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DA QUESTÃO 03 – QUESTIONÁRIO SEMIESTRUTURADO

(Questão 03: A literatura na escola é:)



REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DA QUESTÃO 03 – REAPLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO SEMIESTRUTURADO

(Questão 03: A literatura na escola é:)



Logo, é válido mencionar que, mesmo com resultados poucos expressivos ao final da pesquisa, houve uma alteração do perfil das respostas referentes ao trabalho com a literatura na escola. No primeiro questionário semiestruturado, a maioria dos participantes relatou que a literatura era ‘colocada em segundo plano dentro da escola’. Porém, ao considerar as respostas obtidas com a reaplicação do questionário, percebe-se que os discentes, de alguma forma, compreenderam a importância do trabalho e vislumbraram o trato com a literatura. Nota-se, pois, que, na reaplicação da atividade, a literatura passou a ser vista, essencialmente, como

‘processo ainda em construção’, com o desaparecimento da perspectiva de que a literatura na escola era trabalhada ‘em segundo plano’.

Já a questão de número quatro: “Pra você, o que é poesia?”, demonstra um conhecimento mais teórico e estrutural do gênero poético e, conseqüentemente, um contato menos frequente à poesia, com algumas respostas inseguras, e, pouquíssimas delas, mais atentas e sensíveis ao texto poético. Essas observações podem ser constatadas por meio dos seguintes relatos: “Eu não sei o que é poesia mas eu acho que é um conjunto de estrofe e verso que tem que ter rima.” (S. O. M.), “São estrofes, com verso que contam sobre coisas da vida” (G. H. L. B.), “É um texto que tem estrofe e verso.” (S. S. dos R.), “Poesia são histórias contadas de uma forma diferente. Para as pessoas poderem entender e sentir.” (K. T. D.).

Os demais questionamentos referiram-se, mais precisamente, a Heleno Godoy. Eles abordaram sobre o conhecimento dos participantes a respeito do poeta (questões sete e oito) e sobre a forma pela qual os discentes obtiveram contato com a obra do escritor (questão nove). No questionário inicial, de forma quase unânime, com apenas uma resposta divergente, os participantes expuseram desconhecer Heleno Godoy, e, em consequência, não responderam à nona atividade. No entanto, na reaplicação do trabalho, todos relataram conhecer o poeta e acrescentaram, ainda, que o escritor se deu a conhecer “pelas aulas do projeto da professora Renata” (G. H. L. B.).

Quanto às atividades escritas, pode-se relatar uma mistura de posturas. Alguns participantes realizaram os exercícios com empenho, outros com queixas e questionando o porquê das tarefas. No entanto, independente da disponibilidade ou não de se prontificar facilmente ao que foi proposto, todos os envolvidos possuem dificuldade na escrita. Alguns desconhecem a estrutura básica de um poema, mesmo com a pesquisadora esclarecendo a estruturação do gênero em estudo, e apresentam defasagem quanto à organização de ideias e desenvolvimento delas. Na atividade de ‘produção de poema’, apenas um participante produziu o poema com mais de duas estrofes. Os demais se limitaram ao mínimo (uma estrofe).

Sobre os objetivos elencados durante o projeto de pesquisa, vale lembrá-los aqui: Geral (contribuir para a formação de leitores literários a partir da leitura da poesia moderna e contemporânea.) e Específicos (ler poemas dos livros *A casa* e *Lugar comum e outros poemas*, de Heleno Godoy; incentivar a leitura e reafirmar a importância da prática literária na escola; trabalhar a sensibilização da poesia; provar que a prática de leitura permite uma ressignificação do texto poético e do processo de criação da poesia, por meio de inferência e interpretação do leitor e compreender que um texto poético ultrapassa o tempo).

Pode-se, portanto, concluir que o objetivo geral foi parcialmente alcançado, já que a contribuição para a formação de leitores se deu, embora não tenha alcançado com primazia seu propósito. Não se pode desconsiderar, porém, a oportunidade de acesso à leitura de poemas variados de grandes escritores que os discentes tiveram contato. Relativo aos objetivos específicos, todos foram abordados. No entanto, nem todos obtiveram êxito. A leitura dos livros de Godoy e o incentivo à leitura ocorreram, todavia, os objetivos se perderam parcialmente ao longo da pesquisa devido à resistência dos alunos ao projeto; a ressignificação do texto poético e do processo de criação da poesia e a sensibilização quanto à poesia não conseguiram o destaque almejado; mas a transitoriedade temporal das obras poéticas, comprovadas através dos vários poemas levados ao *locus* da pesquisa e das explicações em torno das influências literárias presentes nos poemas de Godoy, asseguraram a eficiência desse ponto do trabalho.

Adiante, com base nos resultados da aplicação da pesquisa e dos dados obtidos, e, sobretudo, por perceber que a resistência dos alunos se deu porque as atividades da pesquisa estavam deslocadas das atividades pedagógicas cotidianas das aulas de Língua Portuguesa, a pesquisadora optou pela reaplicação da mesma. Em contexto diferente de sala de aula, assumida por outra professora regente e com alterações significativas na metodologia. Ressalta-se aqui que a distância entre a primeira aplicação da pesquisa e a reaplicação se deu por motivos de leituras, escrita da dissertação e um amadurecimento pessoal e das ideias a serem melhor abordadas.

Dessarte, a reaplicação da pesquisa teve como participantes alunos do 8º ano C, turno matutino, do Ensino Fundamental II, com idade entre doze e dezesseis anos, compreendendo cerca de vinte e seis integrantes. Houve, portanto, uma mudança de série: da 7ª para a 8ª. O *locus* da pesquisa foi a mesma Escola Estadual Presidente Castelo Branco, uma escola de periferia, localizada na cidade de Inhumas – GO, que funciona em dois turnos: matutino e vespertino, com séries que vão do 6º ao 9º anos do Ensino Fundamental.

Os critérios de inclusão da segunda pesquisa foram os mesmos da primeira, com diferença em relação à idade: estar regularmente matriculado na escola, ser do 8º ano (turma C), ser do turno matutino e ter idade entre doze e dezesseis anos. E os critérios de exclusão se definirão pela evasão, não estar regularmente matriculado na escola, ser do 8º ano (turma A ou B), não ser do turno matutino e ter idade inferior a doze anos ou superior a dezesseis anos. A pesquisa, por sua vez, oferece riscos mínimos. No máximo, constrangimento durante algum questionário. E tem como benefícios a promoção da leitura de poesia, especialmente, a produção poética de Heleno Godoy.

Diante, portanto, da constatação dos problemas apresentados na primeira pesquisa, uma nova sequência didática foi elaborada, com um foco maior na leitura e com um número reduzido de atividades escritas. Para que o objetivo da pesquisa pudesse ser alcançado, a metodologia da pesquisa sofreu alterações relevantes, com um trabalho voltado mais para a leitura dos poemas de *A casa e Lugar comum e outros poemas*, de Heleno Godoy, e a restrição ao trato com as biografias e as atividades manuscritas. Contudo, é importante relatar que tanto a biografia quanto as atividades manuscritas não desapareceram do plano de trabalho, apenas aparecem em plano secundário, como um apoio, visto que a pesquisa dá ênfase ao trabalho com a leitura.

A aceitação, incentivo e parceria por parte da professora regente foi melhor e maior. A pesquisa, a partir de então, obteve significância e alcance mais amplos no *locus*, não sendo um trabalho alheio à disciplina da regente, mas sim um trabalho complementar e produtivo à aula da profissional. Toda a pesquisa foi acompanhada de perto pela professora, com trocas de ideias diárias entre ela e a pesquisadora, de modo que a docente pôde assumir um papel de coparticipação em todo o processo da pesquisa.

Depois das adequações necessárias e dos diálogos estabelecidos entre a pesquisadora e a docente regente, foi feito o primeiro contato no 8º ano C, turno matutino, da Escola Estadual Presidente Castelo Branco, no dia 06/03/2018. Nesse primeiro momento, os participantes obtiveram informações importantes e esclarecedoras a respeito da pesquisa, sua relevância e seu alcance. Foi distribuído e explicado o TALE (um total de vinte e seis) e falado sucintamente sobre o TCLE através de um diálogo aberto e informal. É importante dizer que a receptividade e aceitação dos discentes foram bastante significativas, com todos os discentes dispostos a participar da pesquisa, o que demonstra um resultado inicial já diferente da pesquisa anterior. Eles se mostraram atentos às explicações, sanaram suas dúvidas quanto às atividades que seriam realizadas e arguíram sobre ‘como se daria o andamento da pesquisa’, demonstrando curiosidade e interesse pelo que seria trabalhado.

No dia 13/03/2018 foi feito o segundo contato para a continuação do trabalho. A proposta era a de distribuir duas cópias do TCLE para serem assinadas pelos responsáveis (uma cópia para ser entregue à pesquisadora e outra para que fique com eles) e explicar as informações contidas no documento, assim como a importância de os responsáveis o assinarem, autorizando ou não a participação dos alunos no trabalho. O TCLE seria, então, recolhido devidamente assinado no próximo encontro.

Adiante, foi distribuído o questionário semiestruturado (Anexo 2.2), o qual foi reaplicado no final da pesquisa aqui relatada para fins comparativos e de análise. Nessa aula,

nove participantes se abstiveram da pesquisa devido a não permissão por parte dos responsáveis.

Depois de respondido o questionário, os participantes tiveram acesso ao texto “Não despertemos o leitor”, de Mario Quintana, que, em um primeiro momento, foi lido individualmente pelos participantes. Após, foi feita a leitura oral pela pesquisadora e o texto foi debatido em sala, ressaltando-se os três tipos de leitores abordados no poema: o dorminhoco, o desperto e o semidesperto. À medida que a leitura era conduzida pela pesquisadora, o texto era contextualizado com informações acerca dos sete sábios da Grécia para que o envolvimento e o entendimento dos participantes pudessem ser mais eficazes.

Por questões internas da escola, momento coletivo, a próxima etapa foi remanejada para o dia 27/03/2018. Aqui, já com a parte documental devidamente assinada e contabilizando-se vinte e seis permissões de participações, perpassou-se rapidamente a biografia de Heleno Godoy, com enfoque maior na leitura dos poemas de *A casa e Lugar comum e outros poemas*. Dentre os poemas selecionados para leitura estavam: “Carnaval”, “Bicicleta”, “Primeira professora”, “A diretora do grupo”, “Uma casa vazia e plena”, “Depois de vesti-la, o habitá-la”; “Álbum de família”, “Namoros”, “Outro nome”, “Pedido de um poema”, “Os sinos” (Manuel Bandeira) e “Convite” (José Paulo Paes). Nota-se aqui uma pequena alteração quanto à seleção dos poemas a serem lidos com vista a atingir mais precisamente o leitor e proporcionar a ele um maior contato e sensibilização aos textos.

Sobre esse processo que envolve a triagem dos textos poéticos a serem abordados em sala até o conhecimento e apropriação desses textos, Osakabe (2008, p. 50) afirma:

Ora, encarar a tarefa de franquear ao aluno o acesso à poesia pode ser pensado, nesse sentido, como tarefa complexa e simples a uma só vez. Complexa, por conta de todo um trabalho de constituição de um texto que lhe viabilize o acesso (retrabalhar a sensibilidade, recompor elementos culturais, dar-lhe embasamento contextual etc.), e simples porque tudo acaba por resumir-se na suspensão temporária dos processos de mediação que o aluno já teria vivenciado, ou seja, dos inevitáveis lugares comuns, estereótipos que lhe dão a estabilidade referencial necessária para sua convivência cultural e social.

Osakabe, mesmo que contextualizando sua fala a outra condição textual, dialoga de forma proximal à reestruturação metodológica atribuída à pesquisa, assim como ao delineamento dos poemas selecionados, visto que a reorganização do todo por parte da pesquisadora se deu em vista de assegurar uma recepção mais aberta do leitor ao texto e no intento de proporcionar um desdobramento vivo da poesia na vida dos participantes.

A proposta seguinte, então, foi de organizar grupos para a leitura dos poemas distribuídos, alternando a leitura dos poemas entre os grupos formados. Após, foram propostas leituras vocalizadas e que os participantes expusessem oralmente o que apreenderam dos poemas lidos. Em seguida, foi entregue material para que cada participante registrasse em papel o que compreendeu dos poemas os quais recebeu e ficou responsável.

O diagnóstico da compreensão foi positivo e permitiu mensurar qualitativamente a capacidade dos alunos de entrar em contato com os poemas, lê-los, usar de seus conhecimentos prévios e, seguidamente, se colocarem dentro do poema. De modo que as palavras exerçam a função não somente de instrução, mas de formação do ser enquanto cidadão, oportunizando aos participantes se colocarem em situações vivenciadas pelo outro, sentindo o outro em si.

Abaixo, fragmentos das percepções descritas pelos participantes:

“Pedido de um poema” (*Lugar comum e outros poemas*): (...) compreendi que um poema pode falar de amor, tristeza, mágoa e ressentimento. Ele pode relatar várias coisas, e tem alguns poemas que você se sente dentro dele. Um poema que toca muito no coração e se baseia na realidade, na atualidade. (J. V. P.)

“A diretora do grupo” (*Lugar comum e outros poemas*): Ao ler o poema, compreendi que nele está relatado o dia a dia de muitas mulheres. É um fato da realidade, sofrido pelas mulheres, e algumas se calam. Outras não podem contar, pois seu marido é o delegado, que cuida do assunto. (A. de A. M.)

“Os sinos” (Manuel Bandeira): Com base no poema, pode-se entender que os sinos representam as fases da vida. Como o sino de Belém, que bate por quem vem. O sino da Paixão que bate por quem ama. E o sino de Bonfim, que bate por quem se vai. (L. E. P. P.)

Como *Lugar comum e outros poemas* possui um tom memorialista e com fatos retratados mais próximos à realidade dos participantes, a afinidade com os poemas desse livro foi maior. *A casa*, por ter uma linguagem que demanda maiores esforços do leitor para o entendimento, assumiu uma posição mais distante, com compreensões mínimas sobre os poemas selecionados, praticamente reescritas dos textos. Isso demonstra que quanto mais próximo o leitor do texto e mais bagagem de vida o leitor traz consigo, maior será sua capacidade criadora e criativa.

O encontro seguinte ocorreu dia 10/04/2018. Ele configurou o penúltimo dia da aplicação da pesquisa. As atividades norteadoras dessa reunião foram a produção de poemas, com base em uma foto de família escolhida pelos educandos e na qual eles não estivessem, lembrando, assim, o poema “Álbum de família” (*Lugar comum e outros poemas*), de Godoy,

e a elaboração de cartas, as quais serão entregues a Godoy quando da produção do documentário, produto final dessa pesquisa.

Relativo à produção dos poemas, observa-se que alguns discentes se apoiaram estruturalmente no poema de Godoy, fazendo adaptações e alterando o poema original do escritor. Outros fizeram poemas com um forte teor narrativo, com marcas linguísticas peculiares da prosa. Contudo, quanto à estrutura do poema (versos, estrofes...), todos demonstraram conhecimento e produziram textos com boa sequência lógica e que atenderam à proposta do trabalho.

Quanto à carta, os participantes escreveram-na obedecendo à estrutura do gênero em estudo e demonstraram, linguisticamente, o quanto a pesquisa foi relevante e o quanto Heleno Godoy contribuiu para a aproximação desses leitores ao mundo da poesia e ao encontro pessoal com o texto do poeta. Os efeitos estéticos da obra godoyana cumpriram seu propósito e despertaram nos participantes a função humanizadora e sensibilizadora da poesia.

Os fragmentos das cartas a seguir confirmam tais considerações:

(...). O melhor em suas obras é que o senhor consegue expressar na medida certa....
(A. B. B. F.)

(...). Eu admiro muito o fato de saber que o senhor escreve suas poesias inspiradas em outros poetas e outras poesias. (A. C. N. S. P.)

(...). Gostei bastante de suas poesias. Achei bem diferente os assuntos e a forma como o senhor escreve. (...). Antes não conhecia seu trabalho, porém, gosto muito de poesia. Enfim, adorei conhecer um pouco do senhor e de seu trabalho. (A. de A. M.)

(...). Eu venho por meio desta parabenizá-lo por suas belas obras, que a professora Renata apresentou nos últimos dias. Estou muito encantado com elas. (...). Eu confesso que não sou um amante de livros e poemas, mas a sua obra me levou para “outro mundo... (L. E. P. P.)

(...). Até com a falta de costume de ler poesias, gostei de conhecer suas obras e sua biografia. (J. dos S. M.).

É oportuno, ainda, relatar, na íntegra, uma das cartas produzidas por um dos participantes, para via de conhecimento e sustentação das ideias outrora citadas. Assim diz:

Inhumas, 10 de abril de 2018.

Senhor Heleno Godoy!

Através desta carta venho te parabenizar pelo seu trabalho. Bom, não tive ainda a oportunidade de ler seu livro completo, porém conheci algumas poesias.

As poesias que tive contato eram bastante interessantes, já que suas poesias não são aquelas “coisas” melancólicas. O senhor demonstra sentimentos de forma moderada.

Espero em breve ter acesso as suas demais poesias.

Atenciosamente,

H. V. B. G.

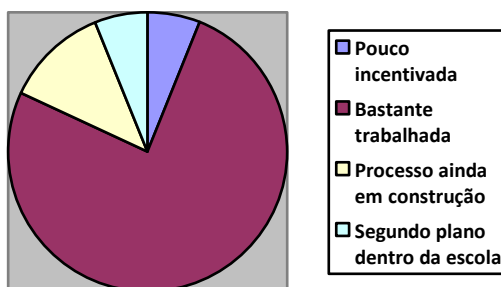
A próxima e última etapa da pesquisa (dia 17/04/2018) foi referente à reaplicação do questionário semiestruturado, já trabalhado no segundo encontro, seguido dos agradecimentos à escola, à docente e aos participantes que se mostram dispostos à pesquisa. Logo em seguida, se passará para a análise comparativa dos dados coletados por meio da (re)aplicação do questionário.

Sobre o questionário aplicado no início da pesquisa, e a sua reaplicação, no final, observa-se que não houve discrepância significativa entre o preenchimento de um e outro. Quanto à primeira questão, relativa à proximidade com a literatura, a maioria dos participantes disse não gostar de ler e manter certo distanciamento dos livros, como se nota a seguir: “Eu pessoalmente não pego um livro para ler em casa, e raramente.” (A. A. da S.), “Eu não tenho muito interesse por literatura, então quase não leio” (A. C. N. S. P.), “Não leio muito” (J. H.), “Eu admito que não gosto de ler, mas o poema de Heleno Godoy eu gostei” (N. F. C.).

Entretanto, mesmo com uma parcela relevante dos discentes afirmando que a literatura na escola é bastante trabalhada, (essa última descrição é referente à questão de número três e está graficamente representada abaixo*), nota-se que há uma oposição de dados. A escola trabalha com frequência a literatura. Os participantes, portanto, têm acesso frequente às obras literárias, porém, mesmo com esse incentivo, o prazer pela leitura e a boa disposição para com ela são raros.

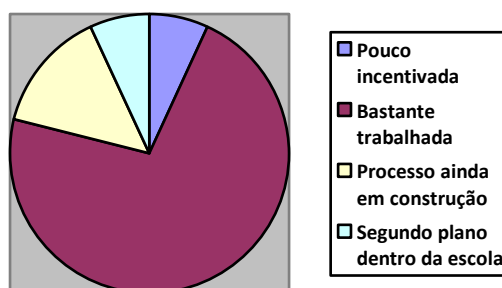
*REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DA QUESTÃO 03 - QUESTIONÁRIO SEMIESTRUTURADO

(Questão 03: A literatura na escola é:)



***REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DA QUESTÃO 03 – REAPLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO SEMIESTRUTURADO**

(Questão 03: A literatura na escola é:)



Nesse ponto, vale lembrar Averbuck (1988) quando diz que a poesia chega marginalmente na escola, enquanto, na verdade, este deveria ser um lugar promovedor da leitura e da literatura, com métodos e um currículo aberto à inserção da poesia. Outro ponto de destaque a ser analisado é o preparo dos docentes. No decorrer do trabalho, a pesquisadora observou o desconhecimento da professora quanto a Heleno Godoy e seu pouco domínio a respeito da poesia. Detalhes como a estrutura do poema e seus elementos constitutivos, como rima, ritmo, versos, estrofes, eram de domínio da profissional, assim como o conhecimento de alguns cânones da poesia (Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto, Manuel Bandeira). No entanto, o domínio do trabalho além do papel ficava comprometido. A poesia, portanto, não conseguiria alcançar sua fruição estética e, dessa forma, sensibilizar o leitor e levá-lo a uma recepção aberta à poesia, à leitura e à literatura.

Ainda ligado à (não) proximidade com a literatura, mas agora quanto à questão de número dois, (que diz: Qual clássico despertou em você o gosto e o prazer pela literatura? Ou ainda não teve esse encontro mais intenso com a ‘arte’?), muitos participantes disseram não ter contato mais intenso com a arte e nem terem um clássico que despertou neles o gosto pela literatura. Contudo, ao final, na reaplicação do questionário, alguns discentes relataram que Godoy, por meio de seu poema “Álbum de família”, conseguiu despertar neles esse prazer literário.

Ao trabalhar com Godoy e alguns de seus poemas extraídos de *A casa e Lugar comum e outros poemas*, abriu-se espaço para a investigação com os educandos sobre ‘o que é poesia’ (questão número quatro). O interessante a se dissertar é que os discentes têm uma noção perspicaz sobre poesia e seu conceito. Muitos deles relataram suas percepções sobre poesia e, mesmo que involuntariamente, compreenderam a sensibilidade que emana do poema e a sensibilização e humanização que frui da poesia.

Leiam-se alguns dos relatos acerca do ‘que é poesia’: “Um tipo de arte, que gera sentimento.” (A. B. B. F.), “Poesia é uma forma de se expressar, trazer alegria ao mundo.” (O. A. R. L.), “Um pequeno texto, porém, que toca o emocional, a realidade, brinca bastante.” (A. de A. M.), “Poesia é um jeito de escrever os ‘sentimentos’.” (L. E. P. P.), “É um sentimento que eu gostei com Heleno Godoy.” (S. G. D. S.), “Pra mim a poesia é uma escrita que mexe muito com as pessoas, ela nos leva a outro mundo faz agente sentir algo maior.” (K. C. F.), “É um texto que toca profundamente.” (A. B. B. F.).

Nesse ponto da pesquisa, tais exposições são fundamentais e motivadoras para o decorrer da execução do trabalho. Nota-se que o intento da pesquisa ganha sentido e que a pesquisadora, de alguma forma, contribuiu para a formação leitora dos participantes, abrindo espaço para, quiçá, um trabalho mais fervoroso na escola e da docente regente com a poesia.

Quando o tema foi Heleno Godoy (referente à questão de número oito e nove), todos responderam de forma unânime desconhecer o poeta. Indubitavelmente, ao final do trabalho o perfil das respostas alterou. Os participantes, então, na reaplicação do questionário, assinalaram já terem lido algo sobre o escritor e poeta Heleno Godoy, com contato às produções do poeta por meio da pesquisa desenvolvida em sala, pela pesquisadora Renata, e elencando a ‘qual, ou quais obra(s) de Godoy obtiveram contato’. Em relação a esse último levantamento, os alunos explanaram nomes de poemas que foram lidos e analisados durante a pesquisa, como: “Carnaval”, “Álbum de família”, “Primeira professora”, “Namoros”, e demais poemas do poeta.

Dessa forma, o resultado obtido na segunda pesquisa foi bastante produtivo, com boa participação e muitas inferências dos participantes. A docente regente esteve durante todo o caminhar da pesquisa em sala, dando suporte e participando do trabalho. A obra de Godoy obteve o prestígio a que faz jus, os discentes entenderam e compreenderam o que é a poesia e, principalmente, a contribuição para a formação leitora jovem se deu. Além do fato de os participantes perceberem a atemporalidade da produção de Godoy.

Por fim, depois de detalhados as etapas da pesquisa, de se fazer uma análise dos dados coletados, passa-se aqui para o relato do documentário (Anexo 4.1) – o produto educacional desta pesquisa. A princípio, foi feito um primeiro contato com o poeta, via e-mail, saudando-o e convidando-o a participar dessa pesquisa por meio da produção de um documentário.

Adiante, depois de estabelecidos os detalhes do encontro, ocorreu a filmagem do documentário, o qual obedeceu à sequência descrita no Anexo 3, perpassando a biografia de Godoy, sob a visão do poeta, e abarcando temas sobre poesia, poesia na sala de aula, a poesia na Educação Básica e a formação docente.

O encontro com Heleno Godoy se deu em um apartamento de sua propriedade, sede de sua biblioteca e acervos pessoais, no dia 04/07/2018. Antes de se iniciar a gravação, todos os detalhes do vídeo e esclarecimentos necessários foram repassados e as possíveis dúvidas sanadas. O TCLE foi entregue a Godoy, que prontamente assinou, ficando com o escritor uma via do documento. O documentário, de perfil caseiro, foi realizado pela pesquisadora com auxílio de um responsável pela filmagem, por meio de máquina semiprofissional, microfone externo e tripé. Ao todo foram, aproximadamente, quatro horas de gravação, com início às 14h e término próximo às 18h.

A conversa (documentário) se deu de forma prazerosa, natural e espontânea, com relatos, em alguns momentos, de experiências do poeta, mais abordagens relacionadas a teorias de estudiosos e acrescidas de opiniões do próprio Heleno Godoy.

Antes da edição do produto educacional desta pesquisa, foi feito um roteiro (Anexo 4) com as etapas essenciais ao documentário, tais como a trilha sonora do vídeo (escolhida intencionalmente – músicas clássicas –, devido o gosto particular de Godoy pelo gênero musical em questão), as imagens (obtidas por meio de fotografias, ou retiradas dos próprios vídeos), a sequência dos vídeos (e seus cortes), assim como as imagens e palavras/frases que apareceriam antes de cada cena. Ainda, vale dizer que as obras apresentadas ao longo do documentário, livros, coleções de cinema e óperas, são todas de propriedade do escritor, salvo o “retrato” dos livros *Inventário* (Heleno Godoy), *História Concisa da Literatura Brasileira* (Bosi) e *Poesia Brasileira Contemporânea & Tradição* (Solange Fiuza Cardoso Yokozawa/Alexandre Bonfim (Organizadores)), de posses da pesquisadora.

A edição se deu em quatro dias e obedeceu ao roteiro anteriormente mencionado e elaborado pela pesquisadora. Para a edição, tanto o editor quanto a pesquisadora mantiveram-se lado a lado, de modo a garantir que o trabalho não fugisse à proposta predeterminada. Em linhas gerais, pode-se concluir que o documentário obteve êxito e muito contribuirá para a promoção da poesia, da leitura, da literatura e da obra godoyana, além de dar-se a conhecer, com maior expressividade, ‘Quem é Heleno Godoy?’.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após as abordagens e estudos ao longo da pesquisa, passa-se para as considerações acerca do todo obtido. O primeiro aspecto a ser abordado é a contribuição para a formação do leitor de poesia. Antes, porém, é importante ressaltar que a escolha pelo gênero poético se deu em virtude da pouca ou baixa receptividade à poesia, tanto de docentes quanto de alunos, em sala de aula. De docentes, em certa medida, por apresentarem resistência ao gênero, até mesmo, pelas lacunas decorrentes da formação nos cursos de Letras e Pedagogia (quando se trata da leitura de poesia nas séries iniciais).

Como reflexo, pois, desse processo, tem-se discentes resistentes ao texto poético e, conseqüentemente, ao texto literário em geral. Nesse ponto, é possível relembrar Todorov quando diz do perigo da literatura. O perigo mencionado pelo crítico não se refere à

escassez de bons poetas ou ficcionistas, no esgotamento da produção ou da criação poética, mas na forma como a literatura tem sido oferecida aos jovens, desde a escola primária até a faculdade: o perigo está no fato de que, por uma estranha inversão, o estudante não entra em contato com a literatura mediante a leitura dos textos literários propriamente ditos, mas com alguma forma de crítica, de teoria ou de história literária. Isto é, seu acesso à literatura é mediado pela forma “disciplinar” e “institucional”. Para esse jovem, literatura passa a ser então muito mais uma matéria escolar a ser aprendida em sua periodização do que um agente de conhecimento sobre o mundo, os homens, as paixões, enfim, sobre sua vida íntima e pública. (TODOROV, 2009, p. 10)

Todorov é preciso ao criticar a maneira como se dá o ensino de literatura nas escolas, e deixa claro que, nessa perspectiva, o homem se esquece de olhar para si e para o mundo, abstendo-se do papel de agente transformador do meio em que vive, distanciando-se das funções humanizadora e libertadora da literatura, funções estas aludidas por Candido (2004).

Com vistas aos pontos mencionados, correlacionado-os à pesquisa realizada, é possível dizer que a contribuição para a formação do leitor de poesia, nesta investigação, obteve excelência. Apesar das dificuldades encontradas no decorrer do processo e das necessidades de alterações metodológicas quanto à parte prática do trabalho, a sensibilização ao texto literário, especificamente ao poético, assim como a boa recepção à obra de Heleno Godoy, poeta alvo deste estudo, foram, ao final, satisfatórias.

Nesse ínterim, rememora-se Heleno Godoy, dantes mencionado. O desejo em se adentrar com maiores detalhes as obras do poeta, especialmente *A casa e Lugar comum e outros poemas*, corpus de análise desta pesquisa e delimitadas no segundo capítulo, assim como o aprofundamento em estudos sobre a vida do escritor, foi motivado por ser ele um

autor vivo, ativo e próximo – natural do estado de Goiás e residente em Goiânia –, portanto, um autor contemporâneo, mas que mantém um diálogo estreito com o paradigma moderno, concepções estas dissertadas com maior riqueza de detalhes no primeiro capítulo e justificadas com teorias consistentes.

Logo, as fundamentações teóricas foram de vital relevância para consubstanciar as análises e diagnósticos abordados na pesquisa. O resultado desta seleção são obras sólidas e analíticas, como se nota em produções como *O último leitor*, de Ricardo Piglia (2006); “Concepções de leitor e a concepção do leitor implícito”, de Wolfgang Iser (1996); *O rumor da língua*, de Roland Barthes (1987); “A leitura como retorno a si: sobre o interesse pedagógico das leituras subjetivas”, de Vincent Jouve (2013); *A escola conservadora: as desigualdade frente à escola e a cultura*, de Pierre Bourdieu (2007); e inteiradas pelos estudos sobre a poesia, desenvolvidos por Hegel (2004), em “A poesia”; Octavio Paz, nas obras *O arco e a lira* (1982), *Os Filhos do barro* (1984); além de artigos como os de Ligia Morrone Averbuck (1988), em “A poesia e a escola”, “Formação do leitor e poesia na sala de aula”, de Célia Sebastiana Silva (s/d); “Formação de leitores e razões para a leitura”, de Ricardo Azevedo (2004); além de demais trabalhos a que se tem acesso e que realizam abordagem similar.

Já as teorias e críticas acerca do papel e da função da literatura apresentam-se bem fundamentadas em textos como: “A literatura e a formação do homem”, de Antonio Candido (1972); “Literatura e subdesenvolvimento”, Candido (2000); “O direito à literatura”, Candido (2004); “Sobre algumas funções da literatura”, Umberto Eco (2003); *A literatura em perigo*, Tzvetan Todorov (2009); “O que é Literatura e tem ela importância?”, de Jonathan Culler. Esses textos aqui citados, além dos demais referenciados ao longo deste trabalho, compõem o suporte bibliográfico desta pesquisa, materializada em uma pesquisa-ação, de trato qualitativo, realizada em uma escola pública, de periferia, da cidade de Inhumas – GO.

Para além, e a fim de se concluir as ressalvas desta seção, retoma-se, aqui, a problemática elencada ao início do estudo: ‘Como a leitura da poesia moderna e contemporânea pode contribuir para a formação do leitor literário’, e que foi, implicitamente, lembrada, por meio dos estudos apresentados em cada capítulo, assim como nas considerações sobre os percursos metodológicos e análise de dados na terceira seção do estudo.

Encerra-se, pois, o segmento com uma reflexão de Ricardo Azevedo, em seu artigo intitulado “Formação de leitores e razões para a literatura”, em que o escritor pontua sobre a

formação de leitores, a idealização a respeito da leitura e o papel da literatura frente à humanização do homem. Assim discorre Azevedo (In: SOUZA, 2004, p.46):

(...) vai ser difícil formar leitores insistindo em idealizações a respeito da leitura, aceitando passivamente a divisão indiscriminada de pessoas em abstratas faixas etárias, ignorando a existência de diferentes tipos de livros e textos e, ainda, sem levar em consideração certas características e especificidades da Literatura, entre elas, seu compromisso profundo e essencial com a existência humana concreta.

Portanto, é importante mencionar que a leitura e a literatura alcançam seus intentos quando possibilitam a formação e elevação do ser, contribuindo para um mundo mais igualitário, humano, dotado de equidade e em que todas as formas de arte possam chegar, de forma livre, sem censuras, às mais variadas camadas sociais e faixas etárias, com um direito ao acesso à literatura assegurado, indiscriminadamente, ao homem (CANDIDO, 2004).

Para finalizar, cito aqui uma frase dita pelo próprio Heleno Godoy e presente no documentário feito com o poeta, em que ele diz: “Continuo insistindo, sem literatura um país não chega a lugar nenhum. Sem leitura, um país, também, não chega a lugar nenhum. Sem educação, nós não conseguimos absolutamente nada.” (GODOY, Documentário “Heleno por Heleno: vida, poesia e ensino”, 04-07-2018).

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. Lírica e sociedade. In: HORKEIMER, M. e HABERMAS, J. **Textos escolhidos**. São Paulo: Abril cultural, 1983.

_____. Posição do narrador no romance contemporâneo. In: _____. **Notas de Literatura I**. São Paulo: Editora 34, 2003.

AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo? e outros ensaios**. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. 3ª reimpressão. Chapecó, SC: Argos, 2009.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **A educação do ser poético**. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 20 de julho de 1974.

ARCHIBALD MacLeish. Disponível em <<https://m.poets.org/poetsorg/poet/archibald-macleish>>. Acesso em: 21 jun. 2017.

AVERBUCK, Ligia Morrone. A poesia e a escola. In: ZILBERMAN, Regina (Org.). **Leitura em crise na escola**: as alternativas do professor. 8ª ed. [por] Vera Teixeira de Aguiar [e outros]. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988, p. 63-83.

AZEVEDO, Ricardo. Formação de leitores e razões para a leitura. In: SOUZA, Renata Junqueira de (Org.). **Caminhos para a formação do leitor**. 1ª ed. São Paulo: DCL, 2004, p. 37-47.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal**. 2ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARROS, Manoel de. **Gramática expositiva do chão**: poesia quase toda. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990, p. 212.

BARTHES, Roland. Sobre a leitura; A morte do autor. In: _____. **O rumor da língua**. Lisboa: Edições 70, 1987.

BAUDELAIRE, Charles. O artista, homem do mundo, homem das multidões e criança. In: _____. **Sobre a modernidade**: o pintor da vida moderna. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. p. 15-35. Org. Teixeira Coelho. (Coleção Leitura).

BERMAN, Marshall. Prefácio e Modernidade – Ontem, Hoje e Amanhã. In: _____. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. Tradução Carlos Felipe Moisés. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1986, p. 13-36.

BIRMAN, Joel. **Arquivos do mal-estar e da resistência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, p. 37-38.

BORGES, Jorge Luis. Sobre os clássicos. In: _____. **Obras completas de Jorge Luis Borges**. Volume 2. São Paulo: Globo, 2000.

BORSATO, Fabiane Renata. Alcances de um olhar Sob a pele: descontínuas continuidades na poesia de Heleno Godoy. **Inventário: poesia reunida, inéditos e dispersos [1963-2015]**. Goiânia: martelo, 2015. Org. Solange Fiuza Cardoso Yokozawa. p. 486-497. (coleção cabeça de poeta 06. série contemporânea). 660 p.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 43ªed. São Paulo: Cultrix, 2006.

_____. Poesia Resistência. In: _____. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix, 1993.

BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e a cultura. In: _____. **Escritos de educação**. Petrópolis, Rio de Janeiro, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto: Secretaria de Educação Fundamental. Prática de leitura. In: BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa / Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília: 1997. p. 40-47.

_____. Orientações Curriculares para o Ensino Médio. *Linguagens, códigos e suas tecnologias/* Secretaria de Educação Básica – Brasília: Ministério da Educação, 2006. (volume 1).

CALLIGARIS, Contardo. Para que servem as ficções? In: **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 18 mar.07. Ilustrada, p.8.

CALVINO, Ítalo. Por que ler os clássicos. In: _____. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

CAMARGO, Goiandira Ortiz. A casa de “bem mais tarde” de Heleno Godoy. In: GODOY, Heleno. **Inventário: poesia reunida, inéditos e dispersos [1963-2015]**. Goiânia: martelo, 2015. p. 568-583. Org. Solange Fiuza Cardoso Yokozawa. (coleção cabeça de poeta 06. série contemporânea).

CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 2000.

_____. A literatura e a formação do homem. **Ciência e Cultura**, v.24, p.803-809, 24 set. 1972.

_____. Literatura e subdesenvolvimento. In: _____. **A educação pela noite e outros ensaios**. 3.ed. São Paulo: Editora Ática, 2000.

_____. O direito à literatura. In: _____. **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul/São Paulo: Duas Cidades, 2004.

CARPEAUX, O. M. Prosa e Ficção do Romantismo. In: GUINSBURG, J. (Org.). **O Romantismo**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

CARVALHO, F. R. de, PAGANI, J. J., GOMES, N. B. da S.; O leitor contemporâneo: entre a tradição e a urgência. In: IX Colóquio de Estudos Literários, 2015, Londrina. Org. SILVA, Jacicarla S.; BRANDINI, Laura T. **Anais...** Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/estudosliterarios/pages/arquivos/Fernanda%20Ramos%20de%20>

[Carvalho Jackson Natalia texto%20completo.pdf](#)>. Acesso em: 04 abr.2017. Londrina: 15 e 16 de setembro de 2015, p.153-170. ISSN: 2446-5488.

CORTÁZAR, Julio. Alguns aspectos do conto; Do conto breve e seus arredores. In: _____. **Valise de cronópio**. Trad. Davi Arrigucci Jr. São Paulo: Perspectiva, 2006.

CULLER, Jonathan. O que é Literatura e tem ela importância?. In: _____. **Teoria literária: uma introdução**. São Paulo: Beca, 1999. P. 26-47.

DERRIDA, Jacques. “Edmond Jâbes e a questão do livro”. In: _____. **A escritura e a diferença**. Tradução Maria Beatriz Marques ET AL. São Paulo: Perspectiva, 1971. p. 61.

ECO, Umberto. Sobre algumas funções da literatura. In: _____. **Sobre a literatura**. 2.ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

_____. O texto, o prazer, o consumo. In: _____. **Sobre os espelhos e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989. p. 100-109.

ELIOT, T. S.. A tradição e o talento individual. In: _____. **Ensaaios**. Tradução, introdução e notas de Ivan Junqueira. São Paulo: Art Editora, 1989, p. 37-48.

FLECHA, Renata Dumont. **Modernidade, contemporaneidade e subjetividade**. *Sapere Aude* – Belo Horizonte. v.2 – n.3, p. 28-43 – 1º sem. 2011. ISSN: 2177-6342.

GERTRUDE Stein. Disponível em <<https://www.poetryfoundation.org/poets/gertrude-stein>>. Acesso em: 21 jun. 2017.

GODOY, Heleno. **A casa**. 1986-1991: poemas. 2ªed. Goiânia: Cãnone Editorial, 2001.

_____. Documentário **Heleno por Heleno: vida, poesia e ensino**. Goiânia – GO, realizado em 04-07-2018.

_____. In: _____. **Inventário**: poesia reunida, inéditos e dispersos [1963-2015]. Goiânia: martelo, 2015. Org. Solange Fiuza Cardoso Yokozawa. p. 333-365. (coleção cabeça de poeta 06. série contemporânea). 660 p.

_____. Lugar comum e outros poemas. In: _____. **Inventário**: poesia reunida, inéditos e dispersos [1963-2015]. Goiânia: martelo, 2015. Org. Solange Fiuza Cardoso Yokozawa. p. 145-229. (coleção cabeça de poeta 06. série contemporânea). 660 p.

_____. Sob a pele. In: _____. **Inventário**: poesia reunida, inéditos e dispersos [1963-2015]. Goiânia: martelo, 2015. Org. Solange Fiuza Cardoso Yokozawa. p. 111-143. (coleção cabeça de poeta 06. série contemporânea). 660 p.

_____. Trímeros. In: _____. **Inventário**: poesia reunida, inéditos e dispersos [1963-2015]. Goiânia: martelo, 2015. Org. Solange Fiuza Cardoso Yokozawa. p. 145-229. (coleção cabeça de poeta 06. série contemporânea). 660 p.

_____. **Relações Narrativas**. 2ªed. Goiânia: Ed. Universidade Católica de Goiás, 1993.

GUINSBURG, J. **O Romantismo**. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1978.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. A poesia. In: _____. **Cursos de Estética** – volume IV. Tradução Marco Aurélio Werle, Oliver Tolle; Consultoria Victor Knoll. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004, p. 11-22. (Clássicos; 26)

ISER, Wolfgang. Concepções de leitor e a concepção do leitor implícito. In: _____. **O ato da leitura**. Uma teoria do efeito estético. Vol. 1. São Paulo: Editora 34, 1996.

JORGE, Miguel. Heleno Godoy e o GEN. In: GODOY, Heleno de. **Inventário**: poesia reunida, inéditos e dispersos [1963-2015]. Goiânia: martelo, 2015. Org. Solange Fiuza Cardoso Yokozawa. p. 610-617. (coleção cabeça de poeta 06. série contemporânea). 660 p.

JOUVE, Vincent. O que é leitura?. In: _____. **A leitura**. Tradução Brigitte Hervot. São Paulo: Editora Unesp, 2002, p.17-32.

_____. A leitura como retorno a si: sobre o interesse pedagógico das leituras subjetivas. In: LANGLADE, G; ROUXEL, A.; REZENDE, N.L. (Org.). **Leitura subjetiva e ensino de literatura**. São Paulo: Alameda, 2013, p.53-66.

LANGLADE, Gérard; ROUXEL, Annie; REZENDE, Neide Luzia de. (Org.). **Leitura subjetiva e ensino de literatura**. São Paulo: Alameda, 2013, p.53-66.

LIMA, Luiz Costa. A arte secreta. “Caderno Mais”, *Folha de São Paulo*, São Paulo, 23 de abr. 2006, In: GODOY, Heleno de. **Inventário**: poesia reunida, inéditos e dispersos [1963-2015]. Goiânia: martelo, 2015. Org. Solange Fiuza Cardoso Yokozawa. p. 501-503. (coleção cabeça de poeta 06. série contemporânea). 660 p.

MINDLIN, Dulce Maria Viana. A casa ou o desabrigo do poeta. In: GODOY, Heleno de. **Inventário**: poesia reunida, inéditos e dispersos [1963-2015]. Goiânia: martelo, 2015. Org. Solange Fiuza Cardoso Yokozawa. p. 565-568. (coleção cabeça de poeta 06. série contemporânea). 660 p.

MURRAY, Janet H. **Hamlet no Holodeck**: o futuro da narrativa no ciberespaço. Editora da UNESP, São Paulo, 2003.

OSAKABE, Haquira. Poesia e indiferença. In: **Leituras literárias**: discursos transitivos. Aparecida Paiva, Aracy Martins, Graça Paulino, Zélia Versiani (organizadoras). 1ª reimp. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2008. p. 37-54. (Coleção Literatura e Educação).

OSCAR, David. Um poeta substantivo. In: GODOY, Heleno de. **Inventário**: poesia reunida, inéditos e dispersos [1963-2015]. Goiânia: martelo, 2015. Org. Solange Fiuza Cardoso Yokozawa. p. 498-501. (coleção cabeça de poeta 06. série contemporânea). 660 p.

PAES, José Paulo. Convite. In: _____. **Poemas para brincar**. Editora Ática: 2011.

PAZ, Octavio. A outra voz. **A outra voz**. Tradução Wladir Dupont. – São Paulo: Siciliano, 1993, p. 133-148.

_____. Os poucos e os muitos. **A outra voz**. Tradução Wladir Dupont. – São Paulo: Siciliano, 1993, p. 77-94.

_____. O mundo heróico. In: _____. **O Arco e a lira**. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982, p. 241-266.

_____. Ambiguidade do romance. In: _____. **O arco e a lira**. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982, p. 267-282.

_____. Tradição da ruptura. In: _____. **Os Filhos do barro**: do romantismo à vanguarda. Trad. de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p. 15-35.

_____. Verso e prosa. In: _____. **Signos em rotação**. São Paulo: Perspectiva, 1996.

PERRONE-MOISÉS, Leylla. Crítica e Intertextualidade. In: **Texto, crítica, escritura**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 61-86. (Coleção leitura e crítica)

PERROTI, Edmir. **Leitura**. São Paulo: Editora Iluminuras Ltda, 1999. Revisão de Ana Paula Cardoso. p. 230-235.

PIGLIA, Ricardo. O que é um leitor?. In: _____. **O último leitor**. Tradução Heloisa Jhah. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 19-37.

PROCÓPIO, Raphaela Pacelli. Heleno Godoy e a poesia práxis. In: GODOY, Heleno de. **Inventário**: poesia reunida, inéditos e dispersos [1963-2015]. Goiânia: martelo, 2015. Org. Solange Fiuza Cardoso Yokozawa. p. 601-609. (coleção cabeça de poeta 06. série contemporânea). 660 p.

_____. **Momentos significativos da poesia de Heleno Godoy: Os veículos, A casa e Lugar comum e outros poemas**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras (FL), Programa de Pós Graduação em Letras e Linguística, Goiânia, 2011, 132 f.

QUINTANA, Mário. **Caderno H**. Porto Alegre: Globo, 1983.p.52.

ROSENFELD, Anatol. Aspectos do Romantismo Alemão. In: _____. **Texto/contexto**: ensaios. São Paulo: Perspectiva, 1969.

_____. Reflexões sobre o romance moderno. In: _____. **Texto e contexto I**. São Paulo: Duas cidades, 2003.

SANTOS, Goiamérico Felício Carneiro dos. As Ordenações Do Dia E As Inscrições Poéticas. In: GODOY, Heleno de. **Inventário**: poesia reunida, inéditos e dispersos [1963-2015]. Goiânia: martelo, 2015. Org. Solange Fiuza Cardoso Yokozawa. p. 513-517. (coleção cabeça de poeta 06. série contemporânea). 660 p.

SILVA, Carlos Augusto. **Heleno Godoy**: a precisão poética. Disponível em: <<http://www.jornalopcao.com.br/posts/opção-cultural/heleno-godoy-a-precisao-poetica>>. Acesso em: 01 ago. 2017.

SILVA, Célia Sebastiana. **Formação do leitor e poesia na sala de aula**. Disponível em: <http://alb.org.br/arquivomorto/edicoes_anteriores/anais17/txtcompletos/sem11/COLE_3391.pdf>. Acesso em: 24 mai. 2018. s/d, p.1-5.

SILVA, Célia Sebastiana; VICENTINI, Albertina. Trímeros – Três livros em um tempo de poeta. In: GODOY, Heleno de. **Inventário: poesia reunida, inéditos e dispersos [1963-2015]**. Goiânia: martelo, 2015. Org. Solange Fiuza Cardoso Yokozawa. p. 551-565. (coleção cabeça de poeta 06. série contemporânea). 660 p.

SLOTTERDIJK, Peter. **Regras para o parque humano: uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo**. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

STAIGER, Emil. **Conceitos Fundamentais da poética**. 3ªed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

TELES, Gilberto Mendonça. **A poesia em Goiás**. Goiânia: UFG, 1964.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 8ªed. São Paulo: Cortez, 1998.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Tradução Caio Meira. 2ª ed. – Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

ZILBERMAM, Regina. (Org.). Leitura na sala de aula. In: **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. 5. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

YOKOZAWA, Solange Fiuza Cardoso. **A memória lírica de Mário Quintana**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006. 300p.

_____. Sobre Lugar comum e outros poemas. In: GODOY, Heleno. **Inventário: poesia reunida, inéditos e dispersos [1963-2015]**. Goiânia: martelo, 2015. Org. Solange Fiuza Cardoso Yokozawa. p. 504-512. (coleção cabeça de poeta 06. série contemporânea). 660 p.

_____. Reconfigurações da memória na poesia brasileira contemporânea. In: **Poesia Brasileira Contemporânea & Tradição**. 1. ed. São Paulo: Nankin, 2015. Org. Solange Fiuza Cardoso Yokozawa, Alexandre Bonafim. p. 43-63.

ANEXOS

Anexo 1: Sequência didática – primeira pesquisa

Anexo 1.1: Aplicação e reaplicação de questionário semiestruturado

Anexo 2: Sequência didática – segunda pesquisa

Anexo 2.1: Aplicação e reaplicação de questionário semiestruturado

Anexo 3: Entrevista com Heleno Godoy

Anexo 4: Roteiro para edição do documentário

Anexo 4.1: Documentário (DVD)

Anexo 5: Imagens das capas dos livros *A casa* e *Lugar Comum e outros poemas*

ANEXO 1

Primeira pesquisa



Mestranda: Renata Magalhães Vaz Assis

Orientadora: Profª Drª Célia Sebastiana Silva

Turma: 7º ano A – Turno Matutino – Ensino Fundamental II

Colégio Estadual Presidente Castelo Branco

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

PRIMEIRA AULA (DIA 05/04/2017) = 1 AULA

OBJETIVO GERAL

- Coletar as assinaturas e autorizações dos pais e alunos, assim como do escritor, para iniciar a aplicação da pesquisa na escola.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Coletar as assinaturas dos alunos;
- Esclarecer aos envolvidos na pesquisa como ela ocorrerá, os passos que serão percorridos durante a mesma e o intuito dessa pesquisa;
- Coletar a assinatura do escritor (antes da produção do documentário);
- Fazer os primeiros contatos com a escola.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

- Conversa informal;
- Explicação sobre as informações contidas no TALE (Termo de Assentimento Livre e Esclarecido) e TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido);
- Diálogo aberto.

AVALIAÇÃO

- Qualitativa e feita por meio de encontros periódicos, os quais permitirão avaliar o desenvolvimento, apreensão e aceitação do trabalho por parte dos discentes, o que possibilitará reavaliar a metodologia utilizada e, caso necessário, alterá-la para garantir o alcance dos resultados esperados.



Mestranda: Renata Magalhães Vaz Assis

Orientadora: Profª Drª Célia Sebastiana Silva

Turma: 7º ano A – Turno Matutino – Ensino Fundamental II

Colégio Estadual Presidente Castelo Branco

SEGUNDA AULA (DIA 19/04/2017) = 1 AULA

- Explicar o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido);
- Distribuir uma cópia do TCLE para cada aluno levar para que seu responsável o assine;
- Aplicar o questionário semiestruturado;
- Ler o texto “Não despertemos o leitor” - Mario Quintana;

Não despertemos o leitor

Os leitores são, por natureza, dorminhocos. Gostam de ler dormindo. Autor que os queira conservar não deve ministrá-los o mínimo susto. Apenas as eternas frases feitas.

“A vida é um fardo” – isto, por exemplo, pode-se repetir sempre. E acrescentar impunemente: “disse Bias”. Bias não faz mal a ninguém, como aliás os outros seus sábios da Grécia, pois todos os sete, como há vinte séculos já se queixava Plutarco, eram uns verdadeiros chatos. Isto para ele, Plutarco. Mas, para o grego comum da época, deviam ser a delícia e a tábua de salvação das conversas.

Pois não é mesmo tão bom falar e pensar sem esforço? O lugar comum é a base da sociedade, a sua política, a sua filosofia, a segurança das intuições. Ninguém é levado a sério com ideias originais.

Já não é a primeira vez, por exemplo, que um figurão qualquer declara em entrevista:

“O Brasil não fugirá ao seu destino histórico!”

O êxito da tirada, a julgar pelo destaque que lhe dá a imprensa, é sempre infalível, embora o leitor semidesperto possa desconfiar que isso não quer dizer coisa alguma, pois nada foge mesmo ao seu destino histórico, seja um império que desaba ou uma barata esmagada.

(QUINTANA, Mario. *Caderno H*. Porto Alegre: Globo, 1983.p.52)



Mestranda: Renata Magalhães Vaz Assis

Orientadora: Profª Drª Célia Sebastiana Silva

Turma: 7º ano A – Turno Matutino – Ensino Fundamental II

Colégio Estadual Presidente Castelo Branco

Aluno(a): _____

TERCEIRA AULA (DIA 26/04/2017) = 2 AULAS

- Levantar um debate sobre os três tipos de leitores citados: o dorminhoco, o semidesperto e atento, contextualizando-os à realidade dos discentes (“Não despertemos o leitor” – Mario Quintana);
- Questionar sobre o que os discentes entendem por poesia e estabelecer, de forma bem sucinta, as diferenças entre poesia e poema;
- Perpassar brevemente a biografia de Mario Quintana;



Mestranda: Renata Magalhães Vaz Assis

Orientadora: Profª Drª Célia Sebastiana Silva

Turma: 7º ano A – Turno Matutino – Ensino Fundamental II

Colégio Estadual Presidente Castelo Branco

Aluno(a): _____

QUARTA AULA (DIA 03/05/2017) = 2 AULAS

- Aplicar questões discursivas e pessoais sobre o texto de Mário Quintana;

EXPLORANDO E CONTEXTUALIZANDO O TEXTO

1. Pra você, o que é um leitor dorminhoco?

2. Você se considera um leitor dorminhoco, semidesperto ou atento? Justifique sua resposta.

3. Leia o trecho a seguir:

“O Brasil não fugirá ao seu destino histórico”.

Agora, responda: de acordo com o fragmento descrito, qual a diferença de postura entre o leitor dorminhoco, semidesperto e atento?

4. Tomando por base **Não despertemos o leitor**, de Mário Quintana, faça uma breve reflexão, em um único parágrafo, sobre a postura do leitor no Brasil, a forma como a literatura é percebida e recebida em nosso país e, ainda, uma análise sobre a cultura – literária – que permeia o Brasil.

- Ouvir a música **Sampa – Caetano Veloso** e realizar um estudo comparativo entre as ideias da música e as ideias abordadas no texto “Não despertemos o leitor”, de Mario Quintana;
- Situar Caetano Veloso na esfera social, cultural e histórica.

Sampa – Caetano Veloso (part. Maria Gadú)

Alguma coisa acontece no meu coração
Que só quando cruza a Ipiranga e a avenida São João
É que quando eu cheguei por aqui eu nada entendi

Da dura poesia concreta de tuas esquinas
 Da deselegância discreta de tuas meninas
 Ainda não havia para mim, Rita Lee
 A tua mais completa tradução
 Alguma coisa acontece no meu coração
 Que só quando cruza a Ipiranga e a avenida São João

Quando eu te encarei frente a frente não vi o meu rosto
 Chamei de mau gosto o que vi, de mau gosto, mau gosto
 É que Narciso acha feio o que não é espelho
 E à mente apavora o que ainda não é mesmo velho
 Nada do que não era antes quando não somos Mutantes

E foste um difícil começo
 Afasta o que não conheço
 E quem vem de outro sonho feliz de cidade
 Aprende depressa a chamar-te de realidade
 Porque és o avesso do avesso do avesso do avesso

Do povo oprimido nas filas, nas vilas, favelas
 Da força da grana que ergue e destrói coisas belas
 Da feia fumaça que sobe, apagando as estrelas
 Eu vejo surgir teus poetas de campos, espaços
 Tuas oficinas de florestas, teus deuses da chuva

Pan-Américas de Áfricas utópicas, tórumulo do samba
 Mais possível novo quilombo de Zumbi
 E os Novos Baianos passeiam na tua garoa
 E novos baianos te podem curtir numa boa

2º MOMENTO

- Perguntar aos alunos o que sabem sobre Manuel Bandeira;
- Fazer breve relato sobre a biografia do autor;
- Fazer uma leitura vocalizada do poema “Os Sinos”, de Manuel Bandeira, e justificar a escolha do poema e do autor;
- Pedir aos educandos que façam uma filmagem, simples e caseira, do poema em estudo utilizando como estratégia a leitura vocalizada e limitando as imagens a dois expressivos sentidos: boca e olhos.

Os Sinos

Sino de Belém,
Sino da paixão...
Sino de Belém,
Sino da paixão...
Sino do Bonfim!...
Sino da paixão, bate bão-bão-bão.

Sino do Bonfim, por que chora assim?...

Sino de Belém, que graça ele tem!
Sino de Belém bate bem-bem-bem.
Sino da paixão. – pela minha irmã!
Sino da paixão. – pela minha mãe!

Sino do Bonfim, que vai ser de mim?...

Sino de Belém, como soa bem!
Sino de Belém bate bem-bem-bem.
Sino da paixão... Por meu pai?... –Não!
Não!
Sino da paixão bate bão-bão-bão.

Sino do Bonfim!...

Sino de Belém, pelos que ainda vêm!
Sino de Belém, bate bem-bem-bem.
Sino da paixão, pelos que ainda vão!
Sino do Bonfim, baterás por mim?...

Sino de Belém,
Sino da paixão...
Sino da paixão pelo meu irmão...
Sino da paixão,
Sino do Bonfim...
Sino do Bonfim, ai de mim, por mim!

Sino de Belém, que graça ele tem!

Manuel Bandeira



Mestranda: Renata Magalhães Vaz Assis
Orientadora: Profª Drª Célia Sebastiana Silva
Turma: 7º ano A – Turno Matutino – Ensino Fundamental II
Colégio Estadual Presidente Castelo Branco

QUINTA AULA (DIA 10/05/2017) = 2 AULAS

- Falar sobre Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto;
- Situa-los dentro da literatura;
- Apresentar aos discentes dois poemas: “Congresso Internacional do Medo”, de Carlos Drummond de Andrade, e “A educação pela pedra”, de João Cabral de Melo Neto;

Congresso Internacional do Medo

Provisoriamente não cantaremos o amor,
que se refugiou mais abaixo dos subterrâneos.
Cantaremos o medo, que estereliza os abraços,
não cantaremos o ódio porque esse não existe,
existe apenas o medo, nosso pai e nosso companheiro,
o medo grande dos sertões, dos mares, dos desertos,
o medo dos soldados, o medo das mães, o medo das igrejas,
cantaremos o medo dos ditadores, o medo dos democratas,
cantaremos o medo da morte e o medo de depois da morte,
depois morreremos de medo
e sobre nossos túmulos nascerão flores amarelas e medrosas.

Carlos Drummond de Andrade

A educação pela pedra

Uma educação pela pedra: por lições;
para aprender pela pedra, freqüentá-la;
captar sua voz inefática, impessoal
(pela de dicção ela começa as aulas).
A lição de moral, sua resistência fria
ao que flui e a fluir, a ser maleada;
a de poética, sua carnadura concreta;
a de economia, seu adensar-se compacta.
lições de pedra (de fora pra dentro,
cartilha muda), para quem soletrá-la.

Outra educação pela pedra: no Sertão
(de dentro para fora, e pré-didática).
No Sertão a pedra não sabe lecionar,
e se lecionasse não ensinaria nada;
lá não se aprende a pedra: lá a pedra,
uma pedra de nascença, entranha a alma.

(MELO NETO, João Cabral de. *Os melhores poemas*. São Paulo: Global, 1985)

- Pedir aos alunos que pesquisem, na biblioteca da escola ou em outros meios aos quais tenham acesso, poemas de Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto, para que na aula seguinte se faça o compartilhamento das leituras dos poemas escolhidos individualmente (o número de alunos será dividido igualmente para que os poemas sejam pesquisados de forma igualitária também).



Mestranda: Renata Magalhães Vaz Assis
 Orientadora: Profª Drª Célia Sebastiana Silva
 Turma: 7º ano A – Turno Matutino – Ensino Fundamental II
 Colégio Estadual Presidente Castelo Branco

SEXTA AULA (DIA 17/05/2017) = 2 AULAS

- Retomada das aulas anteriores;
- Leitura, voluntária, dos poemas pesquisados pelos discentes;
- Introdução ao trabalho com o poeta Heleno Godoy: biografia, publicações literárias, menção sobre *Inventário*, explanação mais detalhada sobre os livros *A casa e Lugar comum e outros poemas*;
- Leitura do poema “Um Espelho, Outra Vez”, de Heleno Godoy.

Um Espelho, Outra Vez

Este rosto de hoje é uma farsa
 sobreposta a uma face inversa.
 Imersa em espera e corroída
 por si mesma, e aqui ficando.
 ela teima em não se ver como é.

Não um espelho a sua frente,
 não aquele ricto no músculo
 que se contrai a cada dor, cada
 picada ou mordida, mas espasmo
 irreprimível, uma corrida lágrima.

Pois é assim que nos portamos
 e nos postamos diante de uma
 foto, gatos desconfiados, que olham
 atrás do papel ou espelho,
 buscando lá um passado perdido,

uma data já esquecida, roupa,
 envelhecida e fora de moda,
 uma fantasia de pirata, um

holandês não voador, preso
aos tamancos de madeira,

deselegante no andar, como se
assustado com o peso do sapato
estranho, um cachimbo falso
no canto da boca, um olhar
triste, e era foto de carnaval.

(GODOY, Heleno. Lugar comum e outros poemas. In: *Inventário*. Goiânia: martelo. 2015. p.196-197.)

- Realizar a análise crítica do poema “Um Espelho, Outra Vez”;
- Tomando por base o caráter de autorretrato do poema de Heleno Godoy, pedir aos discentes que produzam um poema que também siga esse perfil estrutural.



Mestranda: Renata Magalhães Vaz Assis

Orientadora: Prof^a Dr^a Célia Sebastiana Silva

Turma: 7º ano A – Turno Matutino – Ensino Fundamental II

Colégio Estadual Presidente Castelo Branco

Aluno(a): _____

- Depois de ler alguns poemas e trabalharmos o caráter de autorretrato presente no poema “Um Espelho, Outra Vez”, produza um poema que também tenha esse perfil temático e estrutural. Seja livre, leve...!

TÍTULO: _____

This image shows a single sheet of white paper with horizontal blue ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.



Mestranda: Renata Magalhães Vaz Assis

Orientadora: Profª Drª Célia Sebastiana Silva

Turma: 7º ano A – Turno Matutino – Ensino Fundamental II

Colégio Estadual Presidente Castelo Branco

SÉTIMA AULA (DIA 24/05/2017) = 2 AULAS

- Ler poemas selecionados do livro *Lugar comum e outros poemas*: esse trabalho ocorrerá em grupo. Os alunos serão divididos em grupos de 2 ou 3 integrantes, realizarão a leitura do(s) poema(s) recebido(s) e, depois, um dos componentes realizará a(s) leituras do(s) texto(s).
- Leitura do poema “Álbum de Família”, discussão e atividade crítica, interpretativa e estrutural.

Álbum de Família

Esta menina com uma flor na mão
 não sabe ainda, mas será minha mãe.
 Aquele menino lá, de uniforme, será
 um de meus muitos tantos tios.
 De um lado como do outro, não
 faltarão parentes: este meu avô
 aqui, de bigode, ou esta avó magra,
 que irá morar longe, num sanatório.
 Numas outras fotos, estes outros
 avós, que a sorte e a saúde muito
 mais tempo mantiveram por perto.

De uma caixa de sapatos é que saem,
 pois lá guardadas, todas essas fotos
 velhas, algumas com rasgados, outras
 amareladas, outras tantas desfocadas.

Não estão num álbum dispostas,
 ordenadas e exibidas. Não. Aqui,
 nesta caixa, muito mais que num

álbum organizado, encontros certas
as biografias que me fascinam,
as lembranças embaralhadas,
roupas às vezes em desalinho,
instantâneos precisos, muito
mais nítidos que fotos de estúdio
ou de festas fartas, de aniversários
ou casamentos, batizados, enterros.

(GODOY, Heleno. Lugar comum e outros poemas. In: GODOY, Heleno. *Inventário*. Goiânia: martelo. 2015. p. 146-147.)

Questionário crítico e interpretativo



Mestranda: Renata Magalhães Vaz Assis

Orientadora: Profª Drª Célia Sebastiana Silva

Turma: 7º ano A – Turno Matutino – Ensino Fundamental II

Colégio Estadual Presidente Castelo Branco

Aluno(a): _____

➤ Após ler o poema “Álbum de família”, responda aos questionários abaixo.

1. Qual a temática trabalhada no poema?

2. Quem está falando no poema? Comprove sua resposta com um fragmento do poema.

3. Elenque as personagens da família citadas ao longo do poema.

4. Esse poema desperta algum sentimento em você? Se sim, qual ou quais e o porquê.

5. Você já passou por situação semelhante ao poema acima? Caso afirmativo, raramente ou com frequência?

6. Quanto à estrutura, responda:

a) Quantas estrofes há no poema? _____

b) Quantos versos? _____

c) Há rimas? _____



Mestranda: Renata Magalhães Vaz Assis

Orientadora: Profª Drª Célia Sebastiana Silva

Turma: 7º ano A – Turno Matutino – Ensino Fundamental II

Colégio Estadual Presidente Castelo Branco

Aluno(a): _____

OITAVA AULA (DIA 31/05/2017) = 2 AULAS

- Trabalhar poema do livro *A casa*.

A CASA PODE NÃO SER

O espaço da rua,
Mas não se evita
Que seja o espaço
da dúvida.

A casa pode ser uma
Estrutura concreta,
Mas também não se evita
Que seja o espaço
da dívida.

A casa será sempre
Um espaço ambíguo:
Seja uma estrutura hipotética,
Seja o lugar da hipoteca.

Na dúvida, volta-se à planta,
Surpresamente. Descobre-se lá
Um erro, uma inadvertência,
Um curto-circuito, um ciclo
Completo.

Na dívida, volta-se ao banco,
Humildemente. Aceita-se lá
Um arranjo, uma inadimplência,
Um pleno assalto, um logro
Completo.

Na hipoteca, vende-se um carro,
Apressadamente. Troca-se lá

Uma letra, uma insolvência,
Um pleno fracasso, um troco completo.

(GODOY, Heleno. A casa. In: GODOY, Heleno. *Inventário*. Goiânia: martelo, 2015. p. 351.)

- Fazer uma análise do poema levando-se em consideração: a semântica, a estruturação e a elaboração do poema quanto ao jogo com as palavras feitas pelo autor;
- Demonstrar, por meio do poema, a ligação entre Heleno Godoy, Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto, no entanto, deixando clara a autenticidade da linguagem de Godoy;
- Realizar uma roda de leitura com poemas do livro *A casa*.

ANEXO 1.1

Aplicação e reaplicação de questionário semiestruturado



Mestranda: Renata Magalhães Vaz Assis

Orientadora: Profª Drª Célia Sebastiana Silva

Turma: 7º ano A – Turno Matutino – Ensino Fundamental II

Colégio Estadual Presidente Castelo Branco

Aluno (a): _____

PRIMEIRO QUESTIONÁRIO

- Leia o questionário abaixo e responda-o de acordo com sua vivência e experiência diária.

1. Como vê sua proximidade com a literatura?

2. Qual clássico despertou em você o gosto e o prazer pela literatura? Ou ainda não teve esse encontro mais intenso com a ‘arte’?

3. A literatura na escola é:

- a) Pouco incentivada;
- b) Bastante trabalhada;
- c) Parte de um processo ainda em construção;
- d) Colocada em segundo plano dentro da escola;

4. Para você, o que é ‘poesia’?

5. Em algum momento de sua vida já teve contato com o termo ‘literatura regionalista’?
() sim () não
6. Como entende ‘literatura regionalista’?

7. Saberria apontar ao menos dois nomes de escritores goianos?

8. Já ouviu ou leu algo a respeito do escritor e poeta ‘Heleno Godoy’?
() sim () não
9. Em caso positivo:
a) Obteve contato com a obra do escritor? Qual?

b) Por qual meio de comunicação esse acesso foi possibilitado?



Mestranda: Renata Magalhães Vaz Assis

Orientadora: Prof^a Dr^a Célia Sebastiana Silva

Turma: 7º ano A – Turno Matutino – Ensino Fundamental II

Colégio Estadual Presidente Castelo Branco

Aluno (a): _____

REAPLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

- Leia o questionário abaixo e responda-o de acordo com as experiências vivenciadas recentemente por você em nossos encontros.

Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação/CEPAE-UFG
Campus Samambaia (Campus II), Avenida Esperança, S/N – Caixa Postal 131.
CEP: 74690-000, Goiânia – Goiás, Fone: (55-62) 3521-1104/3521-1083. Email: ppgeeb.cepae.ufg@gmail.com

1. Como vê sua proximidade com a literatura?

2. Qual clássico despertou em você o gosto e o prazer pela literatura? Ou ainda não teve esse encontro mais intenso com a ‘arte’?

3. A literatura na escola é:

- a) Pouco incentivada;
- b) Bastante trabalhada;
- c) Parte de um processo ainda em construção;
- d) Colocada em segundo plano dentro da escola;

4. Para você, o que é ‘poesia’?

5. Em algum momento de sua vida já teve contato com o termo ‘literatura regionalista’?

() sim () não

6. Como entende ‘literatura regionalista’?

7. Saberria apontar ao menos dois nomes de escritores goianos?

8. Já ouviu ou leu algo a respeito do escritor e poeta ‘Heleno Godoy’?

() sim () não

9. Em caso positivo:

a) Obteve contato com a obra do escritor? Qual?

b) Por qual meio de comunicação esse acesso foi possibilitado?

ANEXO 2

Segunda pesquisa



Orientadora: Profª Drª Célia Sebastiana Silva

Turma: 8º ano C – Turno Matutino – Ensino Fundamental II

Colégio Estadual Presidente Castelo Branco

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

PRIMEIRA AULA (DIA 06/03/2018) = 1 AULA

OBJETIVO GERAL

- Coletar as assinaturas e autorizações dos pais e alunos para iniciar a aplicação da pesquisa na escola.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Coletar as assinaturas dos alunos;
- Esclarecer aos envolvidos na pesquisa como ela ocorrerá, os passos que serão percorridos durante a mesma e o intuito dessa pesquisa;
- Fazer os primeiros contatos com a escola.

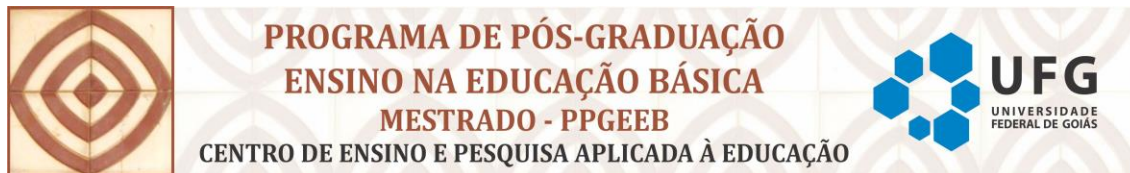
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

- Conversa informal;
- Explicação sobre as informações contidas no TALE (Termo de Assentimento Livre e Esclarecido) e TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido);
- Diálogo aberto.

AVALIAÇÃO

- Qualitativa e feita por meio de encontros periódicos, os quais permitirão avaliar o desenvolvimento, apreensão e aceitação do trabalho por parte dos discentes, o que

possibilitará reavaliar a metodologia utilizada e, caso necessário, alterá-la para garantir o alcance dos resultados esperados.



Mestranda: Renata Magalhães Vaz Assis

Orientadora: Profª Drª Célia Sebastiana Silva

Turma: 8º ano C – Turno Matutino – Ensino Fundamental II

Colégio Estadual Presidente Castelo Branco

SEGUNDA AULA (DIA 13/03/2018) = 2 AULAS

- Explicar o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido);
- Distribuir uma cópia do TCLE para cada aluno levar para que seu responsável o assine;
- Aplicar o questionário semiestruturado;
- Ler o texto “Não despertemos o leitor” - Mario Quintana;
- Pontuar brevemente sobre os três tipos de leitores citados: o dorminhoco, o semidesperto e atento, contextualizando-os à realidade dos discentes (“Não despertemos o leitor” – Mario Quintana).

Não despertemos o leitor

Os leitores são, por natureza, dorminhocos. Gostam de ler dormindo. Autor que os queira conservar não deve ministrá-los o mínimo susto. Apenas as eternas frases feitas.

“A vida é um fardo” – isto, por exemplo, pode-se repetir sempre. E acrescentar impunemente: “disse Bias”. Bias não faz mal a ninguém, como aliás os outros seus sábios da Grécia, pois todos os sete, como há vinte séculos já se queixava Plutarco, eram uns verdadeiros chatos. Isto para ele, Plutarco. Mas, para o grego comum da época, deviam ser a delícia e a tábua de salvação das conversas.

Pois não é mesmo tão bom falar e pensar sem esforço? O lugar comum é a base da sociedade, a sua política, a sua filosofia, a segurança das intuições. Ninguém é levado a sério com ideias originais.

Já não é a primeira vez, por exemplo, que um figurão qualquer declara em entrevista: “O Brasil não fugirá ao seu destino histórico!”

O êxito da tirada, a julgar pelo destaque que lhe dá a imprensa, é sempre infalível, embora o leitor semidesperto possa desconfiar que isso não quer dizer coisa alguma, pois nada foge mesmo ao seu destino histórico, seja um império que desaba ou uma barata esmagada.

(QUINTANA, Mario. *Caderno H*. Porto Alegre: Globo, 1983.p.52)



Mestranda: Renata Magalhães Vaz Assis

Orientadora: Profª Drª Célia Sebastiana Silva

Turma: 8º ano C – Turno Matutino – Ensino Fundamental II

Colégio Estadual Presidente Castelo Branco

TERCEIRA AULA (DIA 27/03/2018) = 2 AULAS

- Perpassar a biografia de Heleno Godoy;
- Ler poemas de *A casa, Lugar comum e outros poemas*, “Os Sinos”, de Manuel Bandeira, e “Convite”, José Paulo Paes.
- Organizar grupos para leitura dos poemas a serem distribuídos, alternar a leitura entre os grupos formados, realizar leituras vocalizadas, e propor que os participantes exponham oralmente e escrevam o que apreenderam dos poemas lidos;
- Pedir aos participantes da pesquisa que levem na próxima aula uma foto que faça parte de um álbum de família para que produzam um poema.

CARNAVAL

Ela não era loira,
mas tinha cabelos claros
e vestia-se como andaluza
ou árabe. Ah, a memória!

Dei-lhe uma ponta
de uma serpentina
e ela rodopiou
e se enroscou
naquela fita de papel.

Não, definitivamente
não foi um bom começo.
Além do mais, ela tinha
os pais e dois irmãos,
e eu, pouca serpentina.

(Lugar comum e outros poemas)

BICICLETA

Um dia ela chegou, de caminhão,
em embalagem de papelão,
e ali mesmo, em frente à nossa
casa, foi desembalhada
e prontamente montada.
era vermelho escuro, de marca
famosa e bem reconhecida.

Meu pai foi o primeiro
a montá-la e pedalá-la
e minha mãe gritava
“Que é isso, cuidado,
a bicicleta é do menino!”
e quem estava em volta ria
e se divertia e meu pai
pedalava e eu imaginava
que andar de bicicleta
devia ser bom, quando
aprendesse, pois se todos
se alegravam e meu pai
dizia “A gente nunca
se esquece!” imaginei
um dia ser tão grande
e tão forte para andar
de bicicleta como meu pai,
e nunca me esquecer.

(Lugar comum e outros poemas)

PRIMEIRA PROFESSORA

Minha primeira professora,
no grupo, era bonita. Tão bonita,
que arranjou logo um casamento.

Dei-lhe um pé de chuchu,
plantado numa lata, de presente.
Acreditei que ela, um dia,
comeria de seus frutos.

Não foi possível. Morreu
quando sua família exigiu
que fizesse um aborto: ela
não podia ser mãe com só
cinco meses de casamento.

(Lugar comum e outros poemas)

A DIRETORA DO GRUPO

De vez em quando, como um susto
que a gente leva, um morcego tanto
mais veloz quanto menos esperado,
ela aparecia no grupo com um olhar
escuro, manchas e marcas na mãos,
no corpo como nos abraços e pernas.

“Um armário que limpava em casa,
caiu sobre mim, olha como me deixou.”
Explicava a quem curioso lhe olhava
fixo, indagando sem nada dizer. Ela...
ela tinha um olhar de augusta figura
sofrida, pois todo mundo sabia bem,

que o marido lhe batia e lhe imprimia
aquelas marcas que, ao menos uma vez
por mês, ela creditava a um móvel
qualquer, que em qualquer casa cai.
Vizinhos, melhor que todos, ouviam
gemidos abafados, quando, por um

motivo fútil qualquer, seu marido lhe
dava o que pensava, no mínimo, fosse
um castigo necessário. Tal como ele,
na cadeia, e como delegado, gordo
e forte, ensinava a presos, criminosos,
corretivos que treinava nela, em casa.

(Lugar comum e outros poemas)

UMA CASA VAZIA E PLENA,
de enfeites e móveis,
uma casa, se vale a pena,
não necessita destas coisas.

Que outras coisas, então, botar
na casa ao habitá-la, con-
frontando-a com que outras,
adoçando-lhes os contornos?

Como preencher o vazio que
se acumula entre tantos
trastes ajuntados ao longo
de todos os anos juntos?

Uma casa... uma casa contém
mais perguntas que respostas,
mais vazios que propostas,
respostas ao que lhe convém.

(A casa)

DEPOIS DE VESTI-LA, O HABITÁ-LA,
por etapas: primeiro, uma cama,
e só depois os móveis da sala.

Se se lembra, ao mesmo tempo,
pois nem só de pão há falta em
casa, então compra-se o fogão.

Cada um põe na casa o que a si
mesmo representa: o que o homem
pode pôr e põe, a mulher cobre –

de toalhas, de colchas, de flores
- os enfeites, como véus diáfanos,
disfarces da pele ou casca da casa;

o que a mulher põe ou pode pôr,
o homem também cobre: a ela mesma
e à própria casa, como um telhado.

(A casa)

Álbum de Família

Esta menina com uma flor na mão
não sabe ainda, mas será minha mãe.
Aquele menino lá, de uniforme, será
um de meus muitos tantos tios.
De um lado como do outro, não
faltarão parentes: este meu avô
aqui, de bigode, ou esta avó magra,

que irá morar longe, num sanatório.
Numas outras fotos, estes outros
avós, que a sorte e a saúde muito
mais tempo mantiveram por perto.

De uma caixa de sapatos é que saem,
pois lá guardadas, todas essas fotos
velhas, algumas com rasgados, outras
amareladas, outras tantas desfocadas.

Não estão num álbum dispostas,
ordenadas e exibidas. Não. Aqui,

nesta caixa, muito mais que num
álbum organizado, encontros certas
as biografias que me fascinam,
as lembranças embaralhadas,
roupas às vezes em desalinho,
instantâneos precisos, muito
mais nítidos que fotos de estúdio
ou de festas fartas, de aniversários
ou casamentos, batizados, enterros.

(Lugar comum e outros poemas)

NAMOROS

Naquele tempo,
olhava-se.
Um olho no outro,
a ponto de não
se ver mais nada.

Se o amor é cego, naqueles
Tempos ele enxergava bem,
para muito além
da superfície do rosto,
sempre aquele olho posto
no olhar do outro olho,
fosse em janeiro
ou no mês de agosto,
quando o vento soprava
e mais doía a poeira na retina
exposta, sua atenção na outra
que ali passava, naquele outro rosto, sua sina,
também exposto.

Naqueles tempos, um olhar
valia mais. Quando nada,
ficava a impressão
de grande intensidade.

Lugar comum e outros poemas

OUTRO NOME

meu nome escrevo,
roda dos ventos
em toda direção,
sou eu esse vento

escrevo este nome,
roda dos tempos
em todo compasso,
sou eu esse som

quando passo, faço
um estrago, arranco
tudo o que tem
raiz, fincado ou não

quando sou, traço
um espaço, provoco
tudo o que tem um
tom, trançado ou não

são duas estas coisas,
quando toco um fio,
quando arranjo um
sopro que dissimula.

(Lugar comum e outros poemas)

Convite

Poesia
é brincar com palavras
como se brinca
com bola, papagaio, pião.

Só que
bola, papagaio, pião
de tanto brincar
se gastam.

As palavras não:
quanto mais se brinca

com elas
mais novas ficam.

Como a água do rio
que é água sempre nova.

Como cada dia
que é sempre um novo dia.

Vamos brincar de poesia?

(José Paulo Paes)

PEDIDO DE UM POEMA

Pedem-me um poema contundente,
de denuncia contra a guerra e todas
as injustiças. Não posso fazê-lo,
ficará muito grande, será sempre
incompleto, muito cáustico, triste
em demasia, vulnerável a todas
as argumentações contrárias, e,
por certo, ainda, exagerado, repetitivo,

Pedem-me um poema de denúncia
contra todos os erros de governos
e governantes. Não posso fazê-lo,
ficará restrito a um só tempo, por
demais completo, muito severo,
rípido em demasia, condenável por
todas as argumentações contrárias,
talvez, ainda, ressentido e mesquinho.

Pedem-me um poema de amor, forte,
franco, a favor de toda a esperança
que resta. Mas não posso, como aos
outros, fazê-lo, ficará pequeno, talvez tão
triste,
claro, vulnerável a todas as lágrimas
que ainda restem, por certo exagerado,
repetitivo, mesquinho e ressentido.

(Lugar comum e outros poemas)

Os Sinos

Sino de Belém,
Sino da paixão...
Sino de Belém,
Sino da paixão...
Sino do Bonfim!...
Sino da paixão, bate bão-bão-bão.

Sino do Bonfim, por que chora assim?...

Sino de Belém, que graça ele tem!
Sino de Belém bate bem-bem-bem.
Sino da paixão. – pela minha irmã!
Sino da paixão. – pela minha mãe!

Sino do Bonfim, que vai ser de mim?...

Sino de Belém, como soa bem!
Sino de Belém bate bem-bem-bem.
Sino da paixão... Por meu pai?... –Não!
Não!
Sino da paixão bate bão-bão-bão.

Sino do Bonfim!...

Sino de Belém, pelos que ainda vêm!
Sino de Belém, bate bem-bem-bem.
Sino da paixão, pelos que ainda vão!
Sino do Bonfim, baterás por mim?...

Sino de Belém,
Sino da paixão...
Sino da paixão pelo meu irmão...
Sino da paixão,
Sino do Bonfim...
Sino do Bonfim, ai de mim, por mim!

Sino de Belém, que graça ele tem!

(Manuel Bandeira)



Mestranda: Renata Magalhães Vaz Assis

Orientadora: Prof^a Dr^a Célia Sebastiana Silva

Turma: 8º ano C – Turno Matutino – Ensino Fundamental II

Colégio Estadual Presidente Castelo Branco

Aluno(a): _____

- Depois de ler alguns poemas, relate o que compreendeu do poema o qual ficou responsável.

POEMA: _____

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.



Mestranda: Renata Magalhães Vaz Assis

Orientadora: Prof^a Dr^a Célia Sebastiana Silva

Turma: 8º ano C – Turno Matutino – Ensino Fundamental II

Colégio Estadual Presidente Castelo Branco

QUARTA AULA (DIA 10/04/2018) = 2 AULAS

- Pedir aos participantes da pesquisa que produzam um poema com base em uma foto de um álbum de família (pegar uma foto da família antes de eles terem nascido e retratar por meio de texto – poema – o que eles vêem na foto);
- Propor a produção de cartas as quais serão entregues ao escritor Heleno Godoy.



Mestranda: Renata Magalhães Vaz Assis

Orientadora: Prof^a Dr^a Célia Sebastiana Silva

Turma: 8º ano C – Turno Matutino – Ensino Fundamental II

Colégio Estadual Presidente Castelo Branco

Aluno(a): _____

- Produza um poema com base em uma foto de um álbum de sua família. Seja criativa(o)!

POEMA: _____

[illegible]



Mestranda: Renata Magalhães Vaz Assis

Orientadora: Prof^{ca} Dr^a Célia Sebastiana Silva

Turma: 8º ano C – Turno Matutino – Ensino Fundamental II

Colégio Estadual Presidente Castelo Branco

Aluno(a): _____

➤ **CARTA A HELENO GODOY...**

This image shows a full page of blank white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page, providing a template for writing or drawing. There are no margins, text, or other markings on the page.



Mestranda: Renata Magalhães Vaz Assis

Orientadora: Profª Drª Célia Sebastiana Silva

Turma: 8º ano C – Turno Matutino – Ensino Fundamental II

Colégio Estadual Presidente Castelo Branco

QUINTA AULA (DIA 17/04/2018) = 1 AULA

- Reaplicação do questionário semiestruturado para via de análise e comparação ao primeiro questionário já aplicado;
- Agradecimentos e finalização da pesquisa.

ANEXO 2.2

Aplicação e reaplicação de questionário semiestruturado



Mestranda: Renata Magalhães Vaz Assis

Orientadora: Profª Drª Célia Sebastiana Silva

Turma: 8º ano C – Turno Matutino – Ensino Fundamental II

Colégio Estadual Presidente Castelo Branco

Aluno (a): _____

PRIMEIRO QUESTIONÁRIO

- Leia o questionário abaixo e responda-o de acordo com sua vivência e experiência diária.

1. Como vê sua proximidade com a literatura?

2. Qual clássico despertou em você o gosto e o prazer pela literatura? Ou ainda não teve esse encontro mais intenso com a ‘arte’?

3. A literatura na escola é:

- a) Pouco incentivada;
- c) Bastante trabalhada;
- d) Parte de um processo ainda em construção;
- e) Colocada em segundo plano dentro da escola;

4. Para você, o que é ‘poesia’?

5. Em algum momento de sua vida já teve contato com o termo ‘literatura regionalista’?
() sim () não
6. Como entende ‘literatura regionalista’?

7. Saberria apontar ao menos dois nomes de escritores goianos?

8. Já ouviu ou leu algo a respeito do escritor e poeta ‘Heleno Godoy’?
() sim () não
9. Em caso positivo:
a) Obteve contato com a obra do escritor? Qual?

b) Por qual meio de comunicação esse acesso foi possibilitado?



Mestranda: Renata Magalhães Vaz Assis

Orientadora: Profª Drª Célia Sebastiana Silva

Turma: 7º ano A – Turno Matutino – Ensino Fundamental II

Colégio Estadual Presidente Castelo Branco

Aluno (a): _____

REAPLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

- Releia o questionário abaixo e responda-o de acordo com as experiências vivenciadas recentemente por você em nossos encontros.

1. Como vê sua proximidade com a literatura?

2. Qual clássico despertou em você o gosto e o prazer pela literatura? Ou ainda não teve esse encontro mais intenso com a ‘arte’?

3. A literatura na escola é:

- a) Pouco incentivada;
- b) Bastante trabalhada;
- c) Parte de um processo ainda em construção;
- d) Colocada em segundo plano dentro da escola;

4. Para você, o que é ‘poesia’?

5. Em algum momento de sua vida já teve contato com o termo ‘literatura regionalista’?

() sim () não

6. Como entende ‘literatura regionalista’?

7. Saberria apontar ao menos dois nomes de escritores goianos?

8. Já ouviu ou leu algo a respeito do escritor e poeta ‘Heleno Godoy’?

() sim () não

9. Em caso positivo:

a) Obteve contato com a obra do escritor? Qual?

b) Por qual meio de comunicação esse acesso foi possibilitado?

ANEXO 3

Entrevista com Heleno Godoy



Mestranda: Renata Magalhães Vaz Assis

Orientadora: Prof^a Dr^a Célia Sebastiana Silva

ENTREVISTA COM O POETA “HELENO GODOY”

O documentário produzido com Heleno Godoy percorreu etapas importantes. Tais como:

- Coleta da assinatura e autorização do poeta, através do TCLE, para a produção do documentário e divulgação de sua imagem e relatos;
- Diálogo com o escritor, antes do início da gravação, e esclarecimento dos tópicos que foram abordados no documentário por meio de “palavras/frases-chave”:
 - ✓ Quem é “Heleno Godoy”?;
 - ✓ Relação poesia e formação do jovem leitor;
 - ✓ Importância da poesia na sala de aula, na escola e na sociedade;
 - ✓ A sua poesia atinge o leitor/aluno da Educação Básica?;
 - ✓ Como professor, você acha que os alunos dos cursos de Letras dão conta de ler poesia com os jovens leitores?.

ANEXO 4

Roteiro para edição do documentário



Mestranda: Renata Magalhães Vaz Assis

Orientadora: Prof^a Dr^a Célia Sebastiana Silva

ROTEIRO DO DOCUMENTÁRIO

CENA 1

- Fundo com imagem vintage e envelhecida: aparecimento gradativo em letras “amareladas”, com contorno em preto, do título do documentário:

Heleno por Heleno: vida, poesia e ensino.

CENA 2

- Descrição do documentário: fundo preto, aparecimento gradativo em letras brancas:

Este documentário é um produto educacional da pesquisa de mestrado em Ensino na Educação Básica (PPGEeb/CEPAE/UFG) intitulada: **POESIA MODERNA E CONTEMPORÂNEA E FORMAÇÃO DO LEITOR: a produção poética de Heleno Godoy em sala de aula**, de autoria de Renata Magalhães Vaz Assis, orientada por Célia Sebastiana Silva.

CENA 3

- Heleno Godoy falando dos livros que leu em sua biblioteca 6’10’’-6’19’’/6’23’’-6’27’’, vídeo 3525

CENA 4 e 5

- Fundo preto, letras brancas, aparecimento gradativo:

Um documentário de Renata Magalhães Vaz Assis

CENA 6

- Música clássica: Chopin – Nocturne op. 9. No.2
- Imagem 00'08" do vídeo 3525 (retratos de Godoy filmados em sua biblioteca pessoal e pendurados na parede do local)
- Surgimento do poema “Álbum de família” saindo, de baixo pra cima, da parede branca do local, com letras pretas.

Álbum de Família

Esta menina com uma flor na mão
 não sabe ainda, mas será minha mãe.
 Aquele menino lá, de uniforme, será
 um de meus muitos tantos tios.
 De um lado como do outro, não
 faltarão parentes: este meu avô
 aqui, de bigode, ou esta avó magra,
 que irá morar longe, num sanatório.
 Numas outras fotos, estes outros
 avós, que a sorte e a saúde muito
 mais tempo mantiveram por perto.

De uma caixa de sapatos é que saem,
 pois lá guardadas, todas essas fotos
 velhas, algumas com rasgados, outras
 amareladas, outras tantas desfocadas.

Não estão num álbum dispostas,
 ordenadas e exibidas. Não. Aqui,
 nesta caixa, muito mais que num
 álbum organizado, encontro certas
 as biografias que me fascinam,
 as lembranças embaralhadas,
 roupas às vezes em desalinho,
 instantâneos precisos, muito
 mais nítidos que fotos de estúdio
 ou de festas fartas, de aniversários
 ou casamentos, batizados, enterros.

Lugar comum e outros poemas

CENA 7

- ‘Quem é Heleno Godoy?’ (fundo: Heleno Godoy posicionado ao lado de suas estantes de livros, imagem em preto e branco, frase em destaque e única na cena)

CENA 8

- Fala do poeta 00'04" – 4'12", vídeo 3496

- Imagem 10/161 (caneta presenteada pela pesquisadora ao poeta, com nome de ‘Heleno Godoy’ gravado e data do encontro para o documentário – 04/07/2018, feita sobre a folha do TCLE)
- Continuação do relato 4’41” -10’12”, vídeo 3496
- Imagem 14/161 (Heleno Godoy em frente à sua coleção de cinema).
- Fala do poeta 11’35”-11’48”, vídeos 3496 e 3497

CENA 9

- Música clássica de fundo: Turkish March Mozart – Rondo Alla Turca
- Fundo: imagem de pedaço de papel envelhecido e com marcas cravadas à sua textura, e aparecimento das palavras ‘POESIA / JOVEM LEITOR’
- Imagem 22/161 (livros de Manuel Bandeira – coleção particular de Heleno Godoy)
- Relato 1’18”-7’49”, vídeo 3498
- Imagem 19/161 (Heleno Godoy à frente de uma de suas estantes de livros, com o dedo em um de seus livros e à amostra obras como *Intertexto* (Mario Chamie).
- Continuação da fala 8’26” – 2’00”, vídeos 3498 e 3499

CENA 10

- Aparecimento gradativo de trechos do poema abaixo ao som de Beethoven Silence (o poema aparece do 1º ao 3º verso permanece na cena. Depois, do 4º verso em diante, os versos surgem paulatinamente e ali ficam).

O poema (...)
 desnuda o homem já despido, asse-
 gura ao homem vestido uma chama
 de reverência, o silêncio de espelho
 crédulo, o vazio de uma multidão
 seguindo firme e compassadamente.
 O poema sabe ser inexorável
 como a duplicação de estrada reta:
 segue inalterado, sem fim, ser vivo.

Trímeros

CENA 11

- As palavras ‘SALA DE AULA / SOCIEDADE’ surgem nos portais da biblioteca de Godoy, na cor preta (imagem 00’18”, vídeo 3525: coleção de óperas e visão panorâmica dos ‘quartos’ com as estantes de livros do poeta)

CENA 12

- Relato 00'03"-3'20", vídeo 3500
- Imagem 21/161 (livros de Heleno Godoy – Mario Quintana/Aluísio Azevedo/Teatro Grego/Cecília Meireles/Fernando Pessoa/Gonçalves Dias –, com o poeta próximo a essas obras)
- Continuação da fala do escritor 3'41"-10'23", vídeo 3500
- Imagem 13/161 (coleção de obras cinematográficas de Heleno Godoy)
- Relato do poeta 3'39"-5'25", vídeo 3501

CENA 13

- Poema (o poema aparece vocalizado na cena)

(...)

como um projeto de instabilidade,
amanheço sempre do contra –
viro-me na cama contra a luz,
cubro-me outra vez até a cabeça

moldo o dia pelo pé, onde estabeleço
as diferenças – vou pelo caminho
do meio, se quero conhecer distâncias

Sob a pele

CENA 13

- Imagem 154/161 (livros sobrepostos: *Inventário* (Heleno Godoy), *História Concisa da Literatura Brasileira* (Alfredo Bosi) e *Poesia Brasileira Contemporânea & Tradição* (Solange Fiuza Cardoso Yokozawa/Alexandre Bonfim (Organizadores)))

CENA 14

- Aparecimento da frase 'A POESIA GODOYANA E O LEITOR DA EDUCAÇÃO BÁSICA', com a imagem anterior ao fundo e em preto e branco

CENA 15

- Relato do poeta 0'16"-8'20", vídeo 3502
- Imagem da capa do livro *A casa*
- Continuação da fala do poeta 8'29"-11'01"

CENA 16

-Imagem 161/161 (poema de *A casa* – fundo preto, letras brancas. O poema aparece e, gradativamente, desaparece).

-Música ao fundo: Mozart's 40th Symphony

(...)

no dia a dia da casa?

A não ser que... Claro, certo,

é preciso confessar, sim,

o medo do dia e da noite,

da hora e de cada som que

interfere no andar da casa.

Da casa e seus pertences.

Esse construir de intervalos,

essa graça de alguns dias,

é a casa em seu fazer-se

A casa

CENA 18

- Continuação da fala de Godoy 3'25"-7'45", vídeo 3503

CENA 19

-Imagem 156/161 (capa do livro *Inventário* – Heleno Godoy)

- Relato do poeta 00'05"-4'12"

CENA 20

- Surgimento de palavras 'LETRAS/LEITURA DE POESIA/LITERATURA' (imagem de fundo: Godoy sentado em sua poltrona)

CENA 21

- Relato do poeta 00'14"- 06'18", vídeo 3506

- Imagem 01'46", vídeo 3525 (novamente, Heleno Godoy em frente à sua estante de livros, com o dedo apontado para eles. Dentre as obras que aparecem na cena, há *Ilíada* (Homero) e *O moderno e o modernismo: a soberania do artista* (?????)

-Continuação da fala 7'40"-11'48"

-Fechamento 00'08"-00'23", vídeo 3508

CENA 22

- Ficha técnica (fundo preto, letra branca):

Renata Magalhães Vaz Assis
Direção e Roteiro

Célia Sebastiana Silva
Supervisão

Joene Dos Santos Mota
Edição

Douglas Junio Marinho Da Silva Assis
Filmagem

Douglas Junio M. Da S. Assis / Renata M. V. Assis
Fotografia

Renata Magalhães Vaz Assis
Vocalização

Nocturne op. 9 No. 2 - Chopin
Turkish March Mozart - Rondo Alla Turca
Mozart's 40th Symphony
Ouvertures - Antonio Salieri
Trilhas Sonoras

P. S.: Nesse espaço, deixa-se esclarecido que a descrição das imagens, tais como: 10/161, 14/161, 22/161, 17/161, 19/161, 21/161, 13/161, 154/161, 156/161 são referentes à fotografias realizadas em câmera semiprofissional, totalizando um número de 161 retratos e com número antecedente a esse como referencial da imagem que foi utilizada em cada cena.

Outro destaque é quanto aos minutos e segundos discriminados. Esse tempo descrito refere-se ao vídeo especificado logo ao lado da descrição temporal, e não se refere, portanto, aos minutos e segundos do documentário já editado.

ANEXO 4.1**Documentário (DVD)**

Título: Heleno por Heleno: vida, poesia e ensino.

ANEXO 5

Imagens da capa dos livros *A casa* e *Lugar Comum e outros poemas*

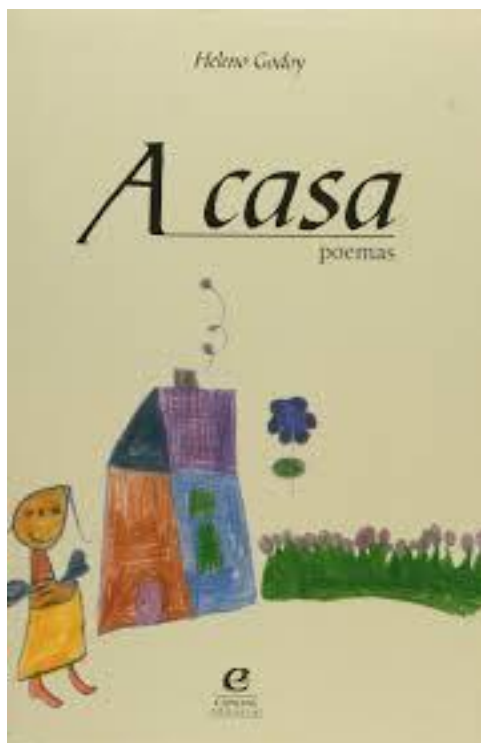


Imagem da capa do livro *A casa* – Heleno Godoy



Imagem da capa do livro *Lugar comum e outros poemas* – Heleno Godoy